

- a tramitação das leis
- a oposição do veto ou da sanção pelo Presidente da República
- a apreciação do veto ou da sanção do Presidente pelo Congresso Nacional
- distribuição, por estado, do número de deputados (*) e senadores
- a duração dos respectivos mandatos
- a presidência do Senado (o Vice-Presidente da República)
- a convocação de ministros pela Câmara ou pelo Senado para prestar informações acêrca de assunto previamente determinado e os pedidos de informação aos órgãos do Poder Executivo.

Dará ainda esclarecimentos sôbre os demais podêres:

PODER JUDICIÁRIO

O Poder Judiciário — no estado e no país — embora com funções paralelas em um e outro, à semelhança do Poder Legislativo e do Executivo, tem jurisdição própria tanto no estado, quanto no país.

Ao Poder Judiciário dos estados cabe julgar os litígios, os crimes comuns etc. que ocorram na esfera estadual entre pessoas que aí residam.

O Poder Judiciário Federal, porém, julga casos mais graves como os litígios entre estados da União, ou entre a União e um estado.

O Poder Judiciário Federal julga ainda as causas de pessoas comuns, em casos de

- habeas corpus
- mandado de segurança
- violação da Constituição ou lei federal etc.

PODER EXECUTIVO

No estado e no país, o Poder Executivo tem atribuições delimitadas, cabendo ao primeiro o que afeta diretamente o desenvolvimento do estado e os interesses da população local, e ao 2.º, o que irá influir no desenvolvimento geral do país e nas condições de vida do brasileiro.

Cabem, assim, ao govêrno local, os melhoramentos urbanos, o incentivo à agricultura e às indústrias locais, a

(*) Art. 58 da Constituição (oportunidade para o correlacionamento com a Matemática).

manutenção dos Serviços Públicos da localidade, das estradas de interêsse apenas estadual etc. etc.

Ao Govêrno Federal estão afetos os mesmos problemas numa perspectiva maior, de modo a ficarem asseguradas a Unidade e a Soberania Nacionais — através de medidas que têm relação, por exemplo, com o equilíbrio financeiro do país, em geral — além de lhe caber prevenir, entre os estados federais, diferenças demasiado marcantes.

Assim, o Govêrno Federal toma iniciativas como estradas interestaduais, grandes barragens, aeroportos, embora conte, por vêzes, com a colaboração dos estados beneficiados.

Quanto às secretarias estaduais e aos ministérios — embora não seja útil às crianças apreender-lhes a complexidade de atribuições — seus objetivos, de modo geral, serão percebidos através de conhecimentos anteriormente adquiridos.

Desde o 2.º ano de Estudos Sociais, as crianças vêm tomando conhecimento dos serviços públicos locais, do comércio, da indústria, dos meios de transporte, de obras em andamento etc.

Assim, ser-lhes-á fácil, agora, enquadrá-los nas respectivas secretarias estaduais, compreendendo a divisão de trabalho, de atribuições, e também a responsabilidade do estado não só quanto às suas atribuições próprias, como também quanto às iniciativas particulares, incentivando-as, regulamentando-as, fiscalizando-as.

Essas iniciativas de cidadão devem ser exemplificadas: construções, atividades de comércio e indústria etc.

O professor não encontrará dificuldade em estender essa compreensão à órbita federal, levando as crianças a apreender, de um modo geral, as atribuições dos ministérios:

Garantia dos podêres constitucionais, da lei e da ordem, proteção das fronteiras e defesa nacional, de modo geral — Ministérios Militares.

Atribuições relativas à organização legal do país e à segurança pública — Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Administração e distribuição das finanças nacionais — Ministério da Fazenda.

Relações diplomáticas, de amizade e comércio entre as nações — Ministério das Relações Exteriores.

Educação Nacional e instituições culturais como museus, por exemplo — Ministério da Educação e Cultura.

Obras de engenharia federais como estradas, barragens, drenagens etc., e meios de comunicação e transporte — Ministério de Viação e Obras Públicas.

Assistência Pública, do ponto-de-vista da higiene e saúde — Ministério da Saúde.

Agricultura e colonização nacionais, compreendendo assistência ao lavrador, fundação de escolas inclusive de nível superior para o estudo da Agricultura, proteção aos índios etc. — Ministério da Agricultura.

Atividades de comércio e indústria no país — Ministério de Comércio e Indústria.

Previdência Social, amparo ao trabalhador de acôrdo com as leis trabalhistas — Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Aproveitamento conveniente das minas e das fontes de energia — Ministério de Minas e Energia.

O professor fará ver a colaboração que uns Ministérios vêm dando aos outros, em trabalho de entrosamento. Assim:

As estradas, os açudes, as barragens, drenagens etc., construídos no NE pelo Ministério de Viação e Obras Públicas — implicam em colaboração dêsse Ministério com o da Agricultura e o da Saúde na colonização, na melhoria da agricultura e das condições de higiene.

O Ministério da Educação, dando ao povo condições de maior discernimento e preparo profissional, colabora com os vários ministérios e com as demais iniciativas no sentido da recuperação e do desenvolvimento do país.

O Ministério da Aeronáutica atingindo, através do *Correio Aéreo Nacional*, populações desprovidas de recursos e a elas levando remédios, alimentos, livros, sementes e pequenas ferramentas agrícolas e, ainda mais, construindo aeroportos e pequenas estradas, com o concurso dos habitantes da localidade — realiza trabalhos afetos aos Ministérios da Saúde, da Educação e Cultura, de Viação e Obras Públicas e de Agricultura (inclusive de colonização: melhoria de condições de vida no local, estimulando a permanência de pequenos núcleos populacionais — o que redundará em objetivos de defesa, pela ocupação, muitas vêzes, das fronteiras).

A mesma importância conferida pelo professor à organização de governo, no país, deverá ser conferida, igualmente, à organização do governo no estado, município ou território.

As crianças, no 3.º ano de Estudos Sociais, já se haviam iniciado nesses conhecimentos, nêles prosseguindo no 4.º ano. Isso após ter iniciado, no 2.º ano, a compreensão de governo como trabalho de equipe.

Agora, no 5.º ano, o professor se pode apoiar no que a criança já sabe, alargando e aprofundando conhecimentos cuja utilidade para a vida futura da criança julgamos ter ficado, neste trabalho, esclarecida e valorizada.

Capítulo 3

HIGIENE E SANEAMENTO

Importância da educação sanitária no Brasil

As crianças, através de experiências anteriormente vividas, habituaram-se a considerar a *saúde* em seu tríplice aspecto: *físico, mental, social*.

Faz-se necessário, agora, alargar suas experiências relativamente a êste último aspecto, de maneira a que possam compreender que, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade, é êsse aspecto o de maior relevância, porque dêle se não podem isolar os demais.

Já foram devidamente tratados os aspectos de saúde ligados aos Serviços da comunidade, aquêles que interferem mais diretamente nos problemas de cada indivíduo.

Será agora tratado com maior ênfase o problema do *saneamento*, que diz respeito a condições de vida — e que se reveste de capital importância entre nós.

Serão objeto de pesquisa alguns dos grandes esforços levados a efeito para o saneamento do país, inclusive:

- o abastecimento de água potável
- a rede de esgotos
- o calçamento estanque das ruas
- a remoção e distribuição do lixo
- a extinção da febre amarela e combate à varíola e outras moléstias epidêmicas.

Será trazido ao conhecimento das crianças o nome dos homens do passado responsáveis por essas medidas de higiene, que nos permitiram melhores condições de vida, e deram

início à obra de saneamento do país. Alguns desses vultos já são do conhecimento das crianças que vivem nas comunidades por êles diretamente beneficiados (Oswaldo Cruz, Saturnino de Brito, Carlos Chagas etc.).

A principal preocupação do professor dirá respeito, naturalmente, à compreensão, pela criança, de que as medidas de saneamento tomadas pelo Governo só darão resultados duradouros se a coletividade as apoiar, colaborando na observância e manutenção das mesmas.

Para isso, há necessidade de uma real *educação sanitária* que se poderá desenvolver através de *campanhas* levadas a efeito pelas crianças, nos moldes das campanhas em prol das medidas de conservação dos recursos naturais (3.º ano págs. 161).

As crianças, no 5.º ano de escolaridade, dispõem de maiores recursos, que serão mobilizados no sentido do êxito desses empreendimentos. Assim, terão larga aplicação as leituras, o cinema, os programas de auditório, o jornal escolar, as exposições etc.

Saúde — “Conquista do esforço e do conhecimento humano (*)

A criança tem sido conduzida à convicção de que nada se realiza sem um mínimo de esforços e vontade persistente. Levá-la-emos então a considerar a *saúde* desse ponto-de-vista, fazendo-a reconhecer que a *saúde* é realmente “uma conquista do esforço e do conhecimento humano”.

Assim, será feito um ligeiro histórico das mais importantes medidas de higiene e saneamento que melhoraram as condições de vida na cidade ou município em que vive a criança, na região e no país.

Do mesmo modo, serão enaltecidos aqueles que as promoveram, dando-se especial relevo à força de vontade, à persistência, ao desprendimento, à capacidade de sacrifício desses homens que nos transmitiram tão belo exemplo de amor ao próximo e solidariedade humana.

(*) Afrânio Peixoto — “Clima e Saúde”.

Será útil o professor mostrar a maneira negativa pela qual tem o povo quase sempre reagido a medidas de higiene que visam a beneficiá-lo. Aproveitar-se-á o aspecto pitoresco, de que se reveste, em geral, essa reação, para tornar evidente que a ela são levados os que carecem de estudo e esclarecimentos. Algumas caricaturas de épocas passadas ilustram de maneira viva este aspecto.



É necessário que o povo confie nas medidas em prol da saúde e considere um dever para consigo próprio, e para com os demais e o Governo, atender aos movimentos nesse

sentido. Por isso desejamos que as crianças participem de maneira atuante nas campanhas que se organizarem em prol da higiene e profilaxia, e que elas mesmas tomem iniciativas em algumas dessas campanhas no meio em que vivem.

Cabe ao professor levá-las à conclusão de que as epidemias e doenças endêmicas são evitáveis.

Lembrar o exemplo dos Estados Unidos que, ao invés de apenas criar lazaretos e proceder a desinfecções contra a febre amarela de Cuba e a peste e o cólera das Filipinas, enviaram higienistas a esses locais e os sanaram, e do Brasil que erradicou a febre amarela e o tifo através de medidas de higiene e saneamento.

Saneamento da cidade do Rio de Janeiro então Capital Federal

Dar o maior relêvo à obra de Oswaldo Cruz, encarregado, pelo presidente Rodrigues Alves, de sanear o Rio de Janeiro, então Capital Federal, que vinha sendo assolada por grave incidência de moléstias transmissíveis, principalmente febre amarela, peste bubônica e varíola, com sério prejuízo para o país, prejuízo não só de vidas humanas, como também de ordem econômica e social. (O pôrto do Rio de Janeiro era evitado por companhias estrangeiras de navegação, e o renome de nosso país estava seriamente comprometido).

A criança deve tomar conhecimento dos processos de combate à febre amarela (*), valorizando-se devidamente a *brigada sanitária*, que constituiu uma das primeiras *equipes de cunho profilático* que se criaram entre nós e da qual saíram os chamados "mata-mosquitos" que fiscalizavam a higienização das casas, logradouros e terrenos baldios.

Serão prestados ainda, à criança, esclarecimentos como os seguintes:

nos lugares que se constituíam em focos de febre amarela e outras moléstias contagiosas fazia-se igualmente a fiscalização da saúde dos residentes.

— para a destruição dos criadouros do mosquito transmissor da doença lançou-se mão de aterros, por exemplo, e

(*) Emilio Ribas e Adolfo Lutz, em São Paulo, em 1903, fizeram os primeiros ensaios de comprovação da doutrina havaneza de que a febre era transmitida por mosquito. Deixaram-se picar pelo mosquito infeccioso, expondo assim a vida.

de substâncias químicas como o querosene, a creolina e também da distribuição de peixes que devoravam as larvas.

— os criadouros eram, muitas vezes, cacos de garrafas e outros recipientes encontrados em quintais e terrenos baldios, as valas, as águas represadas, as calhas obstruídas etc. As crianças compreendem assim a necessidade de quebrar ou de perfurar os frascos e latas que são lançados fora por impréstáveis para o uso.

Terão interêsse, igualmente, em saber que:

os reservatórios d'água, as caixas de descarga eram fechados e calafetados, sendo também alvo de cuidados especiais as galerias de águas e os esgotos, para que aí se não desenvolvessem focos de mosquitos.

os locais em que grassava a moléstia eram expurgados e para isso procedia-se ao encapuzamento completo do prédio, por meio de um toldo que se estendia aos prédios vizinhos que eram igualmente expurgados. Realizavam-se expurgos nas galerias de água e esgotos por meio de gás Clayton.

A peste bubônica foi dominada pela destruição dos ninhos de ratos, impermeabilização do subsolo dos prédios e medidas higiênicas de ordem geral.

A varíola foi combatida pelas vacinações e revacinações, o que faz necessário, uma vez mais, valorizar a cooperação individual.

Será interessante mostrar as dificuldades com que se de-frontavam, por exemplo, os *inspetores sanitários* no cumprimento de sua missão de profilaxia. Eram tais essas dificuldades quanto à profilaxia anti-variólica que o número de vacinações e revacinações por êles praticadas lhes era creditado como "elemento de recomendação", a ser levado em conta quando se trata de ajuizar dos méritos de cada um". (*)

Mostrar que, hoje, é essa profilaxia *medida de rotina*. Mas atentar, igualmente, para o perigo de ser negligenciada a revacinação, a ponto de se transformar em mera exigência burocrática para o ingresso nas escolas e para fins de concursos, viagens etc.

As crianças, assim conduzidas, compreenderão a necessidade de acatar as medidas gerais de higiene e saneamento, assim como a de cooperar segundo suas possibilidades. Lembrar a máxima de Oswaldo Cruz na luta ingente pela obrigatoriedade da vacinação e revacinação:

(*) Artigo 212 do Regulamento Sanitário, Decreto n.º 1156 de 8 de março de 1904.

“Não esmorecer para não desmerecer”.

A obrigatoriedade, por lei, da vacinação e revacinação deve ser comentada em classe. E mais uma vez encarecida a obra de Oswaldo Cruz que tanto lutou pela vigência de uma *legislação sanitária*.

Aplicada essa legislação de Saúde Pública, houve verdadeira remodelação de hábitos concernentes à higiene pública, com resultados incalculáveis para a salubridade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que se ia criando no povo mentalidade sanitária. As crianças poderão organizar um “Codigo Sanitário” para observância, pelos alunos em geral, das principais regras de Higiene.

Oswaldo Cruz procedeu ainda à remodelação de nossos portos — que se achavam à mercê de invasões epidêmicas — e cuidou seriamente da *polícia sanitária marítima*.
É de grande significação acentuar o espírito público de Oswaldo Cruz que, visando a êsse objetivo, dispendeu enorme energia, chegando mesmo a sacrificar suas condições de saúde.

Embora doente, percorreu a costa brasileira e os rios de maior importância, a fim de coligir dados que permitissem realizar a melhoria de condições desejada.

Para ilustrar o valor dessa realização basta o seguinte: anteriormente à obra de Oswaldo Cruz, era de tamanha gravidade a situação de nossos portos, que, da guarnição de 240 homens do contratorpedeiro italiano “Lombardi” aqui chegado, sobreviveram apenas 136, e destes apenas sete não foram acometidos de febre amarela:

entretanto, já em 1908, quinze mil marinheiros norte-americanos desembarcaram e visitaram toda a cidade durante duas semanas, sem que se verificasse um só caso de febre amarela; o mesmo aconteceu com poderosa esquadra inglesa que pouco depois nos visitou, e também com a esquadra francesa, que aqui aportou em fins de 1909.

Solicitado pelo Governo do Pará para extinguir a febre amarela em Belém, Oswaldo Cruz o fez em seis meses.

Pesquisas e estudos — necessidade de equipes de trabalho

As crianças, reconhecendo nas realizações de Oswaldo Cruz profundo sentido humano e nítida orientação científica, compreendem agora o quanto havia de afligi-lo a carência de homens que se dedicassem à pesquisa e aos estudos e

assegurassem, portanto, através não só de maiores conhecimentos científicos, mas também da renovação desses conhecimentos, a melhoria de condições de saúde.

Daí a nova orientação por êle dada ao Instituto Soro-térápico Federal — cuja finalidade era a de preparar soro contra a peste bubônica e que foi transformado em escola e centro experimental.

Adaptando-se às exigências de novas situações que surgiam, foi o atual Instituto Oswaldo Cruz (*) ampliando seus objetivos de pesquisa e estudo, correspondendo assim às esperanças do grande brasileiro criador dos estudos de Higiene e Medicina experimental no Brasil.

O professor deverá ressaltar, ainda, na personalidade de Oswaldo Cruz, o desprendimento aliado à segura visão de necessidades futuras, o que o conduziu a formar uma equipe de pesquisadores, visando não apenas a um resultado imediato, mas sim ao prosseguimento das pesquisas e da obra iniciada.

A organização por êle impressa aos laboratórios e às pesquisas do Instituto de Manguinhos, e o alto valor científico dos trabalhos que apresentou sobre as campanhas sanitárias no Brasil, asseguraram para o nosso país, dentre muitas nações concorrentes, o 1.º prêmio, medalha de ouro, na exposição de Higiene, em Berlim (1907).

O professor, emprestando à obra de Oswaldo Cruz o sentido de um estímulo e incentivo às crianças, deve sintetizá-la num dos lemas de sua predileção:

“Saber, esperar, querer, poder”

Medidas gerais de saneamento combate aos males de mais grave incidência no Brasil

Nas obras de saneamento, no Brasil, em geral, convém destacar a importância do combate à Ancilostomose (opilação, amarelão, mal da terra), ao Impaludismo ou Malária, à Doença de Chagas e ao Beribéri:

Ancilostomose — estende-se a todo o território nacional, grassando principalmente entre as populações suburbanas,

(*) Antes da denominação atual, foi o Instituto conhecido, aliás mundialmente, por “Instituto de Manguinhos”.

rurais e sertanejas (as condições de calor e umidade favorecem a vida do parasita, estando o solo praticamente todo contaminado).

No Rio Grande do Sul, verifica-se menor propagação devido ao frio; no Nordeste a infestação se dá apenas na época das chuvas.

A doença empobrece o sangue, tornando qualquer cicatrização mais demorada.

Cabe ao professor ação constante junto às crianças e mesmo a seus familiares, no sentido de combater a moléstia através de medidas como:

— andar calçado
— lavar constantemente as mãos e os pés em água corrente para que as larvas sejam carregadas pela corrente, sempre que estiverem trabalhando em terra úmida ou em charco (*)

— usar convenientemente os aparelhos sanitários etc. além das medidas gerais de saneamento.

Impaludismo — isentas as regiões dos planaltos mineiros e os Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em parte devido à imigração de elementos vindos de meios de maior cultura sanitária; grave incidência no Pará, Amazonas, Norte de Goiás e de Mato Grosso, no Maranhão e na Baixada Fluminense.

*Doença de Chagas (**)* — em Minas Gerais, Goiás, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Bahia;

transmissor — o "barbeiro", inseto domiciliar, alado, escuro, de costas achatadas e de 2 cm de comprimento. Alimenta-se de sangue, infeccionando o homem por ocasião da picada; atacando o coração, é doença mortal, contendo-se o bócio, a loucura, o tracoma, aleijões etc., entre os males que acarreta.

Mais uma vez o professor deverá alertar sobre a maneira simples e fácil de se evitar males tão grandes, isto é, sobre a necessidade de se rebocar as casas, o que, por si só, as protege do barbeiro, cujo "habitat" são as frestas das paredes.

(*) Os chineses protegem os pés, nessas ocasiões, cobrindo-os com uma camada leve de pixe sobre a qual derramam areia fina ou serragem.
(**) Carlos Chagas, higienista do Instituto de Manguinhos, descobriu o agente específico da Doença de Chagas, quando procurava debelar a malária, durante a construção do prolongamento da Central a Pirapora.

Beribéri — avitaminose: carência de vitamina B1 em consequência da alimentação com base na farinha de água e xarque.

Além da organização de postos sanitários, são medidas de saneamento relativas a

— impaludismo ou malária
regularização e retificação de rios
drenagem, terraplenagem, atêrro
dessecamento de pântanos
limpeza dos açudes (o mosquito só dá em água rasa)
distribuição de peixes que devoram as larvas
coletar as águas em valas ou sarjetas
escolha do local das casas (lugar ventilado, alto)
galpões telados
mosquiteiros
localização dos acampamentos em clareiras — destruir o mato (o mosquito não atravessa lugares ensolarados)

— ancilostomose:

construção de fossas

São medidas básicas para o saneamento:

construção e extensão das rédes ferroviárias
planejamento relativo à localização dos núcleos humanos
núcleos com possibilidade de renda para cuidar seriamente da higiene, saúde e instrução.

As crianças, tomando conhecimento das medidas de saneamento levadas a efeito no passado, e das medidas que ora se aplicam nesse sentido, têm sido levadas a verificar, através das regras práticas dessas medidas de higiene, que estão aptas a colaborar em benefício de si próprias e das condições de vida locais.

Assim, caberá à Escola encarecer a importância do que elas próprias podem realizar, visando ao bem-estar comum, do qual depende, é claro, o progresso da localidade.

Poderão, por exemplo, difundir regulamentos sanitários, ensinar medidas higiênicas de proteção, como a necessidade de rebôco, a destruição do mato ao redor das casas etc.

O professor deverá mostrar, o mais possível de maneira objetiva, aproveitando talvez medidas que venham sendo tomadas, que o saneamento deve resultar do esforço simultâneo e contínuo da União, do Estado, do Município e da população, em geral.

Poderão ainda ser ressaltados exemplos de colaboração, no passado, entre higienistas e engenheiros, possibilitando obras como a construção da Estrada de Ferro do Rio d'Ouro da Madeira-Mamoré, do prolongamento da Central do Brasil até Pirapora na Bahia e a canalização das águas dos rios Xerém e Mantiqueira com o objetivo de abastecer d'água a então Capital Federal.

Aliás, essas obras de adução dos rios na região de Xerém constituíram-se em verdadeiro *marco* para o conhecimento da malária.

Será interessante as crianças tomarem conhecimento das medidas sugeridas por Oswaldo Cruz e posteriormente aplicadas a essa região pelos higienistas que dela se ocuparam. O caráter prático de que se revestem e o apaixonado interesse que revelam de parte do grande sanitaria valem como lição e estímulo para as nossas crianças. O professor saberá valorizá-las nesse sentido.

Sugestões de Oswaldo Cruz aplicadas à região de Xerém: dessecamento dos pântanos — engajamento de pessoal em zona não infestada — uso de quinino pelos sãos — distribuir os homens em grupos pequenos sob a responsabilidade de um "distribuidor" (encarregado de fornecer quinino ou atebriina a horas certas) — recompensar com a metade dos seus salários os distribuidores que não tivessem um só doente em sua turma — recompensar o operário que não tivesse um só ataque de malária, durante 3 meses, com 1/5 do ordenado — usar galpões telados — multar aquêles que fôsse encontrado sem mosquiteiro estendido — utilizar água fervida nos acampamentos (profilaxia da disenteria) — impedir a venda de bebidas alcoólicas (o álcool diminui a resistência).

Capítulo 4

PLANEJAMENTO E AÇÃO NO SENTIDO DA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA NA AMAZÔNIA

— Interesse de informar as crianças a respeito.

Uma das regiões que mais têm preocupado ultimamente o governo é a região amazônica, devido aos obstáculos que apresenta ao aproveitamento regular de sua potencialidade econômica.

As crianças, desde o 4.º ano de Estudos Sociais, já têm conhecimento suficiente da região e suas possibilidades, para compreender, agora, os obstáculos que se têm oposto à ação do homem. Informaram-se, por exemplo, a respeito de uma das conseqüências de nossos processos de colonização que teve grande influência nas condições precárias de higiene e saneamento na Amazônia: a dispersão da população rural*

Assim, os aspectos relativos ao problema de higiene e saneamento na Amazônia poderão ser agora mais facilmente assimilados, à luz dos conhecimentos já adquiridos.

O professor dará ao problema de higiene e saneamento a importância que lhe cabe, como problema-chave para o desenvolvimento de qualquer região. Em conseqüência serão valorizados os empreendimentos que se vêm realizando recentemente, no sentido de vencer êsses obstáculos e criar, para o homem do Norte, condições de vida mais favoráveis.

(*) Se o professor dispuser de um mapa a respeito, será útil mostrá-lo às crianças, dando as necessárias explicações.

O professor poderá informar a respeito da criação, para esse fim, de um organismo especial, a SPVEA (*).

As realizações da SPVEA objetivarão, para as crianças, os planos e ação do governo e as esperanças de melhoria de condições para tão grande e importante região.

Dentre as causas mais graves das condições precárias da Amazônia, o professor dará, pois, relêvo à dispersão da população rural, trazendo dificuldade às medidas de saneamento. As demais causas dos problemas dessa região, excluindo é claro as referentes à alimentação (**) — deficiência de produção alimentar, maus hábitos alimentares e de higiene em geral, métodos agrícolas rudimentares, sistema de abastecimento deficiente etc. — serão tratadas conforme o interesse e a capacidade de apreensão dos alunos, levando-se em conta, também, a amplitude de informações que hajam colhido através de jornais, de revistas etc.

É justamente o progresso dos meios de comunicação e demais meios de difusão — postos muitas vezes ao alcance do povo — que nos leva a considerar imprescindível fornecer às crianças conhecimentos seguros sobre a realidade brasileira.

A escola precisa ajudá-las a compreender essa realidade a fim de que a mesma não seja deturpada por opiniões nem sempre acertadas.

Entretanto, é preciso ter em vista a necessidade de mostrar que há preocupação do governo Municipal, Estadual e Federal em atender a esses problemas — o estímulo é necessário a uma futura cidadania efetiva.

No caso de não se haver ainda verificado esse interesse governamental é melhor, no momento, não levantar o problema a menos que a criança o solicite, o que levará o professor a atendê-la com a prudência necessária e no sentido da formação da criança.

Parece-nos da maior importância, entretanto, para os alunos de curso primário, muitos dos quais encerram seus estudos no 5.º ou 6.º anos da escola elementar, o conhecimento de que o governo se vem preocupando com o problema básico de higiene e saúde, considerando não só as condições de vida da região, como suas possibilidades econômicas.

(*) Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

(**) O Amazonas importa: arroz, feijão, farinha, carnes, laticínios, bebidas.

O Pará: feijão, carnes, laticínios, óleos e gorduras.

O professor poderá informar a respeito da criação, para esse fim, de um organismo especial, a SPVEA (*).

As realizações da SPVEA objetivarão, para as crianças, os planos e ação do governo e as esperanças de melhoria de condições para tão grande e importante região.

Dentre as causas mais graves das condições precárias da Amazônia, o professor dará, pois, relêvo à dispersão da população rural, trazendo dificuldade às medidas de saneamento. As demais causas dos problemas dessa região, excluindo é claro as referentes à alimentação (**) — deficiência de produção alimentar, maus hábitos alimentares e de higiene em geral, métodos agrícolas rudimentares, sistema de abastecimento deficiente etc. — serão tratadas conforme o interesse e a capacidade de apreensão dos alunos, levando-se em conta, também, a amplitude de informações que hajam colhido através de jornais, de revistas etc.

É justamente o progresso dos meios de comunicação e demais meios de difusão — postos muitas vezes ao alcance do povo — que nos leva a considerar imprescindível fornecer às crianças conhecimentos seguros sobre a realidade brasileira.

A escola precisa ajudá-las a compreender essa realidade a fim de que a mesma não seja deturpada por opiniões nem sempre acertadas.

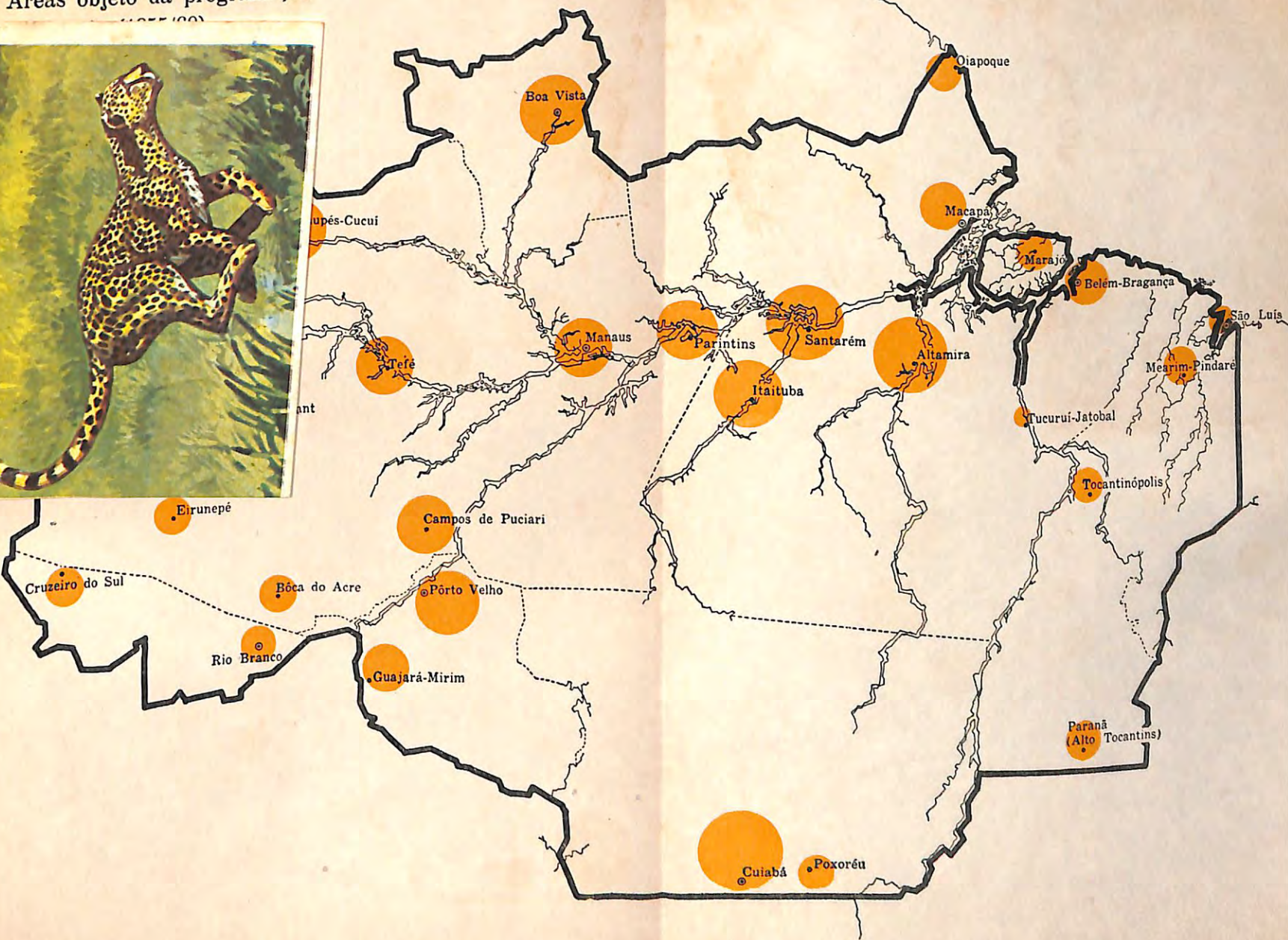
Entretanto, é preciso ter em vista a necessidade de mostrar que há preocupação do governo Municipal, Estadual e Federal em atender a esses problemas — o estímulo é necessário a uma futura cidadania efetiva.

No caso de não se haver ainda verificado esse interesse governamental é melhor, no momento, não levantar o problema a menos que a criança o solicite, o que levará o professor a atendê-la com a prudência necessária e no sentido da formação da criança.

Parece-nos da maior importância, entretanto, para os alunos de curso primário, muitos dos quais encerram seus estudos no 5.º ou 6.º anos da escola elementar, o conhecimento de que o governo se vem preocupando com o problema básico de higiene e saúde, considerando não só as condições de vida da região, como suas possibilidades econômicas.

(*) Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.
 (**) O Amazonas importa: arroz, feijão, farinha, carnes, laticínios, bebidas.
 O Pará: feijão, carnes, laticínios, óleos e gorduras.

Áreas objeto da programação



Dêsse modo, as pesquisas sôbre o assunto serão encaminhadas levando ao conhecimento das seguintes medidas relativas ao saneamento:

convênios com o Departamento Nacional de Endemias Rurais e o Serviço Especial de Saúde Pública:

rêdes de abastecimento d'água — projetos já concluídos ou em fase adiantada de execução

hospitais — melhoria de alguns e construção de novos, além de postos de saúde

drenagem — regularização de regime de águas próximo a Belém e a São Luiz.

Será útil as crianças tomarem conhecimento das campanhas empreendidas, a fim de que mais uma vez sejam informadas a respeito da importância da profilaxia das doenças transmissíveis.

CAMPANHAS DE PROFILAXIA

— da filária (índice de infestação elevado em Belém e Manaus): uso de inseticidas de ação residual; uso de larvicidas; obras de saneamento, de hidrografia e engenharia (drenagens).

— da boubá (devido, em grande parte, à subnutrição) cêrca de oitenta municípios foram trabalhados e sessenta mil pessoas tratadas pelas equipes volantes do Departamento.

— da malária: desinfecções domiciliares (matar as anofelinas na fase larvária), cloroquinação do sal (método Pinotti)

— da esquistossomose; educação sanitária, construção de fossas, aplicação de moluscocidas de ação rápida

— da brucelose: tratamento preventivo e curativo dos grupos atingidos ou vulneráveis, paralelamente às medidas para erradicação dos focos endêmicos dos rebanhos e a vacinação em massa dos bezerros até dez meses de idade.

Quanto à *alimentação*, a SPVEA se vem preocupando com as seguintes medidas:

fomento seletivo de alguns produtos agrícolas, com expansão de suas áreas de cultivo (milho, arroz, batata, feijão, mandioca),

distribuição da semente de milho híbrido (de maior rendimento por unidade de superfície e maior resistência às pragas e moléstias) — o que importa em incentivo à melhoria de técnicas agrícolas e à criação de gado leiteiro e suíno e de aves, além de possibilitar maior produção de farinhas e a instalação de indústrias de produtos e subprodutos.

Quanto aos produtos de origem animal, como leite, carne, planeja a SPVEA aumentar a produção através da criação de gado que se adapte ao clima, e de ensinamentos de ordem técnica como os que se referem às pastagens artificiais com gramíneas e leguminosas, às rações complementares etc.

A aprendizagem relativa ao 3.º ano de Estudos Sociais (aproveitamento de recursos naturais, uso inteligente do solo etc.) já preparou a criança para compreender e valorizar essa ajuda governamental.

Além de assistência técnica deverá ser prestada ajuda econômica, para a compra do gado, por exemplo.

Visando a maior alcance econômico, serão aperfeiçoados os matadouros existentes e construídos matadouros industriais e armazéns frigoríficos, nos lugares tecnicamente apropriados, devendo resultar daí a implantação de sociedades de economia mista e a organização de cooperativas (*) de criadores para exploração da indústria de carnes.

Estão sendo, ainda, realizados pela SPVEA os estudos relativos aos problemas de suprimento alimentar às grandes cidades

- necessidade de rês estaduais de armazenagem,
- estabelecimento de feiras livres e mercados
- construção de centros de abastecimento em Belém, São Luiz, Manaus e Cuiabá, por sociedades de economia mista etc.

A SPVEA vem realizando também estudos relativos à pesca, fator alimentar, por excelência, da região, mas que não adquiriu ainda a importância econômica que seria de prever. Vem estudando medidas que importam em colonização, isto é, no estabelecimento futuro de núcleos de pesca em que sejam afastados não só inconvenientes da dispersão das áreas pesqueiras, como também a rotina e o individualismo.

As crianças, a título de curiosidade, poderão verificar, no mapa, as áreas mais piscosas, tomando conhecimento, então, de que essa piscosidade reflete o que se poderia chamar

(*) O sentido do cooperativismo será, necessariamente, explicado às crianças que nele verão um esforço conjunto para o bem-estar comum. Faz-se necessário valorizar o cooperativismo como fator de progresso. O cooperativismo emancipa, desenvolvendo a Economia, e educa, eliminando antagonismos e privilégios.

Seria interessante que as crianças organizassem uma Cooperativa, para o que aconselhamos as publicações do Ministério da Agricultura e ainda o "Manual da Organização Cooperativa" da Campanha Nacional de Material de Ensino do M.E.C.

de "qualidade" das águas, qualidade essa ligada às perspectivas de boa produção, na seguinte ordem:

1.º) rios de "água branca", opaca — vindos das montanhas de O. e NO.

2.º) rios de "água clara", límpida — os grandes afluentes da margem direita do Amazonas como o Tapajós, o Xingu e o Tocantins.

3.º) rios de "água escura", carregada de humus — o Rio Negro, por exemplo.

Quanto aos lagos, os mais produtivos são os "de várzea". É preocupação da SPVEA, igualmente, a industrialização dos produtos da pesca, visando a seu maior valor comercial, através da exportação.

Poderão as crianças, com o auxílio do professor, organizar o mapa da zona de influência da SPVEA (*), fazendo ressaltar as áreas de prioridade (**) cuja razão de ser já foi objeto de estudos.

As crianças verificam então que essas áreas de prioridade correspondem a

- terreno de várzea no estuário do Amazonas
- vales úmidos maranhenses
- terrenos próximos aos principais centros urbanos da região e ocupados por pequenos e médios proprietários (próximo a Belém — as áreas de Guamá, Bragança etc.; próximo a Manaus — as áreas de Terra Nova, Carreiro, Catalão e periferias e, ainda, áreas próximas a Cuiabá e São Luiz).
- áreas ecológicamente favoráveis, à margem dos eixos rodoviários, particularmente na Br. 14 (Belém-Brasília)

(*) O campo de ação da SPVEA abrange também grande parte da região centro-oeste e do estado do Maranhão, conforme se verifica no mapa aqui incluso.

(**) No caso em questão, prioridade agrícola.

PLANEJAMENTO E AÇÃO NO SENTIDO DA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA NO NORDESTE

No 4.º ano de Estudos Sociais, nossas crianças tiveram oportunidade de estudar a *ocupação e colonização* das regiões brasileiras, o que veio permitir melhor compreensão dos aspectos atuais da vida nessas regiões.

Dêsse modo, verificaram ter sido a região nordestina, pela existência de solo adequado à plantação de cana-de-açúcar e a menor distância da metrópole,

a primeira região brasileira colonizada mas que passou depois, com o descobrimento das minas e a expansão do café, a ser alvo de menor interesse governamental.

Além disso, as crianças tomaram conhecimento de que a região nordestina já atraiu grande atenção governamental, mas em época de pequeno desenvolvimento tecnológico e em que se visava, quase unicamente, ao interesse comercial da metrópole, e não ao progresso local, o que de certo modo as levou a compreender as razões do inadequado e insuficiente aproveitamento da região.

O professor poderá agora, com base ainda nos conhecimentos adquiridos relativamente às condições desfavoráveis do sertão nordestino (4.º anos pág. 266), levá-las a concluir que a região carece, essencialmente, de

— agricultura compensadora, cuja falta determina, entre outros, o problema alimentar

e de
— energia elétrica (*) pela ausência de cursos d'água significativos, sendo os rios, quase em sua totalidade, temporários, o que dificulta de muito a industrialização. (**)

(*) Correlação com as Ciências Físicas e Naturais.

(**) Os combustíveis — lenha, carvão e petróleo — são demasiadamente onerosos.

São êsses os problemas de mais fácil entendimento por parte das crianças

Entretanto, o professor deverá levar ao conhecimento dos alunos que a urgência de soluções para tais deficiências já foi sentida, estando mesmo em estudo e planejamento ação adequada.

Dêsse modo, atendendo-se às possibilidades em potencial do NE, dar-se-ão condições de vida mais favoráveis a elevado número de brasileiros.

As crianças se informam, então, a respeito da importância que representa para a região a construção de açudes, diques, obras de irrigação, saneamento etc., como também sobre a necessidade de estudo das obras mais urgentes e das áreas de prioridade — as de solo mais adequado à lavoura, as de maior proximidade de cursos d'água e de estradas, as de número ponderável de habitantes e os locais habitados que apresentam doenças endêmicas.

SUDENE

É provável que muitas crianças já tenham ouvido referências à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Poderá agora o professor explicar que a SUDENE (*), subordinada diretamente à Presidência da República, é órgão técnico em que colaboram economistas, agrônomos, engenheiros etc., e cuja função essencial é a de proceder a estudos e planejamentos, embora também contrate serviços e exerça ação fiscalizadora. E ainda que este órgão é assistido por um Conselho Deliberativo numeroso, do qual participam representantes de todos os estados atingidos pela ação da SUDENE, ao qual os técnicos devem apresentar relatórios, submetendo a julgamento os estudos e as atividades programadas.

O programa da SUDENE abrange:

— construção de diques e de açudes visando à melhoria da agricultura e maior potencial de energia elétrica (nas obras de energia elétrica, a CHESF — Companhia Hidrelétrica do São Francisco, tem preferência para os contratos de serviços).

(*) Cujas significações o professor, atento à capacidade de compreensão de suas crianças, poderá explicar com simplicidade, ao mesmo tempo que conduz a anotações sobre o que se faz de positivo no NE.

— irrigação (*) começando pelo vale do São Francisco (estudos concluídos pela Comissão do Vale do São Francisco (**)) vêm permitir ação imediata) e alcançando os vales do Paraíba e do Jaguaribe.

— captação d'água do subsolo (a exemplo de obras recentes em Israel, conforme se verá adiante); construção de barragens submersas, perenização dos rios, instalação de centrais meteorológicas, estudos e experiências relativos à provocação de chuvas artificiais (correlação com Ciências Físicas e Naturais).

— obras de saneamento — abastecimento d'água e rede de esgotos, primeiramente nas cidades mais populosas e nas localidades de maior incidência da esquistossomose (ver 3.º ano pág. 143) abertura de poços e construção de chafarizes nos pequenos núcleos populacionais, drenagens etc.

— abertura de estradas de rodagem interestaduais, estradas de ferro, construção de pontes etc.

— colonização das terras devolutas, pertencentes aos estados ou à União, e que apresentam maiores possibilidades de aproveitamento eficiente, favorecendo-se o movimento migratório organizado para áreas do Meio-Norte e do Sul da Bahia, por exemplo, após estudos apropriados do solo, dos recursos d'água, da vegetação, e depois de assegurado o fornecimento a esses colonizadores de orientação técnica e apoio financeiro

— estabelecimento de fazendas-colônias e experiências agrícolas visando à melhoria do tipo de algodão, à plantação de cereais, como arroz no Meio-Norte, à introdução de vegetais de solo seco como a tâmara etc.

(*) No plano de irrigação do Vale do São Francisco a SUDENE é assistida pelo Fundo das Nações Unidas, enquanto para o do Jaguaribe recebe assistência técnica do Governo Francês. É do conhecimento público igualmente que as ações da SUDENE recebem apoio do Instituto Imobiliário Italiano, de técnicos israelitas, americanos e alemães, para não falar no auxílio financeiro dos Estados Unidos. Dessa maneira, a colaboração ao NE não é apenas um privilégio nacional, mas internacional: as relações internacionais se tornam dia a dia mais estreitas e solidárias.

(**) A C.V.S.F., criada por Lei a 15/12/48, é diretamente subordinada à Presidência da República e a ela está afeto o plano geral destinado ao aproveitamento do Vale do São Francisco (região leste principalmente), o que inclui, entre outros objetivos, o da regularização do regime fluvial, o controle e utilização das águas, o melhoramento das condições de navegabilidade e utilização das águas, o aproveitamento do potencial hidrelétrico, o desenvolvimento da irrigação e da açu-

— estudos sobre o aproveitamento integral de recursos vegetais da região (fibras, por exemplo)

— favorecimento ao artesanato doméstico, que importa em menor gasto de energia elétrica

— compra de barcos pesqueiros, melhoria dos portos, assistência técnica ao pescador etc. etc.

É preciso, porém, deixar claro que, anteriormente à constituição da SUDENE, o NE já fora beneficiado com algumas obras contra a seca.

EXEMPLO DE TRABALHO DE GOVERNOS PASSADOS RELATIVAMENTE AOS PROBLEMAS DO NORDESTE.

Parece-nos do maior interesse e objetividade mostrar à criança o que tem sido realizado em prol da solução dos problemas que dificultam o desenvolvimento de nosso país. Temos em vista sempre, e principalmente no momento atual, trazer à criança o alcance das obras que se tem procurado realizar.

É construindo que se leva a construir, e é em nossa própria História que devemos basear o estímulo de que carece a atual geração de brasileiros.

Considerando que a "extinção das secas é o pagamento honesto de uma dívida de honra da Nação", (*) Epitácio Pessoa teve, como ambição máxima de seu governo, a melhoria das condições de vida no Nordeste.

Através do Ministério de Viação e Obras Públicas — que assim se apresentará à criança naturalmente e em toda sua importância no cenário nacional — foram construídos simultaneamente

estradas de ferro e de rodagem, além de caminhos carroçáveis

barragens

portos

Mais uma vez as crianças serão levadas a compreender a importância das vias de comunicação e a razão de ser da prioridade que se lhes confere: levariam socorro imediato ao retirante, a maquinaria necessária à construção das obras e transportariam mais tarde, para o litoral, a produção que se tornasse então possível. Os portos receberiam a maqui-

(*) Laurita Pessoa — "Epitácio Pessoa" — citação à pág. 118.

naria importada, além de exportar a produção das zonas saneadas.

Os lagos artificiais e a irrigação permitiriam o plantio de cereais e algodão, a normalização do regime das chuvas pela evaporação e maior fornecimento de energia elétrica. (*)

A primeira fase dos trabalhos teve início imediato:

terraplanagem

compra de maquinaria.

multiplicação das estradas de ferro e de rodagem, sendo os resultados promissores, pois em, 1922, havia, no NE, um acréscimo de

291 km de estradas de ferro em circulação, 304 com o leito preparado e 104 em construção mais atrasada (**)

550 km de estrada de rodagem de 1.^a classe concluídos; mais de mil em tráfego parcial, além de 100 km em construção e 1.200 km de caminhos carroçáveis

rêde telegráfica

230 açudes prontos ou em via de conclusão; 139 poços tubulares

portos em andamento de construção

Epitácio Pessoa dispendeu no NE trezentos e quatro mil contos que representaram, à época, alta percentagem do orçamento federal

Executados os primeiros trabalhos, esperava-se que as grandes barragens tivessem início, pelo menos, no quadriênio seguinte; mas fatores diversos, principalmente de ordem financeira, impediram que se mantivesse, no prosseguimento dos trabalhos, um ritmo consoante com a importância e urgência das obras.

O professor poderá dar como exemplo a barragem de Orós concluída recentemente, mas que fôra projetada desde essa época (Orós, com 3.500.000.000 m³ de água tem volume superior da baía de Guanabara).

As crianças tomarão conhecimento, agora, de que a organização e regulamentação da Companhia Hidrelétrica de São Francisco (CHESF) no quadriênio Eurico Gaspar Dutra (***) trouxe novo estímulo ao desenvolvimento nordestino.

(*) Correlação com as Ciências Físicas e Naturais.

(**) Os dados estatísticos apresentados visam apenas a dar uma idéia das obras executadas; a criança gosta de avaliar medidas e nisso tem sido por nós exercitada.

(***) "O presidente do S. Francisco" — assim chamado não só por esse seu empreendimento, como também pela criação da Comissão do Vale do S. Francisco, que vem realizando obra de recuperação do vale.

A navegação no S. Francisco beneficia de preferência a região leste, mas o potencial hidrelétrico de sua mais célebre cachoeira, a de Paulo Afonso, levará progresso ao NE brasileiro.

As crianças deverão saber que a CHESF tem como objetivo produzir energia elétrica em Paulo Afonso e suprir dessa energia o NE, primeiro na área que necessita com mais urgência dessa energia (a mais densamente povoada e de maior desenvolvimento econômico) e, logo depois, em áreas onde a energia elétrica desempenhará o papel pioneiro de promover o desenvolvimento econômico e o de propiciar melhores condições de vida (áreas atualmente menos povoadas e mais pobres).

Encarecer-se-á às crianças, uma vez mais, a importância de estudo para um planejamento adequado, explicando-se-lhes que o Plano Regional de Eletricidade para a região do São Francisco — plano êsse que abrange um círculo de 200 km de raio com centro em Paulo Afonso — constou primeiramente do diagnóstico da situação, seguido de imediato prognóstico da economia da região, para, só então, proceder-se aos projetos.

Explicar que êsse estudo abrangeu as necessidades de cada município nos setores de iluminação particular ou pública, força motriz para a indústria, abastecimento d'água, irrigação etc.

Quanto aos resultados práticos atingidos, são seguidos de mais perto, e ainda com maior interêsse, pelas crianças das regiões por êles afetadas de imediato.

Assim, as crianças da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia desde 1958 vêm tendo oportunidade de apreciá-los pois, já a essa época, cinquenta e sete municípios dêsses estados se achavam ligados ao sistema da CHESF, correspondendo a cada um dêsses estados, respectivamente, oito, vinte e um, quatro, dezoito e seis municípios beneficiados. As crianças riograndenses do norte poderão sentir vivamente a marcha dos trabalhos da CHESF nos anos de 1959 e 1960, quando praticamente se completou o Sistema do Rio Grande do Norte, da mesma forma que as cearenses apreciam agora modificações que a energia elétrica vem imprimindo ao Ceará.

As crianças brasileiras, em geral, terão possibilidade de apreciar êsses resultados já obtidos através de quadros com-

parativos, como o que se segue, e de fotografias que porventura consigam.

EVOLUÇÃO DO MERCADO CONSUMIDOR
(energia fornecida ao NE pelas Usinas de Paulo Afonso)

	Nº de kw/h	
	1956	1960
Pernambuco	170 678 100	422 976 758
Sergipe	16 234 179	45 354 638
Paraíba	6 438 900	91 165 647
Alagoas	10 803 660	33 390 703
Bahia (*)	95 232 200	173 261 540
Total	299 387 039	766 149 286

Será ainda de grande valor educativo mostrar às crianças fotografias das obras de engenharia realizadas nesse setor, narrando-lhes, ao mesmo tempo, com simplicidade, como foram vencidos alguns dos grandes obstáculos que se apresentaram (necessidade de proceder a trabalhos submarinos em trechos onde se tornava impossível desviar as águas, por exemplo).

**INTERESSE PELAS CONDIÇÕES DE VIDA
NO MÉDIO S. FRANCISCO**

As crianças já estão aptas a apreciar o papel importante desempenhado pelos cursos d'água nas condições de vida das plantações ribeirinhas, através de seu tríplice aspecto:

(*) Embora não seja esse um estado da Região Nordeste, grande parte de seu território está sob a área de ação da SUDENE. A Bahia recebe ainda grande contingente de eletricidade da Usina de Cotegipe, igualmente construída pela CHESF. Somente a Petrobrás recebeu desta usina, em 1960 — 5 727 300kw/h e a V.F.F. Leste Brasileiro, 6 805 335kw/h.

via natural de comunicação
fator de saúde do solo
fonte de energia elétrica

Desde a ocupação e colonização observaram o papel do rio como aglutinador de populações, concorrendo, portanto, para a formação de núcleos humanos significativos às suas margens.

Entretanto, através de mapas (*), observam agora a rarefação do povoamento ao longo das margens do Médio São Francisco, o que lhes desperta curiosidade. Os conhecimentos que já têm sobre a influência do clima e do solo, nos agrupamentos humanos, ajudam agora a perceber que a região não apresenta atrativos à fixação humana, apesar da presença do rio. A temperatura é elevada, chove pouco, há grande evaporação e muitos dos rios tributários são intermitentes.

Compreendem assim que o clima árido e a vegetação semidesértica determinam, de certo modo, o índice baixo de habitantes e o tipo de economia aí existente — a pecuária (os conhecimentos sobre a ocupação mediterrânea prepararam convenientemente essa compreensão).

Dêse modo, ser-lhes-á fácil agora entender que a solução para o reerguimento econômico dessa zona depende da irrigação do solo — o que as leva novamente à valorização do rio, embora tomem conhecimento de que o rio São Francisco, mesmo apresentando características favoráveis à navegação, (**) apresenta nesse trecho médio quedas e desníveis desfavoráveis.

Pretende-se remover as pedras (***) e os bancos de areia (****) do leito do rio e construir portos realmente funcionais que permitam acesso fácil durante todo o ano os portos mais importantes — Pirapora, Juazeiro e Propriá — necessitam de instalações adequadas

que facilitem a baldeação da mercadoria diretamente dos vagões para as embarcações.

(*) De densidade demográfica, de clima etc.

(**) 1300 km de curso navegável entre Pirapora e Juazeiro (além desses, ainda 300 km navegáveis no Baixo São Francisco):

— declividade abaixo de 9 cm por km

— apenas 21 km com profundidade inferior a 1m

— apenas 98 km com profundidade entre 1m e 1,50m

Esses dados numéricos oferecem oportunidade às crianças de formulação de pequenos problemas (correlacionamento com Matemática).

(***) Proceder a derrocamentos.

(****) Proceder a dragagens.

O professor tem base agora para mostrar que a irrigação e a solução desses problemas do São Francisco, virão beneficiar:

o vale do São Francisco — que compreende vários estados federais — dando-lhe condições favoráveis à estabilização de maior número de núcleos humanos
o norte, sul, centro e nordeste do país — pelo intercâmbio mais intenso, através das ligações fluviais,
o que, em última análise, terá o objetivo de fortalecer a unidade nacional.

Dir-se-á então, às crianças, da complexidade dos estudos e das obras a encetar em região tão vasta, problemas que afetam, por exemplo, a vários ministérios, mostrando ainda que esses trabalhos transcendem das fronteiras estaduais (*), o que tornou oportuna a criação de um órgão do Governo Federal:

A Comissão do vale do São Francisco

Criada em 1948, não tomou a si os encargos e atribuições dos vários governos municipais e estaduais; entretanto, tendo um campo de ação mais vasto e possibilidade de planejamento a longo prazo, visa à recuperação total do vale.
A C.V.S.F. se obriga a traçar e executar, no período de vinte anos, um plano de aproveitamento total das possibilidades econômicas do rio São Francisco e seus afluentes.
Esse plano inclui:

- a melhoria das condições de navegabilidade
- a regularização do curso de suas águas — atendendo aos problemas de enchentes e vasantes
- a utilização do seu potencial hidrelétrico (**)
- o desenvolvimento da irrigação
- o fomento da agricultura
- a modernização de seus transportes
- o incremento da imigração
- a melhoria de condições de higiene e saúde
- a exploração de suas riquezas

A Comissão do Vale do São Francisco oferece assistência social aos empregados e suas famílias.

(*) Incluem Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais e parte de Goiás.
(**) O sistema de Paulo Afonso está diretamente a cargo da C.H.E.S.F. que atua em colaboração com C.V.S.F.

Barragem de Três Marias — obra ímpar para o aproveitamento do vale do São Francisco.

Será fácil interessar as crianças pela Barragem de Três Marias devido às suas próprias características, que são de molde a atrair vivamente a curiosidade, e mesmo o entusiasmo das crianças, agora que seus interesses a conduzem para a realidade.

As crianças devem ter ouvido fazer referências à Barragem de Três Marias e devem estar informadas de que tal obra de engenharia, no Alto São Francisco (*), visa

à regularização do regime fluvial — atendendo aos problemas de enchentes e vasantes

à melhoria das condições de navegabilidade e
à ampliação do potencial hidrelétrico da região, entre outros pontos.

O professor dirá às crianças que essa barragem não é a única do São Francisco Superior, existindo outras no próprio rio, no Rio das Velhas etc. (**), ressaltando, porém, que essa represa, (grande reservatório d'água) é aquela que mais influência tem sobre a regularização das águas.

O professor se interessará, sem dúvida, pelos esclarecimentos que damos a seguir:

a Cachoeira das Três Marias situa-se em elevação aproximada de 485 m, cêrca de 240 km ao norte de Belo Horizonte.

O trecho seguinte foi extraído do folheto publicado pela Comissão do Vale do São Francisco (Boletim n. 10, 1960).

A construção da barragem de Três Marias, no leito principal do alto do São Francisco, é obra da maior repercussão na vida econômica, social e política do país.

Essa barragem, de terra, será a quinta do mundo pelas suas proporções. Terá 2.700 m de extensão; 75 m de altura máxima, e o volume de terra será de 18 milhões de metros cúbicos. Armazendrá, no seu reservatório, um volume d'água correspondente a cinco vezes o volume d'água da baía de

(*) As crianças devem localizar, em mapa, essa barragem.

(**) Aliás, a primeira usina hidrelétrica da América do Sul, situada em Juiz de Fora, é alimentada por uma represa no rio Paraibuna, constituindo pois, essa barragem, um marco histórico.

Guanabara e inundará uma área de 1.050 quilômetros quadrados. Seus resultados mediatos e imediatos podem ser assim enumerados:

1 — Influi imediatamente na contenção das grandes e devastadoras enchentes.

2 — Determinará escoamento constante, assegurando condições favoráveis para a navegação.

3 — Permitirá utilização imediata das terras de vasante próprias para agricultura.

4 — Favorecerá o problema de irrigação marginal.

5 — Contribuirá para melhoria das condições de saneamento.

6 — Permitirá dobrar a capacidade hidrelétrica de Paulo Afonso.

7 — Sendo o primeiro passo e obra básica para a regularização do São Francisco, irá determinar condições favoráveis para a sua completa regularização, mediante outra obra que já se estuda e que, possivelmente, será erguida no local denominado Sobradinho.

8 — Vai gerar 520.000 kw que serão aplicados para intensificar a industrialização em Minas, de acordo com os planos para zonas de interesse da valorização do Vale.

9 — Permitirá a implantação da eletro-siderurgia, da indústria de ferro-ligas, alumínio, frigoríficos, fertilizantes, fábricas de cimento e muitas outras indústrias que aproveitarão as riquezas do sub-solo do Vale e utilizarão os produtos agrícolas regionais.

10 — Formará um vasto lago numa extensão de 160 km, onde a navegação constituirá meio de transporte regular e farto, um convite à instalação de indústrias no alto São Francisco.

11 — Permitirá a criação de peixes em larga escala, no lago, e controle e fomento ao longo do rio."

São notas curiosas, que se prestam a problemas matematicos e a levar as crianças a ter uma noção do vulto do empreendimento, as seguintes (*)

a) — Sendo o volume das águas da baía de Guanabara estimado em 3.000.000.000 m³, o reservatório de Três Marias

(*) O professor, entretanto, só aproveitará essas notas em corre-lacionamento com Matemática, ou a título de curiosidade, sem preocupação de que as crianças as fixem.

corresponderá a um lago de volume cêrca de sete vêzes superior ao dessa baía.

b) — A superfície do reservatório é aproximadamente igual à do Estado da Guanabara.

c) — O volume de terra, lançada no maciço da barragem de Três Marias, se fôsse utilizado na construção de estradas de rodagem, daria para o revestimento de uma rodovia de 8 metros de largura e 10.000 km de extensão, atribuindo-se a êsse revestimento a espessura de 0,20 m.

d) — Os materiais e equipamentos que foram transportados para o canteiro das obras equivalem à carga de 13.400 vagões de estrada de ferro, de 30 toneladas de capacidade cada um.

e) — O concreto utilizado na barragem e casa de força daria para a pavimentação de 12 pistas para pouso de aviões, com as dimensões de 2.100 metros de comprimento, 45 de largura e 0,25 de espessura cada uma.

f) — A superfície das chapas de aço utilizadas na tubulação atinge a 40.000 m² e foram feitos 40.000 metros de solda entre as costuras.

g) — A barragem de Três Marias é, no momento, a quinta do mundo em volume de terra.

h) — As turbinas Kaplan, de Três Marias, colocam-se entre as maiores do mundo.

i) — A voltagem de transmissão escolhida — 275.000 volts — será, ao início do funcionamento da usina, a mais alta voltagem em operação na América do Sul.

"A construção de Três Marias chegou a empregar 3.500 operários trabalhando em turnos de 10h e 500 empregados especializados, inclusive mestres, técnicos, engenheiros e pessoal administrativo.

Para acomodar os 10.000 habitantes de Três Marias, foi planejada e construída uma cidade provisória, dispondo de todos os tipos de serviço e instalações públicas. A cidade compreende o acampamento principal, com 122 residências para famílias, 26 alojamentos para solteiros, 2 escritórios administrativos, centro comercial, duas escolas, hospital, clube e vila operária anexa, com 650 casas" (*)

(*) Barragem de Três Maria — Comissão do Vale do São Francisco e Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG) — Boletim n.º 10 — 1960 — Separata da Revista Mineira de Engenharia ns. 81 e 82 — pág. 20.

Terá valor educativo ressaltar que essa barragem se deveu ao esforço e a verbas conjuntas de duas instituições — uma federal (Comissão do Vale do Rio São Francisco), outra estadual (Centrais Elétricas do Estado de Minas Gerais S.A.)

NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Essa região em parte se encontra dentro do raio de ação da S.P.V.E.A.

Na região Centro-Oeste também há um órgão encarregado de beneficiá-la, a Fundação Brasil Central, principalmente no que diz respeito à Higiene e Saúde. O Serviço de Proteção aos Índios tem, igualmente, procurado levar ao aborígene certa assistência.

A construção de Brasília, tornando o Planalto Central ponto de convergência dos interesses nacionais, deve contribuir não só para o desenvolvimento da própria região Centro-Oeste, mas também para a melhoria da Amazônia e do Nordeste.

REGIÕES SUL E LESTE

As Regiões Sul e Leste sendo as de maior desenvolvimento do Brasil, conforme vimos no 4.º ano de Estudos Sociais, não foram alvo de maior atenção neste capítulo. Nos estudos relativos às atividades de Comércio e à Industrialização, entretanto, essas regiões avultarão em toda a sua importância.

APRECIACÃO DE PROBLEMAS COMUNS

— soluções que levam, por vezes, ao intercâmbio de idéias e recursos

Atendendo aos interesses de formação, temos procurado mostrar à criança, desde o 1.º ano de Estudos Sociais, que a forma atual de vida é a soma de numerosas e válidas experiências, e a vimos conduzindo de maneira a valorizar e respeitar a experiência alheia.

Agora, quando a criança toma conhecimento de problemas que dificultam o desenvolvimento e progresso de nosso País, será útil seja informada a respeito de dificuldades semelhantes que têm preocupado ao povo e ao governo de outros países.

A identidade de experiências aproxima, de certo modo, os povos.

E a criança, conforme a orientação que vem seguindo, está preparada para dar valor a essas experiências alheias, nelas colhendo lições proveitosas.

No sentido de um estímulo as jovens que se preparam para servir ao País, procuramos apresentar-lhes problemas semelhantes já solucionados — o que representa ainda riqueza de sugestões e ensinamentos de utilidade no futuro.

Na conquista da terra, pelo homem, por exemplo, trazemos ao conhecimento da criança ou, melhor, levamo-la a pesquisar a recuperação de desertos:

— o da região da Palestina, no caso de Israel — captação de água do sub-solo, transformando o areal em terras férteis.

— o da região de Mendoza, a “Califórnia da Argentina” — construção de pequenas barragens para aproveitamento da água provinda das neves andinas; captação da água do sub-solo. Essas obras têm sido feitas num esforço continuado, persistente, e muitas vezes heróico, pois a água era encontrada, as mais das vezes, a 20, 30, ou 40 m de profundidade.

Será de grande valor educativo as crianças realizarem outras pesquisas no sentido da recuperação de terras, pelo homem, numa demonstração do domínio do homem sobre a ciência e a técnica.

O que não impede compreendam as crianças que as soluções encontradas alhures devem ser convenientemente selecionadas, a fim de que prevaleçam as que se adaptam a nossos problemas, ou sirvam de inspiração a novas soluções.

As crianças deverão localizar, no planisfério, as regiões recuperadas, o que amplia, ademais, seus conhecimentos sobre o mundo.

Completando suas pesquisas, poderão obter informações nas Embaixadas, entidades culturais etc.

Essas pesquisas poderão incluir os estudos de Texas e Geórgia, nos Estados Unidos, assim como os de regiões da América Central, do Peru, da Mesopotâmia, da África Setentrional (rio Nilo) etc.

Se o professor achar conveniente, poderá mesmo mostrar, no planisfério, as regiões ainda desérticas.

E já que levamos a criança a tomar conhecimento das possibilidades do rio São Francisco — que representou tão importante papel na ocupação de nosso território — será interessante agora informá-la a respeito da experiência realizada nos Estados Unidos com o rio Tennessee.

Experiência que é a comprovação da moderna teoria de aproveitamento integral dos cursos d'água, numa completa mobilização de suas possibilidades:

navegação
irrigação
abastecimento das cidades
criação de peixes
produção de energia
e, ainda, da proteção contra inundações.

Aliás, o sucesso dessa experiência desperta curiosidade da criança já interessada por um melhor aproveitamento do rio S. Francisco e pelas vultosas obras que aí vimos realizando

E a conseqüente recuperação do vale do Tennessee — caminho para o Oeste americano desde os primeiros tempos da colonização — interessa quanto à recuperação, no Brasil, do vale do Rio Doce, já que as características de ambos são semelhantes.

Mais uma vez as crianças comprovam a identidade de problemas e apreciam soluções inteligentes, o que concorre para estimular o intercâmbio de idéias e recursos.

Os benefícios trazidos ao vale do Tennessee foram imensos:

produção de energia elétrica, que é vendida a indústrias, fazendas, a consumidores particulares e ao Governo.
condições que previnem as inundações
linha de navegação, tendo aumentado de muito o tráfego fluvial

saneamento em relação à malária que grassava na região
prosperidade de agricultura com a irrigação e a fertilização das terras
reflorestamento — com espécies adequadas à qualidade das terras
desenvolvimento da indústria química, que depende de energia abundante e a baixo preço (produção de fertilizantes, de alumínio etc.)
cidades ribeirinhas prósperas etc.

Capítulo 5

INFORMAÇÕES DE INTERESSE SOBRE AS ATIVIDADES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, NO BRASIL

As crianças, desde o 3.º ano de Estudos Sociais, vêm aprendendo a considerar, de maneira realística, o aproveitamento de nossos recursos naturais.

Têm sido conduzidas a compreender, na medida do possível, a significação econômica e social desse aproveitamento — o que lhes vem permitindo compreender ainda, de maneira singela, porém igualmente realista

- a interdependência entre o campo e a cidade
- o valor da produção, (*) de acordo com o volume da safra e entre-safra
- a importância das trocas comerciais
- a variedade de produtos em função das características das comunidades
- a interdependência cada vez maior entre as comunidades.

No 4.º ano, aprendendo de maneira global as condições de clima, solo, os processos de colonização e as condições atuais da vida em cada região brasileira, tomaram conhecimento dos principais produtos dessas regiões, ao mesmo tempo que valorizavam, para as relações de comércio, tanto estaduais como interestaduais

- a proximidade de mercados
- os meios de transporte e comunicação
- a inter-relação entre comércio e orçamento

(*) Valor da produção — no sentido quantitativo, pressupondo boa qualidade.

Agora, no 5.º ano de Estudos Sociais estão aptas a perceber:

- a importância das trocas interestaduais para o abastecimento interno — o professor, levando a reconhecer as conseqüências, para o mercado interno, dessas trocas interestaduais, deverá encarecer, uma vez mais, a dependência em que fica, esse comércio, dos meios de comunicação e transporte, levando as crianças a valorizar os empreendimentos no sentido da melhoria de nossas vias de comunicação
- os produtos que podemos exportar — somos levados a exportar quando a produção é maior que o consumo interno
- os que precisamos importar — somos obrigados a importar quando o consumo interno é maior que a produção, seja em decorrência de condições de clima e solo, de dificuldade tecnológica etc.

O professor poderá, assim, levar o grupo, através de conhecimentos que já tem, a uma pesquisa proveitosa sobre o comércio de exportação de nossos principais produtos — café, algodão, minérios, açúcar, cacau e seus derivados, pinho serrado, sisal, fumo, cêra de carnaúba, castanha do Pará, peles e couros, carne e enlatados, óleo de mamona, mate.

Trará às crianças dados estatísticos, gráficos de barras e mapas por êle próprio organizados, visto como as informações coligidas em órgãos oficiais ou em revistas especializadas em assuntos econômicos como "Desenvolvimento e Conjuntura" não estão, as mais das vezes, ao nível de compreensão de nossas crianças.

Na apresentação desse material deverá conduzir as crianças às conclusões desejadas, através de perguntas que lhes encaminhem o raciocínio. Outras vezes, porém, a apresentação dos dados estatísticos dará oportunidade de execução, pelas próprias crianças, de mapas, gráficos, problemas matemáticos etc.

A medida que estudam, as crianças podem ir organizando, sob a orientação eficiente do professor, cartazes e pequenos quadros que irão formar, mais tarde, álbuns, além de monografias simples sobre os produtos de maior importância para o Brasil (história do café, do açúcar etc.).

De maneira semelhante irão proceder relativamente aos produtos de importação, isto é, petróleo, trigo, maquinaria, azeite, frutas européias etc.

NECESSIDADE DE MAIS AMPLOS CONHECIMENTOS EM RELAÇÃO À TROCA DE PRODUTOS.

Os estudos anteriormente feitos no 3.º e 4.º anos, e os que já agora, no 5.º ano, vêm tendo lugar — indo desde o aproveitamento de recursos e a necessidade de trocas até a renovação de técnicas, pelas conquistas no campo da ciência tecnológica — permitem compreender a criança a necessidade de relações de comércio no plano internacional para que possam os povos usufruir dos benefícios do intercâmbio.

Assim, atendendo à necessidade de conhecimentos mais amplos quanto às trocas em geral, isto é, no campo do comércio internacional, aproveitar-se-ão as oportunidades oferecidas pelo estudo que vimos fazendo, a fim de que as crianças aprendam:

- a localização, no Brasil e no mundo, de determinados produtos.
- as causas que determinam a localização, no Brasil e no mundo, desses produtos (faixas climáticas etc.)
- os continentes ou os países fornecedores de produtos de clima temperado.
- os países, com sua localização no planisfério, que mantêm maior comércio com o Brasil (causa: produtos diferentes, produções de clima temperado).

Através desses conhecimentos, poderão chegar às seguintes conclusões:

- às vezes um país se destaca quanto a certo produto e, no entanto, êste é importado. Como exemplo, citamos o caso do açúcar (*) nos Estados Unidos: apesar de ser êste país o 4.º produtor do mundo, é obrigado a recorrer à importação — isso devido ao consumo interno, que está na dependência do número de habitantes e do poder aquisitivo da população.
- as vezes um país não está entre os maiores produtores e no entanto chega a exportar — relação com o número de habitantes, poder aquisitivo da população etc.
- que o Brasil exporta principalmente produtos agrícolas e extrativos.
- que, em relação à indústria, ainda exportamos a matéria prima e muito poucos produtos manufaturados

(*) Maiores produtores de açúcar: Cuba, Índia, Rússia, Estados Unidos e Brasil.

— entre as causas de preferência pelo comércio com certos países podemos destacar:

- preço
- proximidade (menor despesa com transporte)
- existência de tradição de comércio (quem compra quer vender também)
- boas relações diplomáticas
- a qualidade do produto
- seriedade nas relações comerciais

MINÉRIO DE FERRO

Quanto à exportação de minério de ferro, é preciso que o professor leve as crianças, através de pesquisas em mapas e gráficos, a concluir que

o Brasil, embora não seja o maior produtor de minério de ferro, é, entretanto, a maior reserva desse minério (reserva em potencial)

é grande exportador de minério de ferro as grandes jazidas desse minério ficam na região do rio Doce

nem todo o minério extraído é exportado a Costa Oeste da África é também grande exportadora de minério de ferro

os Estados Unidos da América do Norte, sendo embora o maior produtor de minério de ferro do mundo, importam minério brasileiro em larga escala (indústria siderúrgica muito ativa)

As crianças serão ainda informadas de que a extração e transporte do minério estão afetos, desde 1942, à

Comissão do Vale do Rio Doce — criada por iniciativa do Governo Federal no sentido de colaborar no esforço de guerra pela preservação da soberania dos povos.

Poderão acompanhar, no mapa, o percurso do minério desde Itabira, sede da Comissão, ao porto de Vitória, onde é embarcado; ao mesmo tempo tomarão conhecimento do que representou, em benefício para a região, para a estrada-de-ferro Vitória-Minas e, para o porto de Vitória, o aproveitamento dessa riqueza do solo: a estrada-de-ferro é a mais bem aparelhada do Brasil e o porto de Vitória recebeu melhorias que permitem atracação de navios de maior calado, carregamento noturno etc.

A Comissão do Vale do Rio Doce atendendo, aliás, às leis do país, mantém, ao longo da Estrada Vitória-Minas, postos médicos e tem firmado convênios com hospitais públicos e particulares em todo o vale; fornece ensino primário e profissional gratuitos, sendo uma das escolas profissionais a Escola Ferroviária João Neiva, no Espírito Santo.

A curiosidade despertada pelas informações obtidas sobre a situação do minério de ferro, no país, levará naturalmente a indagações, de parte da criança, que darão oportunidade aos seguintes esclarecimentos:

o Brasil não dispõe, no momento, de meios financeiros para a extração e o aproveitamento adequado de nossas reservas de minério de ferro

o minério de ferro é imprescindível às indústrias de base, das quais decorrem tôdas as demais

exportamos tão grande quantidade de minério porque ainda carecemos de indústria siderúrgica suficientemente desenvolvida para absorver tôda a produção

a distância entre a localização das reservas carboníferas em Santa Catarina e as jazidas de ferro em Minas, e a má qualidade do carvão determinam, em parte, essa carência

o minério de ferro exportado pelo Brasil alimenta grandes parques industriais como a Alemanha, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Itália etc.

INDÚSTRIA — ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Assim, as crianças se informam de que há países mais industrializados, e outros menos, e de que o Brasil precisa aumentar seu ritmo de industrialização, principalmente no que se refere à indústria pesada, o que procuraremos explicar à criança, dentro de suas possibilidades de compreensão.

A indústria pesada consiste no aproveitamento da indústria de base — da siderúrgica, por exemplo — para indústrias de maior vulto como a de automóveis, de tratores, de navios, de trens e de máquinas, em geral, de grande porte, para as indústrias leves. Este último exemplo leva a compreender também porque a indústria pesada é considerada indústria de base relativamente às indústrias leves (as de alimentação, vestuário, ouriversaria etc.).

A indústria pesada, portanto, aproveita a indústria de base, e funciona como indústria de base em relação às indústrias leves.

Os aspectos da industrialização, no Brasil, tornam-se de grande interesse quando os alunos se dão conta — já no 5.º ano, e portanto, no limiar muitas vezes de uma iniciação profissional — do que representa, a industrialização, em desenvolvimento de técnicas, especializações, em transformações sociais, em elevação de nível de vida etc.

O professor aproveitará as oportunidades então criadas para mostrar não só a necessidade de preparo técnico, como também o espírito de equipe que preside aos trabalhos na indústria.

Com o objetivo de ir preparando as crianças para compreender mais tarde a situação do Brasil no setor da indústria em confronto com os demais países, o professor procurará

esclarecer os motivos que determinam o progresso industrial em alguns países, enquanto outros têm dificuldade em se desenvolver nesse setor

existência de ferro, carvão e energia em seu território ou nas proximidades dele

possibilidades financeiras para o estabelecimento de indústrias

mercado próximo e facilidade de transporte

existência de pessoal especializado (cursos industriais)

ausência de certos problemas políticos como a dependência dos países americanos do sul até o século XIX e a dependência africana até nossos dias etc.

Dêsse modo, as crianças devem ser esclarecidas ou iniciadas numa pesquisa a respeito dos esforços positivos recentes visando à implantação da indústria de base no Brasil.

Assim, por exemplo, sobre a

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

As usinas de Volta Redonda, cujas obras começaram em 1941, durante a Segunda Grande Guerra, por iniciativa do Governo Federal, começaram a entregar seus primeiros produtos de aço ao mercado em 1946, dando nova expansão à siderurgia brasileira, àquela época praticamente inexistente (*)

As crianças localizarão, no mapa, a “Cidade do Aço”, hoje importante cidade fluminense, situada no chamado “vale das chaminés”, ou melhor, no vale do Paraíba.

O professor dir-lhes-á que, dentre os incontáveis edifícios já constituídos utilizando estruturas fabricadas em Volta Redonda, está o Brasília Palace Hotel, situado na nova capital brasileira. As crianças interessar-se-ão, do mesmo modo, pela Ponte Internacional Brasil-Paraguai, totalmente edificada com produtos dessa Usina e irão, provavelmente, localizá-la no mapa.

O professor fará ver às crianças a ação da Companhia Siderúrgica em prol de seus servidores e respectivas famílias (ampla e moderna assistência social).

(*) As primeiras siderúrgicas brasileiras localizaram-se em Minas Gerais, tendo por combustível, lenha.

Destacamos ainda de maneira especial a “Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira”, com suas Usinas de Sabará e Monlevade, embora haja outras como a Mannesmann, a Acesita etc.

A SIDERÚRGICA USIMINAS

— localizada em Minas Gerais, Ipatinga, inicia suas atividades, que virão a beneficiar as seguintes indústrias: naval, automobilística, petrolífera, de reservatórios e silos, de maquinação pesada etc., concorrendo para maior progresso de Minas Gerais. Usiminas poderá vir a libertar o país da importação de artigos indispensáveis da indústria química de base.

Teve auxílio de capital estrangeiro, alemão e francês, e, principalmente, do capital japonês.

Começa a produzir ferro-gusa e virá a produzir aço. Surge nova cidade de aço.

As crianças, que já compreenderam a importância da indústria de base em relação às demais indústrias e ainda às grandes obras de engenharia de que o país carece, apreendem agora a significação do desenvolvimento dessa indústria para a economia do país.

As crianças devem ter compreendido igualmente a importância do petróleo na vida moderna quando consideraram, sob a orientação eficiente do professor, os dados numéricos e os gráficos relativos à importação, exportação e consumo desse produto no país. É provável que o professor as tenha informado então, ou o faça agora, a respeito de assuntos de grande interesse afetos às Ciências Físicas e Naturais, como os referentes aos produtos, subprodutos e suas aplicações industriais, assim como à origem, extração e refinamento dessa riqueza.

A verificação, por parte das crianças, do esforço que vem sendo realizado para diminuir a importação do produto, sucedem-se referências à

“PETRÓLEO BRASILEIRO S.A.”. (PETROBRÁS)

— órgão criado em 1953 e que vem atuando nas grandes bacias petrolíferas brasileiras:

Bahia — no Recôncavo Baiano há atualmente vinte e dois campos petrolíferos e oitocentos e setenta e nove poços, cuja produção vem se desenvolvendo de maneira apreciável, tendo produzido em 1954 e 1961, respectivamente, 992 409 e 34 807 448 barris. A baía de Todos os Santos vem sendo igualmente perfurada, estando em produção dezenas de poços submarinos. Recentemente, a Petrobrás encontrou petróleo na bacia do Tucano.

As crianças gostarão de saber onde e quando jorrou o 1.º petróleo brasileiro: Lobato, subúrbio de Salvador, em 1939.

Amazonas — em 1955 a Petrobrás encontrou petróleo em Nova Olinda, e em 1959, perto de Manaus. O petróleo na Amazônia é riqueza em potencial, de vez que sua produção ainda não é suficiente para que possamos considerá-la como produtora de petróleo.

Alagoas — recentemente foi aí encontrado petróleo.

Pesquisas estão sendo realizadas e poços têm sido construídos no Maranhão, no Pará e no Paraná.

As crianças podem localizar, no mapa, as áreas onde já se encontrou petróleo e aquelas onde ele é provável.

Será igualmente de interesse assinalar, em mapas, as refinarias existentes, sem preocupação dos nomes que aqui aparecem, apenas para informação ao professor:

“Presidente Bernardes” — Cubatão, São Paulo (120.000 barris por dia)

“Landulpho Alves” — em Mataripe, Bahia (42.000 barris, produzindo ainda óleos lubrificantes)

“Duque de Caxias” — no Estado do Rio de Janeiro (90.000 barris diários)

A Petrobrás iniciou a construção de mais duas refinarias, uma em Pôrto Alegre, e outra, em Belo Horizonte.

Se as crianças se interessarem ainda pelos *oleodutos* através dos quais o petróleo chega às refinarias ou aos terminais marítimos, o professor poderá satisfazê-las apoiando-se nos dados seguintes:

oleodutos que ligam vários pontos do Recôncavo à refinaria de Mataripe e ao terminal marítimo de Madre de Deus (65 km de extensão e capacidade para 78.000 barris diários)

oleoduto que escoar a produção dos novos campos descobertos na Bahia (55 km)

o que abastece a refinaria Duque de Caxias de óleo bruto e leva parte de sua produção ao terminal marítimo da Guanabara (19 km)

o Santos-São Paulo

A Fábrica de Alcalis, em Cabo Frio, é servida por um oleoduto de 2,5 km

Estão em fase de construção dois oleodutos: Rio-Belo Horizonte (365 km de extensão) e o futuro terminal de São Sebastião — Refinaria “Presidente Bernardes” (120 km).

A apreciação desses aspectos relativos à industrialização em geral, e particularmente, no Brasil, será de grande utilidade.

dade se a criança compreender que a indústria de base concorre para

— diminuir a onerosa importação de maquinária em geral

— lançar no mercado novos artigos de exportação — relativos não só à própria indústria de base, como às demais indústrias por ela beneficiadas

— favorecer as indústrias leves (alimentação, vestuário etc.).

— facilitar trabalhos essenciais: obras de engenharia, por exemplo, como barragens, estradas-de-ferro, rodovias em geral, obras de saneamento etc.

E se compreender ainda que *um alto grau de industrialização* melhora as condições de vida *valoriza o homem que é o agente da produção industrial*, em última análise, o construtor do progresso, responsável por essa melhoria de condições de vida.

OPORTUNIDADE PARA RESSALTAR IMPORTANTES ASPECTOS DE EDUCAÇÃO CÍVICA (*)

É importante levar as crianças a compreender que um aspecto de valor no que concerne à industrialização, no Brasil, é abrir caminho ao intercâmbio comercial efetivo entre estados com maior capacidade industrial, e outros que necessitam de indústrias e demais centros de criação de riquezas. Agora mesmo se apresta São Paulo para atender às necessidades do Nordeste, tomando providências de ordem prática que permitam tornar acessíveis máquinas do parque fabril paulistano aos compradores nordestinos, o que virá favorecer a instalação de novas indústrias no Nordeste.

Ao lado desse aspecto de cooperação prestada por um estado a outro, cabe explicar que o pagamento de impostos ao Governo Federal confere aos estados mais ricos da União a possibilidade de concorrer para a melhoria das condições de vida em regiões menos favorecidas, como a nordestina, por exemplo, e que essa redistribuição é um bem para a coletividade, para o Brasil, concorrendo para diminuir os desníveis de vida.

É imprescindível que as crianças valorizem a importância do estudo e do planejamento cuidadoso para o emprego adequado

(*) Embora a orientação que vimos dando aos Estudos Sociais, em geral, tenha por base os sentimentos de civismo.

quando do orçamento, a fim de que este traga realmente benefícios duradouros e eficientes às comunidades, sem o que não serão atingidos os objetivos visados.

É indispensável ainda compreendam o seguinte:

— os estados de maior produção continuam a ser beneficiados por obras públicas através dos orçamentos próprios estaduais, e, muitas vezes, do orçamento federal

— os estados de menor produção e, portanto, de menor orçamento, precisam de recursos maiores do Governo Federal, a fim de que estejam em condições de tornar o solo mais produtivo, obter maior coeficiente de energia hidrelétrica, industrializar produtos, ou abrir estradas de escoamento para a produção, enfim, de progredir satisfatoriamente

— o progresso dos estados ou das regiões mais pobres — importando em melhor nível de seus habitantes, maior capacidade de aquisição de produtos no país, desenvolvimento da exportação, aumento de divisas etc. — virá refletir-se no progresso do Brasil e, conseqüentemente, no das demais regiões e estados brasileiros.

TRABALHO E EDUCAÇÃO

A criança, reconhecendo no homem o agente da produção industrial, e a esta conferindo o lugar que lhe cabe no vertiginoso progresso de nossos dias, será levada, *uma vez mais, a dignificar o homem do ponto-de-vista profissional*. Quer no trato da terra, quer no trato das máquinas, tem sido o homem por nós devidamente valorizado, a fim de que a criança tome consciência da sua expressão na vida democrática.

Assim, a criança poderá compreender ainda o que representam para o homem, individualmente, e para a nação, coletivamente, o progresso técnico e o aprimoramento de suas qualidades humanas.

É essa a preocupação de nossos dias: dar ao homem a assistência necessária, de maneira a torná-lo apto para o trabalho e a convivência humana, fazendo, da educação, meio de aprimoramento no trabalho — do que resulta maior produtividade.

Assim, aparece a Escola oferecendo ao País o que passa a representar, para a sua economia, precioso investimento: *a educação*, e, em particular o preparo do profissional. O êxito da democracia e do País vai depender dessa formação humana, especialmente no que diz respeito ao preparo para a cidadania e para exercer as profissões que o desenvolvimento do país está exigindo. É interessante que as crianças sejam levadas a perceber o que representam, para o país e

para o progresso nacional, o analfabetismo e o homem sem especialização profissional.

Num momento em que se faz imprescindível o desenvolvimento industrial (a exportação de matérias primas e de produtos agrícolas alcança preços baixos em relação aos produtos industriais) e os países que buscam aumentar seus ritmo de desenvolvimento estão planejando esse desenvolvimento econômico e a preparação de profissionais qualificados em número suficiente para permiti-lo, os brasileiros ainda se encaminham, em maioria, para os cursos de tipo acadêmico. Talvez por preconceito contra o trabalho manual ou por acreditarem que são os únicos que conduzem ao ensino superior, como no passado.

Para alertar o professor para esse fato e levá-lo a colaborar no esclarecimento dos alunos e suas famílias sobre as possibilidades economicamente mais favoráveis de outros tipos de ensino médio, apresentamos o quadro da pág. 400.

Através de dados numéricos fica assim comprovada a preferência pelo ensino secundário comum, relativamente às escolas que ministram cursos técnicos.

O professor, além de esclarecer os alunos quanto às possibilidades que lhes poderão advir da boa formação técnica em cursos profissionais, deverá fazê-los cientes de que essas escolas abrem caminho aos cursos de nível universitário.

Assim, os alunos de menores recursos financeiros, mas que aspiram a uma formação universitária, ou mesmo a seguir carreira liberal, poderão encaminhar-se às escolas profissionais que lhes oferecem a oportunidade de trabalho satisfatoriamente remunerado, assegurando-lhes, assim, a continuação dos estudos.

Êsses assuntos serão tratados com maior interêsse e objetividade agora, no 5.º ano, quando os alunos se dão conta do que representa a industrialização em mercado de trabalho e melhoria de condições de vida — pela necessidade imediata de se iniciar na vida profissional, ou de decidir sobre o prosseguimento dos estudos, já considerando, até certo ponto, seus planos futuros.

O professor encontrará, neste Guia, algumas informações sobre as indústrias que se estão desenvolvendo, no país, mas, naturalmente, as informações de maior utilidade são as que poderá fornecer sobre as indústrias locais e as respectivas necessidades do mercado de trabalho.

NÚMERO DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE NÍVEL MÉDIO*

	(A)	(I)	(N)	(C)	(A-I-N-C)	(S)	Total (ordem decrescente)
Brasil	6 668	25 925	90 727	185 924	309 219	868 178	1 177 397
São Paulo	968	11 594	19 358	77 728	109 643	243 202	351 945
Minas Gerais	1 030	2 923	11 453	26 036	39 446	107 843	146 789
Guanabara	1 141	2 809	4 085	13 895	20 880	106 672	127 552
Rio Grande do Sul	1 132	2 039	9 125	11 858	24 154	85 170	109 324
Rio de Janeiro	669	2 172	4 293	8 246	15 581	50 209	65 790
Paraná	177	595	10 570	5 571	16 913	47 377	64 290
Bahia	116	498	5 252	4 722	10 588	42 639	53 227
Pernambuco	359	1 139	4 270	4 896	10 664	41 697	52 361
Ceará	227	833	2 312	2 785	5 657	26 171	31 828
Santa Catarina	66	372	8 283	4 183	12 904	13 441	26 345
Espírito Santo	312	340	1 375	3 225	5 352	14 483	19 335
Goias	47	360	1 775	3 240	5 522	13 739	19 261
Pará	190	260	1 153	4 950	6 553	11 201	17 754
Paraíba	246	248	1 127	3 836	5 617	9 924	15 541
Alegres	246	296	1 028	1 048	2 613	8 598	11 211
Piauí	—	372	657	991	2 020	9 144	11 164
Mato Grosso	112	242	361	824	1 549	9 601	11 150
Rio Grande do Norte	165	202	1 298	2 580	4 245	6 836	11 081
Maranhão	—	243	1 032	1 747	3 122	7 878	11 000
Amazonas	57	418	1 044	1 595	3 144	4 892	8 006
Sergipe	249	301	146	1 078	1 774	6 564	8 238
Acre	33	000	282	90	405	606	1 011
Amapá	21	69	54	279	423	424	847
Brasília, D.F.	000	000	110	000	110	610	720
Rondônia	000	000	124	160	284	422	703
Rio Branco	000	000	100	16	116	235	351

(A) — Agrícola; (I) — Industrial; (N) — Normal; (C) — Comercial; (S) — Secundário; (A-I-N-C) — Total das matrículas dos cursos Agrícola, Industrial, Comercial e Normal;

*TOTAL — N.º de matrículas no ensino médio.

(*) Dados retirados do Anuário Estatístico do Brasil — 1960 — publicação do Conselho Nacional de Estatística (CENSAE) — Fonte: Serviço Estatístico de Educação e Cultura.

Ainda como um estímulo aos alunos, no sentido de se encaminharem a uma formação técnica, em atendimento às necessidades e eficiências de nosso país, no setor industrial, oferecemos dados relativos aos produtos básicos à industrialização e que deixam patente a situação de carência do Brasil.

PRODUÇÃO MUNDIAL

de minério de ferro:

Estados Unidos	43%
Reino Unido	18%
França	9%
Rússia	4%
Alemanha	3%

de hulha:

Estados Unidos	34%
Reino Unido	16%
Rússia	15%
Alemanha	8%
França	5%
Japão	3%

de aço:

Estados Unidos	45%
Rússia	16%
Reino Unido	9%
Alemanha	6%
França	5%
Japão	3%

do petróleo cru:

Estados Unidos	51%
Venezuela	15%
Rússia	7%
Arábia	5%
Irã	5%
Kuwait	3%
México	2%

de energia hidráulica:

Estados Unidos	41%
Europa	40%
Ásia	14%
América do Sul	3%
Oceania	1,6%
África	0,4%

Também é importante que o professor se preocupe em levar os alunos à

Valorização da agricultura cientificamente orientada

O professor tem ainda conhecimento de que a agricultura brasileira é, de modo geral, rudimentar, havendo enorme desperdício de tempo e de homens para um mínimo de proveito.

A importância de preparo adequado do homem do campo e da utilização das conquistas da técnica avulta se considerarmos que menor número de homens, produzindo mais e melhor, vai liberar outros homens para as atividades industriais e outras profissões úteis à coletividade.

Será elucidativo observar a evolução que vêm sofrendo os Estados Unidos da América do Norte — nação com agricultura e indústria ativas. Apresentamos, assim, dados relativamente à distribuição da população ativa por atividades agrícolas, industriais e outras profissões naquele país:

Ano:	Agric.	Indust.	Outras atividades
1810	76%	11%	13%
1900	37%	29%	34%
1956	12%	33%	55%

A percentagem de pessoas dedicadas à lavoura, como vemos, vem decrescendo continuamente, de par com um aumento considerável na produção agrícola, graças ao aperfeiçoamento das técnicas utilizadas e pessoal melhor qualificado. (*)

No Brasil, a agricultura não atingiu, infelizmente, o alto grau de desenvolvimento desejado, o que se torna fator de desequilíbrio no abastecimento interno e no mercado exterior, como já tivemos oportunidade de mostrar.

(*) Na zona rural, será interessante o professor conseguir junto a agrônomos ou ao Ministério de Agricultura o aumento da produção agrícola em decorrência de melhoria técnica introduzida, por exemplo.

Deve ser preocupação do professor primário, principalmente na zona rural, que seus alunos prossigam nos estudos, procurando as escolas do Ministério da Agricultura, ao invés de se iniciarem nos trabalhos agrícolas empíricamente, como o fizeram seus pais e avós — ou que, pelo menos, procurem a orientação de agrônomo ou de publicações daquele Ministério.

É importante que todos os que se venham a dedicar à Agricultura compreendam que esta precisa alcançar maior índice de produtividade através da mecanização, do uso de fertilizantes, de sementes selecionadas, de inseticidas e da melhor utilização do solo. Tudo isso decorrente de melhor preparação do homem.

Todos esses fatores contribuirão para se obter produção de qualidade com menor pessoal, libertando recursos humanos para a indústria, o que virá a trazer benefícios, embora indiretamente, para a própria agricultura (indústria de maquinaria agrícola etc.).

E avulta, para o professor, igualmente, a importância da organização do Clube Agrícola na escola, incentivo à organização futura de novas Cooperativas de Produção, de Consumo e de Crédito, fatores de economia e de progresso para as comunidades.

Ainda nessa oportunidade ou ao tratar da importância da preparação para a indústria,

o professor deverá informar seus alunos sobre a concessão de bolsas de estudo pelos Governos Federal e Estadual e mesmo Municipal, por vezes.

A título de esclarecimento, damos algumas informações sobre as bolsas federais e sobre algumas escolas em que as crianças poderão prosseguir em seus estudos.

Será também oportunidade para mostrar às crianças de que todos os cursos de nível médio conduzem ao ensino superior.

Concessão de Bolsas de Estudos para todos os cursos de nível médio

O professor deverá esclarecer aos pais de alunos com boa capacidade para prosseguir nos estudos e condições financeiras deficientes relativamente às bolsas de estudo concedidas através do Fundo Nacional do Ensino Médio (M.E.C.).

Os candidatos deverão inscrever-se em outubro num dos vários postos de inscrição divulgados através dos jornais, do rádio e dos próprios estabelecimentos de ensino, submetendo-se, em dezembro, a provas de português e de matemática.

São condições para a concessão das bolsas:
ter o candidato, no mínimo, 11 anos e não mais de 17.
ser economicamente necessitado (*)
ser aprovado nas provas seletivas de Português e Matemática

As bolsas de estudo são, via de regra, concedidas para a série inicial do estabelecimento escolhido pelo candidato e mantidas até o final do curso desde que o candidato apresente bons resultados escolares, boa conduta e assiduidade.

Informações sobre estabelecimentos de ensino médio

Ensino Agrícola

As crianças poderão ser encaminhadas às Escolas Agrícolas existentes em Manaus, Icoraci (Pará), Mangabeira (Ceará), Macaíba (Rio Grande do Norte), Bananeiras, Areia (Paraíba), Barreiros, Tapera (Pernambuco), Satuba (Alagoas), Quissamã (Sergipe), São Francisco do Conde (Bahia), Colatina, São João de Petrópolis, Alegre (Espírito Santo), Pinheiral, Campos (E. do Rio), Jaboticabal, Pinhal (São Paulo), Apucarana, Santa Mariana, Castro, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Clevelândia, Rio Negro, Palmeiras (Paraná), Araguari, Canoinhas (Santa Catarina), Bagé, Pelotas, Bento Gonçalves, Alegrete, Viamão (Rio Grande do Sul), Salinas, Machado, São João Evangelista, Barbacena, Ouro Fino, Muzambinho, Viçosa (Minas Gerais), Cuiabá (Mato Grosso), Urutaí (Goiás).

A Escola do km 47 da antiga estrada Rio-S. Paulo, no momento, não ministra o 1.º ciclo.

Ensino Industrial

As crianças poderão ser encaminhadas aos ginásios industriais, nos quais se poderão preparar, conforme o estabelecimento, nas especialidades de:
Alfaiataria, Artes gráficas, enfermagem, cerâmica, corte e costura, culinária, eletricidade, indústrias caseiras, indústrias rurais, mecânica, mecânica de automóvel, pesca, pintura de cartazes, trabalhos em couro, trabalhos em madeira, trabalhos em metal.

(*) É economicamente necessitado o candidato cuja família tenha, comprovadamente, renda igual ou inferior à soma do aluguel de residência com o produto da metade do salário mínimo local dividida pelo número de dependentes.

Há ginásios industriais em Manaus, Belém, Macapá, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Areia, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Vitória, Belo Horizonte, Campos, Niterói, Volta Redonda, Guanabara (*), São Paulo, Lins, Ribeirão Preto, Mococa, Campinas, Amparo, Rio Claro, São Carlos, Franca, Santos, Sorocaba, Botucatu, Tatuí, Jaú, Jundiá, Araraquara, Jaboticabal, Casa Branca, Piracicaba, Santo André, Estrêla do Norte, Bauru, Araras, Registro, São José dos Campos, Curitiba, Florianópolis, Pelotas, Pôrto Alegre, Santa Maria, Cuiabá, Goiânia.

Ensino Comercial

Profissões relativas aos setores de venda, propaganda e escritório. Há ginásios comerciais em todas as capitais e em muitas outras cidades brasileiras.

Profissões da Marinha

Curso de Aprendizes de Marinheiro — em regime de internato para rapazes de 14, 15 anos, de mais de 1,65m e 49 kg e que apresentem boas condições de saúde, possibilitando assentar praça como grumete, galgando a seguir novas graduações, além de se especializar, de acordo com sua vocação, nos vários cursos mantidos pela Marinha de Guerra. Escolas no Ceará (1), Pernambuco (2), na Bahia (3), no Espírito Santo (4) e em Santa Catarina (5).

(*) Escola Técnica Nacional, Escola Técnica Darcy Vargas, Escola Técnica Federal de Indústria Química e Têxtil (SENAI), Escola Técnica Visconde de Mauá, Escola Industrial Santa Tereza, Escola Industrial Silva Freire, Escola Técnica do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. O Estado tem um grande plano de criação de Ginásios Industriais, que também se devem desenvolver em outros pontos do território nacional.

(1) Inscrições em maio na própria escola e nas Capitânicas dos Portos dos Estados do Amazonas, do Pará, do Maranhão e do Piauí.

(2) Inscrições em janeiro na própria escola e na Capitania do Pôrto do Estado de Sergipe.

(3) Inscrições em setembro na própria escola, no Comando Naval de Brasília, na Diretoria do Pessoal da Marinha, no Rio, na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, na agência da Capitania dos Portos em São João da Barra e na Capitania Fluvial dos Portos do Rio São Francisco, em Pirapora.

(4) Inscrições em setembro na própria escola, na Diretoria do Pessoal da Marinha, no Rio.

(5) Inscrições em setembro na própria escola, em Florianópolis; na Diretoria do Pessoal da Marinha, no Rio; e nas Capitânicas dos Portos dos Estados de São Paulo (em Santos), do Paraná (em Paranaguá), do Rio Grande do Sul (em Rio Grande), de Mato Grosso (em Corumbá) e, ainda, nas Capitânicas Fluviais dos Portos do Rio Paraná (em Foz do Iguaçu); nas Delegacias da Capitania dos Portos do Estado de Santa Catarina (em São Francisco do Sul, Itajaí e Laguna); e nas Delegacias da Capitania dos Portos do Estado do Rio Grande do Sul (em Pelotas e Pôrto Alegre).

GOVERNOS REPUBLICANOS DO BRASIL

Através de iniciativas positivas dos presidentes Francisco de Paula Rodrigues Alves, Epitácio da Silva Pessoa, Getúlio Dornelles Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek de Oliveira,

as crianças tomaram conhecimento de ação dos governos passados, respectivamente

- nas obras de saneamento
- na recuperação do Nordeste
- na criação da indústria do aço
- na recuperação do vale do São Francisco
- na interiorização da capital do Brasil (que se transferiu para terras então pertencentes ao Estado de Goiás, no Planalto Central), e no relêvo dado às obras do N.E. e à recuperação do vale do médio São Francisco.

Êsses conhecimentos se vieram juntar ao das obras hoje em execução, de maneira a levar a criança a tomar conhecimento, de início, dos aspectos positivos do governo no Brasil, de modo geral, e da sua preocupação de incentivar, coordenar e realizar o progresso do país.

Entretanto, os aspectos negativos do governo no Brasil, em geral, devem ser tratados com a criança de acordo com as oportunidades que surjam, mas sempre no sentido da crítica construtiva e de uma lição a aproveitar — isso porque se faz necessário, evidentemente, compreender a criança, em seus aspectos de realidade, a evolução e crescimento de nosso país.

Assim, e seguindo a orientação que acima esclarecemos, o professor irá seleccionar de início os aspectos positivos dos governos passados que julga suas crianças devam conhecer.

No desejo de auxiliar o professor apresentamos sugestões sobre êsses aspectos na chamada

"REPÚBLICA VELHA"

— promulgação da primeira Constituição da República — características dessa Constituição, que se manteve em vigor até 1930; mostrar seu espírito liberal no que concerne aos direitos e garantias do cidadão — no que continua o espírito da Constituição do Império — e seu aspecto presidencialista, federalista e democrático

— consolidação da República — Manuel Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e Prudente de Moraes

— medidas no sentido do equilíbrio das finanças do país — Prudente de Moraes e Manuel Campos Sales

— as reformas administrativas e o notável progresso do país no governo Francisco de Paula Rodrigues Alves (*) principalmente no Rio, então capital da República, modernizada pelo Prefeito Francisco Pereira Passos e saneada pelo Diretor Geral de Saúde Pública — Oswaldo Cruz; escolha do Barão do Rio Branco para o Ministério das Relações Exteriores, prolongamento de estradas de ferro, construção de portos, adaptação, para o trânsito de automóveis, da estrada entre São Paulo e Santos (melhoramentos com base na recuperação financeira do período anterior).

— os benefícios do governo de Afonso Pena, continuador da obra de Rodrigues Alves; construção de estradas-de-ferro e de portos, incremento à imigração e a novos métodos de colonização.

— a criação do Serviço de Proteção aos Índios, fundação de escolas de aprendizes artífices, restauração do antigo Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio — na presidência de Nilo Peçanha.

— certo desenvolvimento industrial, promulgação do Código Civil Brasileiro (**) (houve, a essa época, o malôgro da

(*) Oportunidade, uma vez mais, para mostrar às crianças as relações existentes entre Governo Federal, Estadual e Municipal, assim como para um estudo da organização do Poder Executivo — Presidente e Ministros — atribuições.

(**) Código Civil — conjunto de leis básicas referentes aos direitos e obrigações de ordem privada concernentes às pessoas, às relações existentes entre estas e aos bens materiais possuídos. Assim, os direitos e deveres dos nubentes, dos pais, os direitos de adoção, os problemas de dívidas, heranças, compra e venda de imóveis, locação de prédios, respeito à propriedade privada etc. estão aí fixados.

borracha e a diminuição das outras exportações, sofrendo o Brasil as conseqüências econômico-financeiras da Guerra Mundial) — Governo Wenceslau Braz.

— reforma do Exército pelo Ministro da Guerra civil João Pandiá Calógeras, remodelação da parte central do Rio de Janeiro com o arrasamento do morro do Castelo; início de grandes obras no Nordeste; revogação do decreto de banimento da Família Imperial com a transladação dos restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina; criação da primeira Universidade Brasileira, a do Rio de Janeiro, depois denominada do Brasil. A Exposição Internacional comemorativa do centenário da independência do Brasil, demonstrando o progresso do país — Presidência de Epitácio da Silva Pessoa.

— reforma parcial da Constituição de 1891, proposta pelo govêrno e votada pelo Congresso; valorização do café prosseguindo obra do govêrno anterior; preocupação com as finanças do país — Arthur da Silva Bernardes.

— construção da rêde rodoviária paulista (*) (em 1925 inauguração do primeiro trecho sul-americano da estrada de concreto, na região da Serra do Mar), criação da Comissão de Estradas de Rodagem Federais que inaugura a Rio-São Paulo e a Rio-Petrópolis, troncos iniciais de nossa rêde rodoviária, respectivamente, para o Sul e para o Norte; lema de govêrno "governar é abrir estradas" — Washington Luiz Pereira de Souza (**).

ASPECTOS POSITIVOS DE GOVÊRNO NA CHAMADA "REPÚBLICA NOVA" IMPLANTADA PELA REVOLUÇÃO DE 1930.

— criação de dois novos ministérios: da Educação e Saúde; do Trabalho, Indústria e Comércio. Tem início, sob outras bases, nossa legislação trabalhista; medidas visando à estabilidade de preço de nosso principal produto, o café, estímulo à exportação de outros produtos como a cana-de-

(*) O Estado de São Paulo foi o primeiro a preocupar-se com estradas rodoviárias (durante o govêrno de Rodrigues Alves e por iniciativa de Arthur Rudge Ramos e Washington Luiz, presidente do Automóvel Clube Paulista).

(**) O café, praticamente único produto de exportação brasileira a essa época, sofre uma baixa devido ao "debacle" financeiro de 1929, de âmbito internacional.

-açúcar já beneficiada em usinas (aplicação no álcool-motor), o algodão, base da importante indústria nacional de tecidos (São Paulo e Nordeste); cacau (Bahia e Pará); frutas; cereais, êstes predominantemente para consumo interno; crescimento do mercado interno; surto de produção industrial; novos meios de transporte; desenvolvimento da siderurgia nacional; início da indústria pesada; preocupação com as obras contra a sêca no N.E.; grande impulso às vias de comunicação do país; criação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — três primeiros govêrnos (*) de Getúlio Dorneles Vargas.

— recomposição da vida democrática, sendo novamente assegurados os direitos do cidadão, voltando o país à normalidade administrativa, e procurando refazer-se das conseqüências da Segunda Guerra Mundial; Constituição de 1946 (**), organização e regulamentação da Companhia Hidrelétrica do S. Francisco (CHESF); criação da Comissão do Vale do S. Francisco — "o presidente do S. Francisco" — Eurico Gaspar Dutra.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS DO BRASIL

Atuação do Barão do Rio Branco

Deverá o professor considerar a figura de José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco, exemplo dos mais significativos a ser apresentado às crianças, principalmente porque devemos exortá-las a continuar e enobrecer a tradição pacifista do Brasil em resolver, por acordos e tratados, questões de importância, como as questões de limites. (***)

É importante salientar que o Brasil muito lhe deve na solução das questões de limites com a República Argentina, a Guiana Francesa, a Bolívia, a Guiana Holandesa, a Colômbia e o Peru.

(*) 1.º Govêrno: 1930 — 1934.

2.º Govêrno: 1934 — 1937.

3.º Govêrno: 1937 — 1945.

(**) Constituição de 1946 — atenção ao título I, relativo à Organização Federal; espírito liberal relativo à declaração de direitos do cidadão.

(***) Cabe aqui ressaltar, como já o fizemos em relação ao Ministério da Aeronáutica, o relevante serviço que presta ao país o Ministério de Guerra, em relação às fronteiras, guarnecendo-as e protegendo-as.

O Barão do Rio Branco foi Ministro e Enviado Extraordinário encarregado de Missões Especiais relativas às regiões de Palmas, impròpriamente chamada regiões das Missões, e Amapá, e também Ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, do governo Rodrigues Alves ao do Marechal Hermes. Defendeu os direitos brasileiros aos territórios limítrofes, sempre em tom de respeito a seus contendores e com alto senso de justiça.

Tradição de solidariedade e pacifismo

Referências serão feitas à idéia da união entre as Américas, já nos tempos do Brasil — Reino Unido a Portugal e Algarves: pensava-se em organizar uma Liga Americana, tendo sido êste, "Liga Americana", o título do 1.º jornal americanista que tivemos.

A união entre as Américas foi sempre aplaudida pelo Brasil durante o Império, apesar de ser êle a única monarquia americana.

O Brasil compareceu a tôdas as conferências pan-americanas, tendo tomado parte inclusive na destinada a estabelecer a posição da América diante da Segunda Guerra Mundial.

Além disso, ampliou suas obrigações internacionais, constituindo-se um membro da Organização das Nações Unidas (ONU) enviando mesmo contingentes militares ao Egito onde surgiram questões a respeito da utilização do canal de Suez.

O Brasil, portanto, manteve sempre entre as Nações sua tradição de solidariedade e pacifismo.

O professor deverá encarecer a

Organização das Nações Unidas

instituída em decorrência da II Grande Guerra

Dirá às crianças que a ONU visa a desenvolver o respeito mútuo e a cooperação com o objetivo de salvaguardar a paz mundial.

A Carta das Nações Unidas deverá aparecer, à semelhança da Constituição Brasileira, como a Lei que rege êsse órgão. Será de grande valor educativo informar às crianças de que os princípios de base dessa Carta datam de quatro anos antes do término da guerra.

Em 1945, delegados de cinquenta nações reunidos durante dois meses nos Estados Unidos da América do Norte discuti-

ram e elaboraram cuidadosamente a Carta. Em última análise, pois os Estados membros delegaram certos poderes e deveres à ONU, em virtude da assinatura aposta à Carta das Nações Unidas.

De posse de publicações da ONU — folhetos e cartaz onde se encontram os Direitos do Homem, o professor conduzirá suas crianças a pesquisas e, principalmente, a discussões concernentes não só ao histórico e finalidades da ONU, como ao valor humanitário contido na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). As crianças deverão igualmente executar mapas — planisfério ou cada continente de per si — dando relêvo aos países membros, e procurar documentação sôbre êstes, ou, se o professor considerar mais significativo, sôbre as áreas do mundo que já vêm sentindo a ação benéfica da ONU.

Exposições, (*) filmes realizados pelas crianças, dramatizações e danças folclóricas virão dar brilho à comemoração do Dia das Nações Unidas, em outubro.

Essas atividades e mais a exibição de filmes do I.N.C.E. ou do Setor de Cinema Escolar da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara etc. como "Crianças da Holanda", "Crianças Mexicanas" etc., virão alargar o conhecimento de nossas crianças a respeito do mundo em que vivemos. Mais importante será, porém, que valorizem o trabalho da ONU e as dificuldades e obstáculos que deve enfrentar, dada, não só a natureza complexa de seus objetivos, como a limitação de seus poderes.

Ao fim dêsses estudos, as crianças devem reconhecer como objetivo da ONU

- a preservação da paz, através
- de ação diplomática conciliadora
- do desenvolvimento das regiões menos favorecidas, diminuindo a distância que as separa dos países mais ricos e industrializados (auxílio técnico e financeiro, sem esquecer naturalmente os setores de saúde e de educação)
- da defesa dos Direitos Humanos

Êsse estudo prosseguirá no 6.º ano de Estudos Sociais com maior amplitude e profundidade.

(*) Numa exposição relativa ao Dia das Nações Unidas havia um cartaz que representava um planisfério com os países membros da ONU, coloridos e ligados a êstes por fios, retratos de crianças. A professora do grupo, solicitada, explicou-nos que aquêles retratos correspondiam a crianças que haviam concorrido a um concurso de desenho infantil de âmbito mundial realizado na Índia.

APLICAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE TRÁBALHO JÁ ADQUIRIDOS

No 4.º ano de Estudos Sociais nossas crianças compreenderam que a forma, movimento de translação e o eixo inclinado da Terra determinam diferenças climáticas, e chegaram mesmo a concluir que o Brasil, de um modo geral, tem temperatura elevada (pág. 240).

Tiveram ainda conhecimento das direções colaterais, familiarizaram-se com a latitude, do que resultou maior possibilidade de precisão nas localizações.

No 5.º ano, os estudos levam-nas a conhecer continentes e países através das relações comerciais e de amizade com o Brasil.

Referências aos produtos da baixa e média latitudes conduzem necessariamente ao estudo das diversidades climáticas.

Aliás, as crianças já reconhecem, na latitude, o fator máximo do clima e sabem que

as baixas latitudes, situadas próximo ao Equador, recebem os raios solares quase verticalmente durante todo o ano e, por isso, nelas há sempre calor

nas altas latitudes, próximas aos pólos, ao contrário, os raios solares chegam sempre obliquamente, o que determina temperatura baixa.

Repetindo uma vez mais a experiência citada à pág. 238 as crianças observarão de maneira especial as latitudes médias.

Percebem que a obliquidade dos raios varia a medida que as terras se vão afastando do Equador, o que determina variações de temperatura, tanto abaixo quanto acima do Equador, isto é, em cada um dos hemisférios.

Do mesmo modo, observam que, à medida que os raios solares chegam com menor inclinação à faixa de um hemisfério (inclinação do eixo terrestre) com maior obliquidade chega às médias latitudes do outro hemisfério, o que as leva a concluir que, quando é verão nas médias latitudes de um hemisfério, é inverno nas médias latitudes do outro hemisfério.

irão observar ainda que há momentos em que a luz da lanterna que se projeta sobre o globo cai com inclinação não muito pronunciada nas duas faixas: primavera em um dos hemisférios, outono no outro.

Será interessante que as crianças, de posse de fotografias ou figuras com paisagens típicas dessas estações das latitudes médias, indiquem a inclinação dos raios solares por meio de fios, por exemplo. Assim, durante o verão, raios solares pouco inclinados; no outono e na primavera, raios solares mais inclinados; no inverno, raios solares muito inclinados.

A distribuição dessas estações durante o ano, no globo, não oferece maior dificuldade às crianças.

O professor deverá agora limitar as faixas climáticas, no planisfério. Será mesmo útil que as crianças marquem os graus e que localizem pontos de acôrdo com a latitude, a longitude e os pontos cardeais.

As crianças deverão concluir da importância dessas referências nas viagens náuticas.

Relativamente aos mapas, as crianças se vêm aperfeiçoando cada vez mais nas técnicas já desenvolvidas, no 3.º e no 4.º anos de Estudos Sociais.

Resta-nos lembrar ao professor que o mapa é imprescindível e que só poderemos considerar nossa tarefa cumprida, quando as crianças usarem-no espontaneamente, não só como apoio e meio de atingir maior precisão em seus conhecimentos, mas também para resumo, ou síntese de conhecimentos.

É preciso também que nossas crianças, ao fim do 5.º ano, estejam convenientemente preparadas para a interpretação de gráficos.

O professor atingirá êsse objetivo se souber aproveitar as oportunidades que surgirem durante os trabalhos e se der a essa atividade um desenvolvimento lento, porém contínuo.

Levantamento das condições locais

Essa atividade, poderá constituir trabalho independente ou ser decorrência do Jornal Escolar, do Clube, do Centro de Civismo e Intercâmbio Escolar etc.

Pensamos se deva atender em especial, nesse levantamento, às oportunidades educacionais de caráter profissional, assim como às possibilidades econômicas da localidade, embora nos devamos deter sobre o histórico da cidade, como o vimos fazendo de certo modo desde o 2.º ano, procurando levar as crianças a encarecer às relíquias históricas.

Serão organizados fichários relativos:

- às possibilidades profissionais: agricultura, artesanato, indústria, obras de caráter assistencial etc.
- aos dados estatísticos relativos a profissões locais, em condições de atender às necessidades existentes, as oportunidades educacionais — escolas existentes, na relação que apresentam com o mercado de trabalho na comunidade etc.
- às outras instituições educacionais: museus, bibliotecas, discotecas etc. Ressaltar as relíquias históricas e o trabalho importantíssimo que vem sendo empreendido pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Será útil organizem ainda fichários sobre obras locais que vêm tendo desenvolvimento: construção de hospitais, de escolas, aberturas de estradas, calçamento de ruas etc.

Algumas crianças poderão mesmo observar o andamento das obras, documentá-las com fotografias, desenhos e entrevistas com pessoas para isso qualificadas — para publicação imediata no jornal mural ou para efeito de histórico.

Essas práticas, assim como o recorte e o colecionamento de notícias de cunho realmente objetivo, publicadas em jornais locais ou revistas, despertam o interesse pelas coisas públicas e o hábito de procurar informações válidas, o que é, em suma, preparo para julgamento o mais possível justo, claro, imparcial.

As condições de abastecimento são também muito importantes e será fácil, especialmente nas cidades pequenas, obter informações sobre a procedência dos gêneros de primeira necessidade. Tratando-se de localidade agrícola, talvez o professor consiga a vinda de um agrônomo à escola para esclarecimento (*) de dúvidas das crianças quanto às possibilidades, ou às vantagens de incentivar a plantação de certos produtos na localidade etc.

Excursões, visitas e entrevistas

As excursões, visitas e entrevistas no 5.º ano de Estudos Sociais serão relativas preferencialmente ao setor vocacional. Mesmo nas visitas a museus, bibliotecas e outras instituições educacionais êsse aspecto não será omitido.

É preciso que nossas crianças tenham um conhecimento amplo das atividades profissionais, daí aconselharmos

visitas a obras de engenharia, a escolas profissionais, fazendas, cooperativas, jornais, oficinas, fábricas, repartições públicas, aeroportos etc.

entrevistas com pessoas qualificadas de várias instituições (ou coleta de informações por carta)

Essas visitas e entrevistas serão seguidas de pequena documentação preparada pelas crianças para as demais turmas e para as turmas vindouras. Essa documentação constará de pequenas redações alusivas aos pontos considerados de maior interesse, ainda de

fichários

cartazes

quadros murais

notícias no jornal

álbuns

pequenos livros (inclusive com peças teatrais que representarão, e que deixarão como documentos para as turmas vindouras)

Essa documentação não só é importante para o trabalho avaliativo do professor, como também lhe dá maior base e confiança para os conselhos que por ventura venha a dar a respeito do prosseguimento dos estudos de seus alunos.

Na cidade do Rio de Janeiro aconselhamos visitar ainda o Museu da República, o Instituto Oswaldo Cruz e o Palácio Itamaraty etc.

(*) Questões de solo e clima, questões financeiras etc.

Capítulo 10

ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS (*) — COMO
AUXÍLIO AO PROFESSOR

Evolução, no Brasil, dos principais produtos agrícolas, segundo os
estados produtores — 1960 e 1961

CAFÊ EM CÔCO		
Unidades da Federação	1960	1961
Paraná	1 948 637 t	1 899 921 t
São Paulo	1 157 989 t	1 234 416 t
Minas Gerais	496 276 t	550 370 t
Espírito Santo	284 730 t	261 747 t
Goiás	92 290 t	99 396 t
Rio de Janeiro	53 653 t	54 564 t

ARROZ		
Unidades da Federação	1960	1961
Minas Gerais	940 077 t	962 640 t
São Paulo	918 905 t	964 850 t
Rio Grande do Sul	888 675 t	982 874 t
Goiás	724 497 t	798 397 t
Maranhão	277 741 t	396 892 t
Paraná	268 370 t	308 807 t
Mato Grosso	220 806 t	275 359 t

(*) De acordo com a Revista "Desenvolvimento e Conjuntura", ano VI n.º 2, de fevereiro de 1962. Em livros como "La Tierra y sus Recursos" de Levi Marrero e outros, o professor encontrará os principais produtos no planisfério, assim como quadros comparativos da produção nos principais países.

MILHO		
Unidades da Federação	1960	1961
Minas Gerais	1 840 725 t	1 897 787 t
São Paulo	1 582 179 t	1 514 145 t
Rio Grande do Sul	1 582 136 t	1 632 765 t
Paraná	1 296 559 t	1 316 007 t
Santa Catarina	596 897 t	622 564 t
Goiás	321 711 t	400 208 t
Ceará	221 030 t	280 867 t
Maranhão	177 327 t	173 507 t

Observação: o Estado do Rio Grande do Sul suplantou, em 1961, a produção de São Paulo.

TRIGO		
Unidades da Federação	1960	1961
Rio Grande do Sul	532 336 t	597 813 t
Santa Catarina	108 949 t	101 541 t
Paraná	67 310 t	70 743 t
São Paulo	3 965 t	5 590 t

FEIJÃO		
Unidades da Federação	1960	1961
Minas Gerais	350 909 t	345 997 t
Paraná	298 780 t	302 963 t
São Paulo	173 439 t	194 321 t
Rio Grande do Sul	144 305 t	148 490 t
Ceará	117 869 t	133 428 t
Bahia	93 149 t	104 978 t

CANA-DE-AÇÚCAR		
Unidades da Federação	1960	1961
São Paulo	19 896 447 t	20 015 826 t
Pernambuco	8 536 855 t	8 050 254 t
Minas Gerais	5 888 838 t	6 100 836 t
Rio de Janeiro	4 673 556 t	4 986 684 t
Alagoas	4 118 325 t	5 312 639 t
Bahia	2 609 864 t	2 740 357 t

BATATA INGLESA		
Unidades da Federação	1960	1961
São Paulo	415 548 t	364 448 t
Rio Grande do Sul	274 518 t	300 177 t
Paraná	184 719 t	196 427 t
Minas Gerais	132 833 t	127 128 t
Santa Catarina	57 056 t	58 269

PRODUÇÃO, CONSUMO E IMPORTAÇÃO EM 1961
(estimativa)

de Trigo:

produzimos — 775 485 t
importamos — 1 624 515 t.
consumimos — 2 400 000 t.

derivados do petróleo:

produzimos — 280 milhões de dólares
importamos — 120 " " "
consumimos — 400 " " "

de petróleo bruto:

produzimos — 100 milhões de dólares
importamos — 110 " " "
consumimos — 190 " " "
exportamos — 20 " " "

Minério de ferro

Exportação brasileira de minério de ferro, em 1961
Países importadores:

Alemanha 1 870 746 576
Estados Unidos 727 783 152
Inglaterra 541 183 572
Itália 293 748 968

Estatísticas sobre alguns produtos (*)
(países pela ordem de importância)

café: Brasil, Colômbia, El Salvador, Guatemala, México
(na África esse produto vem tendo grande desenvolvimento)
açúcar: Cuba, Índia, Rússia, Estados Unidos, Brasil
arroz: China, Índia, Paquistão, Japão
trigo: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália,
Rússia
milho: Estados Unidos, Argentina
algodão: Estados Unidos (da Carolina ao Texas), Rússia,
Índia, China, Egito, Brasil
cacau: Costa do Ouro, Brasil, Nigéria (África Ocidental
Francesa)
fumo: Estados Unidos, China, Índia, Brasil, Japão, Tur-
quia, Cuba
chá: Ásia em geral
frutas cítricas: Estados Unidos, Brasil, Espanha, Itália
México, Argentina
bananas: Costa Rica, Honduras, Guatemala, Panamá,
Equador, Brasil, Canárias, México, Colômbia

(*) Os produtos essenciais à industrialização e os dados sobre a própria indústria aparecem em outro local (pág. 392).

ATIVIDADES SUGERIDAS

O jornal escolar

Uma das atividades pelas quais mais se interessam as crianças e que oferecem melhores oportunidades de ensino das várias matérias escolares, e educativas em geral é, sem dúvida, o jornal.

Embora seja fácil reconhecer vantagens nesse trabalho, o professor deve conduzir o grupo ao relacionamento e análise desses méritos, que funcionarão mais tarde como objetivos e normas a atingir.

As crianças devem compreender que, através de sua missão informativa pode o jornal atingir realizações mais elevadas:

- a união de toda a comunidade escolar, e a formação de ideais sociais, especialmente de justiça.

Nesta diretriz, sentem a responsabilidade de

- bem-informar o público escolar, observando a utilidade da informação, os interesses coletivos e individuais, a veracidade e os requisitos técnicos;
 - defender a liberdade de opinião,
 - dar às instituições e turmas da escola idênticas oportunidades de expressão;
 - retratar a vida da escola, contribuindo para a documentação de sua história.
- Para servir à sua finalidade específica, e não traír as responsabilidades decorrentes, as crianças irão, através de um trabalho consciencioso, concluir que devem:
- estar sempre prontas a apoiar e promover campanhas da escola ou da comunidade, por ela defendidas.

— emitir opinião ou afirmar algo apenas quando devidamente informadas; em casos de dúvida proceder a pesquisas, sondagens ou enquetes;

— determinar as possíveis seções de jornal e, aproximadamente, os espaços a elas reservados;

— distribuir os artigos e anúncios, na medida do possível, de acôrdo com essas determinações;

— fixar o prazo de saída das publicações de modo que não prejudique a continuidade de interesse do público, nem impeça uma elaboração cuidadosa;

— dar a todos os grupos ou indivíduos, alternadamente, as mesmas possibilidades, não favorecendo alguns, pela ênfase continuada dada às suas notícias, através da qualidade dos títulos, da ilustração ou da colaboração destacada;

— submeter os exemplares a exames periódicos de modo que, através de adequada — mas não exagerada — variação de assuntos e técnicas, se consiga manter o interesse geral pelo jornal.

À medida que se forem esclarecendo, por meio de pesquisas, da orientação dos professores, do exame de exemplares de jornais escolares ou da comunidade, da opinião de pessoas mais experientes, as crianças, usando de sua imaginação e iniciativa, irão executando o trabalho de organização do jornal.

Será importante a escolha dos encarregados das diversas funções envolvidas no trabalho do Jornal. Com êsse intuito serão realizados concursos, havendo ainda oportunidade para mais uma eleição democrática (escolha do diretor do Jornal).

Sugestões para a constituição de um corpo de servidores do jornal escolar

Direção

Diretor: é o principal responsável pela observância das diretrizes do jornal e pelo sucesso da iniciativa. Tem direito a um secretário e a êle estão subordinados a Redação e a Gerência. Dirige os debates e segue o andamento dos trabalhos, atende ao interesse do público.

Redação

Redator-chefe: seleciona e coordena, ajudado pelos redatores, a matéria a publicar. Faz a revisão do jornal. Ausculta freqüentemente a opinião pública; resolve sôbre as entrevistas às crianças da escola e tabula as respostas, ou

organiza, com os redatores e outros colaboradores, questionários a serem preenchidos. A êle estão subordinados os redatores, os repórteres, os ilustradores.

Redatores: redigem. Auxiliam o redator-chefe em tôdas as suas atribuições.

Repórteres: Interpretam e registram o que vêem, lêem e ouvem de interessante. Comparecem para isso a reuniões, comemorações, palestras, competições esportivas etc. da escola. Procuram conhecer as iniciativas de cada turma. Recolhem notícias e trabalhos fornecidos por colaboradores. Entrevistam pessoas.

Colaboradores (todos os alunos): Enviam trabalhos

Ilustradores: Ilustram o jornal, a pedido dos redatores

Gerente: Responsabiliza-se pela parte comercial e financeira. A êle estão subordinados os contadores, cujo trabalho revê e assina como responsável.

Contadores: Efetuam compras, fazem lançamentos no livro-caixa, passam recibos; fazem balanços, gráficos etc. relativos ao aspecto financeiro do jornal.

Vendedores: Fazem chegar os jornais ao público e prestam contas detalhadas ao gerente.

Propagandistas: Organizam a propaganda do Jornal Escolar: quadros-murais, jornais falados etc. Recolhem e organizam anúncios a publicar no jornal.

Gráfica:

Corpo de técnicos: Encarregam-se da execução material do jornal. De acôrdo com a técnica utilizada, serão crianças de boa letra ou que escrevam a máquina e grupo de encarregados de tirar cópias na gelatina ou ao mimeógrafo.

Sugestões sôbre assuntos que podem interessar ao público de um jornal infantil

— notícias sôbre os trabalhos das turmas;
— relatórios das atividades das turmas e das instituições escolares;

— efemérides — aniversários; nascimentos nas famílias das crianças e dos professôres; entrada de um nôvo colega etc.

— resultados das competições esportivas da escola;

— notícias e propaganda de eleições realizadas na escola, depoimentos de turmas e de colegas sôbre uma criança que se candidate a um cargo eletivo etc.;

— modelos de brinquedos; jogos e brincadeiras, idéias para presentes preparados pelas crianças, receitas de doces, de tinta, de cola, de massa de modelagem, consultas caseiras, socorros urgentes;

— páginas de diários de classe, contendo alguma notícia interessante

— anedotas e adivinhações imaginadas pelas crianças; — fatos divertidos que hajam ocorrido no recreio ou nas salas de aula, desde que não firam suscetibilidades;

— competições e desenhos das crianças; — notícias de campanhas ou outros movimentos iniciados por entidades escolares, ou pela comunidade, e em que os alunos devam participar;

— pequenos conselhos, informações importantes, "slogans" ligados aos trabalhos de classe; — trabalhos decorrentes de excursões, ou de visitas de interesse realizadas pelas crianças, inclusive no período de férias;

— traços da personalidade de um vulto da história pátria, de uma figura de importância da comunidade, apresentados como adivinhação, trechos de "diários" dessas personagens ou de suas bibliografias;

— viagens imaginárias informando sôbre fatos históricos e locais importantes;

— trechos e frases significativas de bons autores que possam servir como lema ou sugiram normas de atitude;

— poesias, provérbios, folclore; — trechos de um livro com as respectivas apreciações, de modo a motivar a leitura do mesmo;

— notícias interessantes de outras escolas, recebidas através do Correio Escolar;

— entrevistas sôbre assuntos de real interesse concedidas por visitantes, pessoas da comunidade, professôres, ex-alunos ou quaisquer crianças;

— críticas das dramatizações, dos programas de TV da escola, das apresentações de auditório, do número anterior do jornal etc.

— seção de achados e perdidos
— notícias importantes sôbre o desenvolvimento do Brasil, do Estado, da cidade, do bairro, acontecimentos de outros estados ou países (independência, calamidades que exigem cooperação universal etc.)

Notícias a destacar periódicamente

As finalidades, ao histórico e à valorização de uma iniciativa de tanta importância como o Jornal Escolar será, especialmente, dedicado o número inaugural. Mais tarde, baseados nesse primeiro número, nas realizações que se seguiram e no testemunho de colegas e professores, o novo corpo de servidores organizará os números de aniversário, cuidando de exaltar os trabalhos de grupos, de preferência aos individuais, e observando ainda a discrição, a veracidade e a elegância.

De igual maneira outras instituições escolares serão destacadas de tempos em tempos, seja por ocasião de mais um aniversário, pelo término de uma gestão, ou por uma iniciativa de vulto.

Datas magnas nacionais e fatos de excepcional importância para a comunidade, como a fundação de uma biblioteca pública numa comunidade pobre, serão também motivos de grande destaque.

Atividades que decorrem dos trabalhos relativos ao jornal

Como atividades decorrentes do jornal as crianças organizam fichários — dos assuntos publicados e de pesquisas realizadas, de datas importantes, de personalidades, de sinônimos etc.

jornais falados ou lidos nos programas de auditório, para efeito principalmente de promoção de vendas do jornal
jornal mural como auxiliar de publicidade de assuntos de interesse imediato (quadro de avisos);

— álbum de recortes de jornais da comunidade que fazem a promoção de um serviço, a defesa de um patrimônio, o elogio de uma ação altruística etc.

— pequena antologia escolar, como resultado dos concursos literários promovidos etc.

— visitas a tipografias ou a redações de jornais

— encadernação anual dos exemplares (uma coleção deverá ser enviada à biblioteca da escola).

Oportunidades de desenvolvimento de atitudes oferecidas pelas atividades relativas ao jornal.

Dentre todas as aquisições úteis que essa atividade traz às crianças a *auto-afirmação* é talvez a mais importante.

O jornal é "das crianças e para as crianças" e, se verdadeiramente elas chegam a sentir isso, se estão seguras de poder realizar algo em benefício da comunidade escolar, será enorme o alcance do trabalho para seu desenvolvimento pessoal.

Proporcionar condições favoráveis para que isto se processe deve ser objeto contínuo da atenção do professor. Assim, cuidará de

— dar às crianças material que lhes desenvolva a iniciativa, a imaginação e suscite interesses;

— oferecer oportunidades a todos, dentro de seu interesse e possibilidades;

— valorizar reais esforços, orientando-os no sentido de um aperfeiçoamento;

— incentivar realizações

— examinar as dificuldades de trabalho e discutir com as crianças as soluções dos problemas;

— deixar que as *iniciativas* partam das *crianças*, tomando para si, apenas, a tarefa de supervisionar e orientar.

O jornal e o conteúdo das matérias do programa

Embora mais afeto à língua-pátria e às ciências sociais, o jornal escolar traz oportunidades inestimáveis aos estudos da matemática e das ciências físicas e naturais. A fabricação do papel, as máquinas, a utilização de eletricidade, a revelação de fotografias etc., conduzirão as crianças não só a conhecimentos rudimentares de química e de física mas, e principalmente, à valorização dos pesquisadores dessas matérias.

Outros assuntos surgirão nas Seções de "Você sabia que" Adivinhações etc.

— Língua-pátria:

Essencialmente comunicação o jornal escolar é, consequentemente, linguagem. Ainda na fase preparatória do trabalho e, posteriormente, em pleno funcionamento

— a significação de substantivos abstratos como justiça, igualdade, responsabilidade, clareza e elegância vai sendo melhor apreendida pelas crianças e empregada com maior correção.

— o pensamento é expresso de maneira mais completa, com maior conteúdo, clareza, objetividade e beleza de forma

— a pontuação certa, a grafia correta e o uso mais preciso e variado de verbos e adjetivos se farão mais e mais necessários

— a análise e as regras gramaticais vão sendo aprendidas sem maior esforço apresentadas sempre como um recurso auxiliar para o aperfeiçoamento da forma

— há estímulo a leituras mais variadas

— o uso de livros de referência e o hábito de pesquisas se acentuam

— as crônicas, os artigos de fundo e os noticiários vão sendo distinguidos

— autores nacionais infantis como — Monteiro Lobato, Viriato Corrêa, Ophelia e Narbal Fontes, Lúcia Machado de Almeida e Maria Clara Machado são lidos e valorizados

— haverá interesse por alguns trechos e por fatos da vida de autores nacionais como Castro Alves, Rui Barbosa, José de Alencar, Euclides da Cunha, Machado de Assis (Apolo-
logia da carta de José de Alencar a Machado de Assis sobre Castro Alves etc.), Olavo Bilac.

Estudos Sociais

— objetivos da Imprensa

Pontos de contacto entre os objetivos da escola e da imprensa.

A responsabilidade que, cabe à Imprensa na defesa da democracia, da ordem constituída, e na promoção de progresso intelectual, moral e material da sociedade.

A importância do conhecimento da História e Geografia pátrias pelo profissional da imprensa.

A Constituição Brasileira. A Liberdade de Imprensa. O cidadão brasileiro. Os direitos do homem. A Sociedade Interamericana de Imprensa e seus propósitos.

As entrevistas coletivas concedidas pelo Presidente da República, instituição caracteristicamente democrática

— A existência jurídica do jornal

Necessidade do registro dos jornais em cartório. Os cartórios e o sistema judiciário (notícia breve)

Necessidade do registro dos profissionais no Ministério do Trabalho.

Educação profissional

Os profissionais da imprensa: redatores, editores, repórteres, revisores, contadores, publicistas, tipógrafos, gravadores impressores etc. Suas funções e o grau de instrução necessário a cada uma. As escolas técnicas e o curso de jornalismo das Faculdades de Filosofia.

Seções de um Jornal. Os suplementos literários, econômicos e de educação.

A importância dos pesquisadores e dos estudiosos no progresso da técnica.

O jornal na História Pátria

O primeiro jornal brasileiro. As campanhas civilistas.

Primeiras influências da invenção da imprensa: os descobrimentos marítimos do século XV

No 6.º ano o Jornal Escolar dará oportunidade ao estudo do *progresso da Ciência e da Técnica*, detendo-se então professor e alunos nos históricos do aparecimento da escrita, da invenção do papel e da imprensa, dos processos fotográficos e dos demais meios de comunicação em âmbito mundial.

Será importante, entretanto, que ainda no 5.º ano as crianças visitem um jornal ou tipografia e recebam as informações relativas a aspectos que despertem curiosidade.

ORGANIZAÇÃO DE UMA COOPERATIVA

O cooperativismo — A importância das cooperativas

O cooperativismo vivido pelas crianças, na escola constituir-se-á em mais uma oportunidade ao exercício da democracia.

O grupo que se organiza em bases cooperativistas reconhece as necessidades comuns, solidarizando-se seus componentes uns com os outros, o que os leva à iniciativa de fazer frente a essas necessidades, através de uma cooperação efetiva. Do que ressalta o sentido de igualdade que o cooperativismo encerra e que a cooperativa realiza. O esforço comum na direção de objetivos determinados une as pessoas e concorre para o desenvolvimento de atitudes sociais.

Além do mais, os alunos ir-se-ão preparando para exercer o cooperativismo fora da escola, e poderão nêle interessar pais e responsáveis, levando-os a colaborar de imediato, ou a organizar, na comunidade, seus próprios grupos de cooperativismo.

Nos Estados Unidos, na Suécia, Dinamarca, Suíça, Finlândia etc., as cooperativas rurais, por exemplo, têm sido importante fator de progresso.

Em país grande como o nosso e que apresenta tantos problemas rurais, o número crescente de cooperativas virá solucionar muitas dificuldades e contribuir para o desenvolvimento local.

Através de cooperativas de *consumo*, de *crédito* e de *produção* será possível obter víveres, ferramentas, máquinas, conselhos técnicos, empréstimos em dinheiro, maiores possibilidades de comércio dos próprios produtos e criações etc. — esforço solidário reverendo em *defesa* comum, em *benefício* de muitos.

Daí o interesse do Ministério da Agricultura em que as escolas rurais organizem cooperativas, *que as crianças vivam o cooperativismo* como preparo efetivo para o incremento das cooperativas de adultos, não só de produção, como também de consumo e de crédito e, ainda, para que os trabalhos agrícolas se façam em bases menos rudimentares.

Como vimos, as cooperativas exigem práticas democráticas autênticas e são apêlo e incentivo à responsabilidade individual e coletiva além de fator de integração da pessoa ao grupo e de valorização do ambiente e do trabalho.

AS COOPERATIVAS E A ESCOLA

As cooperativas de *produção* indicam-se de maneira especial às escolas rurais as de consumo — a qualquer escola, tanto urbana quanto rural (cooperativa de material escolar) as de crédito são particularmente úteis às escolas que incentivam os trabalhos manuais e as atividades de comércio as mais variadas. Bem mais complexas que as demais, exigem grande habilidade do orientador, razão por que se tornam, muitas vezes, desaconselháveis.

COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO

Visitas a uma cooperativa de produção mais ou menos próxima à escola, o histórico de uma cooperativa vitoriosa, palestras de agrônomos do Serviço de Informação Agrícola, pesquisas principalmente em publicações do Ministério da Agricultura etc. serão talvez pontos de partida para a organização de pequena cooperativa.

Como o poderá ser — o que é ainda mais significativo — a necessidade de resolver problemas financeiros da escola: compra de equipamentos, execução de obras etc.

Fácilmente o professor leva ao interesse por essa atividade, fazendo compreender as vantagens práticas decorrentes dessa instituição de cunho educativo e econômico (*)

(*) Aliás, também de cunho assistencial, não só por suas próprias funções, mas porque se podem reservar fundos para esse fim, o que apresenta a vantagem de auxiliar aos associados mais necessitados, dentro de uma instituição que agrupa a todos os escolares, independentemente de posses.

Assim, as crianças devem ser levadas também a considerações de ordem aparentemente menos prática, mas que as devem conduzir a apreender o sentido humano e social do cooperativismo (*).

A cooperativa de produção parece-nos a mais indicada a iniciar a criança na prática do cooperativismo, levando-a a compreender-lhe melhor o sentido humano e social. A nosso ver, esse tipo de cooperativa evidencia, para a criança, o mais belo aspecto do cooperativismo — o auxílio ao homem através daquilo que êle produz, que é fruto de seu esforço — ao invés do auxílio que a criança apreende, de preferência, pelo sentido econômico, como é o caso da cooperativa de consumo.

É preciso a criança compreenda que a Cooperativa "co-local" a produção e lhe garante um preço mínimo de venda, pagando ao produtor quando êle lhe entrega a produção. E que isso advém não só do valor qualitativo e quantitativo dos produtos, como também de uma previsão de "mercado", de preços atuais etc. — o que é realizado pelo grupo (**), que a confiança dos demais elegera para essa tarefa.

A atuação do grupo, sua influência na vida do indivíduo tornam-se mais claras à criança. Esta compreende que uma pessoa, isoladamente, tem dificuldade em vender seus produtos, não só porque lhe competem várias tarefas diferentes, que absorvem muito tempo e exigem habilitações também diferentes — plantar, colher, procurar mercado etc. — como também porque uma pessoa só não representa, para a comunidade, o mesmo que um grupo de indivíduos.

Organizando-se em cooperativa, os indivíduos associam-se, fazem parte de uma sociedade, dividem atribuições, responsabilidades, e cada um tem, a representá-lo e cuidar de seus interesses, um grupo coeso e que tem a significação, a importância que lhe confere a representação dos vários indivíduos que nêle confiam.

Esse aspecto de reciprocidade é profundamente educativo e caracteriza a cooperativa, para a criança, como um *esforço conjunto e consciente para o bem-comum, para a defesa econômica da coletividade, o qual*

emancipa — fomentando a economia
educa — incentivando a colaboração, através do interesse de que todos gozem dos mesmos benefícios, e dando a todos os mesmos direitos e deveres.

(*) Desde o 1.º ano vimos conduzindo a criança a atos de cooperação, reciprocidade e solidariedade, incentivando mesmo o "mutirão" entre as várias turmas.

(**) O grupo diretor eleito: a Diretoria.

Para que a criança compreenda com igual clareza o sentido econômico e a formação de uma sociedade é útil esclarecer o seguinte: a formação de qualquer sociedade exige um "capital"; assim, cada associado contribui com uma quantia estipulada, pequena quantia, é claro, tratando-se de cooperativa escolar, a que chamaremos de quota-parte. Os associados subscreverão mais de uma quota-parte, se quiserem; essa quota-parte pode ser paga de uma só vez, ou em prestações, sendo a 1.ª no ato de admissão do associado.

Cada associado recebe uma ficha nominativa em que o gerente de turno vai passando o recibo dos pagamentos feitos até a quota-parte ser paga integralmente, isto é, ser integralizada (*). Naturalmente, é feito um registro correspondente no fichário de matrícula dos sócios.

Quando o associado (**) entrega a produção, recebe a quantia a que acima nos referimos, isto é, a quantia que corresponde a um preço mínimo.

Terminado o ano e pagas tôdas as despesas, faz-se o "balanço geral", isto é, verifica-se se há lucro. No caso afirmativo, a Cooperativa distribui êsse lucro pelos associados de acôrdo com a respectiva produção entregue, reservando, entretanto, pequena percentagem para um "Fundo de Reserva" destinado a qualquer emergência.

Propondo-se a fundar uma cooperativa de produção na escola, torna-se evidente às crianças de 5.º e 6.º anos a necessidade de

estatutos em que reconheçam fôrça de lei (ver pag. 433) divulgação dos princípios cooperativistas e dos objetivos e finalidades imediatas da Cooperativa (recrutamento de sócios, por exemplo).

A essas providências seguir-se-ão naturalmente os trabalhos eletivos e as atividades decorrentes do funcionamento normal da cooperativa.

Passada essa primeira fase, os trabalhos poderão prosseguir em horário pré-fixado de maneira a não interferir demasiado nas outras atividades escolares.

(*) É preciso que as crianças se vão habituando à terminologia usada nas sociedades dos adultos (capital integralizado).

(**) Poderá ser uma turma, desde que a escola se organize em cooperativa de produção, contribuindo cada turma com a produção de uma horta a seu cargo, e cabendo à Diretoria da Cooperativa vender a produção total à comunidade. Nesse caso, a quantia recebida poderá ser empregada na compra do material necessário às atividades gerais da turma ou, como dissemos anteriormente, na execução de pequenas obras etc.

COOPERATIVAS DE CONSUMO

As cooperativas de consumo correspondem a uma necessidade em qualquer escola, mas nas escolas rurais, além de se constituírem em resposta à necessidade imperiosa de conseguir material escolar mais barato, ainda se constituem em resposta à dificuldade de aquisição de utensílios agrícolas. (*)

As cooperativas escolares de consumo, para corresponder aos objetivos de educação, além dos de ordem econômica imediata, devem ter, como aliás também as de produção, em sua diretoria, tanto professores quanto alunos, ou apenas alunos orientados por um professor. Os alunos necessitam compreender que embora a cooperativa de consumo não vise a lucro, precisa de um certo "Fundo de Reserva" a fim de fazer frente a circunstâncias imprevistas, como por exemplo, reparar prejuízos eventuais.

Do saldo líquido porventura apurado no balanço anual, serão deduzidos 20% para o "Fundo de Reserva", destinando-se os 80% restantes ao "Fundo de Desenvolvimento" (além de material escolar, poderá ser organizada uma biblioteca, desenvolvido um programa de atividades culturais, cívicas ou esportivas etc.). Não haverá, portanto, na cooperativa de consumo, distribuição de lucros.

Os alunos deverão compreender ainda que a Cooperativa, para realizar seus objetivos, precisa comprar à vista, com o prazo de trinta ou sessenta dias para pagamento, como, aliás, é usual, e vender à vista.

É preciso fazer ver à criança que a compra de material em grande quantidade faz jus a um determinado abatimento que vai permitir à Cooperativa não só vender às crianças por preço mais acessível que o das casas comerciais, como também constituir o "Fundo de Reserva" de que acima falamos.

Bem orientadas, essas cooperativas são estímulo a que surjam, mais tarde, cooperativas de gêneros alimentícios, de livros etc.

Nas escolas urbanas esse tipo de cooperativa é o mais freqüente.

O professor, conforme sugerimos para as cooperativas de produção, levará as crianças a caracterizar a cooperativa, a elaborar os estatutos, a empreender campanhas de esclarecimentos e divulgação, a proceder a eleições e a fazer funcionar adequadamente a cooperativa.

(*) Cooperativa de consumo profissional — Compra de instrumentos de trabalho em comum.

OS ESTATUTOS DA COOPERATIVA

Será interessante e útil do ponto de vista educativo que as próprias crianças de 5.º e 6.º anos elaborem os estatutos. Para isso, far-se-á, em classe, um estudo dos estatutos do "Manual da Organização Cooperativa" da Campanha Nacional de Material de Ensino do Ministério da Educação e Cultura.

As sugestões das crianças serão valorizadas pelo professor, e se selecionará as que possam ser apresentadas na assembléia geral em que se fará a redação dos estatutos.

Antes de adotados, estes poderiam ser submetidos à apreciação de funcionário qualificado do Serviço de Economia Rural, caso se trate de uma escola rural, e modificados pelas crianças de acordo com o parecer desse especialista.

Será de grande valor educativo subscreverem os estatutos todos os que nele colaborarem, juntando-se-lhes o histórico dos trabalhos, a fim de que fique comprovado o espírito democrático que presidiu a elaboração de normas também democráticas como:

todos participam, pelo voto consciente, da direção e do controle administrativos.

cada associado tem direito a um só voto e a voto pessoal qualquer aluno tem direito a entrar e a se retirar da sociedade

todos têm possibilidade de exercer cargo administrativo etc.

Nos estatutos, quer se trate de cooperativa de produção ou de consumo, estarão incluídos:

— o nome, a sede, a área de ação, a duração;

— as finalidades da sociedade cooperativa — desde contribuir para a formação do espírito de economia, de previdência e de cooperativismo, até manter, na escola, um posto para distribuição de todo material de consumo escolar, assegurando boa qualidade e preços acessíveis, formar uma biblioteca, colocar no mercado a produção escolar, quando houver, etc.;

— o capital da sociedade: estipular o capital mínimo, o valor das quotas-partes (pode ser, por exemplo, de Cr\$ 10,00), pagas de uma só vez ou em prestações mensais até o capital ser integralizado (*) (uma quota-parte não poderá pertencer a mais de um associado);

(*) As crianças precisam habituar-se, como dissemos, à terminologia usual das sociedades de adultos; será fácil consegui-lo, desde que as palavras sejam explicadas em função do que representam em relação às que as acompanham, na sentença.

— a jóia (Cr\$ 2,00 talvez) destinada às primeiras despesas de instalação, organização e propaganda da Cooperativa;

— a percentagem mínima e máxima de lucro a utilizar na ampliação da própria Cooperativa, no "Fundo de Reserva" para emergências e na redistribuição anual pelos associados (esta redistribuição, quando se tratar de cooperativa de produção — na parte referente à cooperativa de produção este aspecto ficou bem esclarecido); no caso das cooperativas de consumo, o lucro não deverá exceder de 10% do valor global das compras;

— os deveres e direitos dos associados:
deveres — cumprir exigências para inscrição, como por exemplo, apresentar autorização do responsável, embora fique subentendido que poderão fazer parte da Cooperativa todos os alunos da escola, desde que aceitem os estatutos, frequência às assembleias, pagamento das quotas-partes, respeitar os estatutos etc.

direitos — propor à Diretoria e às Assembleias Gerais as medidas que julgar de interesse para a sociedade, discutir e votar os assuntos em pauta, candidatar-se a qualquer cargo etc. O associado recebe, ao ser admitido, um título em que também se fazem os lançamentos de integralização da quota-parte, sendo esse título assinado por ele e pelo Presidente da Cooperativa; nesse título far-se-ão todos os lançamentos necessários;

— os processos de caráter econômico a utilizar como, no caso de cooperativa de consumo, a aquisição direta do material aos produtores, aos atacadistas, às cooperativas de produção, ou às escolas domésticas e profissionais;

— o horário a que devem as crianças obedecer para aquisição de material (cooperativa de consumo), ou entrega de produtos (cooperativa de produção), de modo a não prejudicar o movimento escolar;

— a exigência de vendas à vista (cooperativa de consumo).

Constará ainda dos estatutos que o capital da Cooperativa deverá ser depositado em um estabelecimento bancário a juízo da Diretoria do Grupo Escolar, de onde só será retirado na medida das necessidades; e ainda deverá ser consignado que o fundo de reserva destinado a reparar as perdas eventuais da Cooperativa é indivisível e que, no caso de dissolução da Cooperativa, esse fundo deverá ser doado a outra instituição da escola, como exemplo, a Caixa Escolar.

Falta-nos acrescentar que a Diretoria poderá estabelecer sanções (*) cabíveis aos associados que não cumpram seus deveres, como por exemplo, o de pagar a respectiva quota-parte. Essas sanções importarão em serviços extra, multas etc.; e que o Diretor e os professores são considerados orientadores natos, tendo o direito de assistir a todas as reuniões.

Nos estatutos ficará ainda esclarecido que, por exemplo:

— a Diretoria é constituída de cinco membros, todos associados e eleitos na primeira assembleia geral, com mandato de um ano e com as seguintes designações: presidente, secretário, tesoureiro e dois gerentes de turno designados por um mês, por exemplo podendo ser reeleitos para o exercício imediato;

— haverá um Conselho Fiscal constituído por seis membros, sendo três suplentes, todos eleitos pela assembleia geral por igual período de um ano, e sem possibilidade de reeleição para o período imediato;

— haverá duas assembleias gerais ordinárias: (**) ao início e ao fim do ano letivo; na primeira, serão eleitos os novos dirigentes e fiscais, deliberando-se sobre o programa que se pretende executar no ano em curso; na segunda, serão apreciadas as contas do balanço e demais assuntos em pauta; poderão ser convocadas assembleias gerais extraordinárias, poderão ser convocadas assembleias gerais só podem funcionar em primeira convocação com a presença de metade mais um do número total de associados (***), e quando este número não for alcançado, funcionará uma hora depois, em segunda convocação, deliberando com qualquer número de associados.

Deverão ser estipuladas as atribuições da Diretoria, entre as quais avultam as de:

— dirigir, na escola, os serviços da Cooperativa;

— encaminhar o pedido de registro ao Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura e ao Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado (ou que outro nome tenha) com uma cópia do ato constitutivo, um exem-

(*) O professor-orientador estará atento de maneira a evitar, de parte dos alunos, através, naturalmente, de assistência continuada, as falhas que, em cooperativas de adultos, determinariam afastamento ou demissão.

(**) Convocadas pela Diretoria.

(***) Se as condições da escola não o permitirem, as turmas poderão enviar representantes com direito a deliberar, em seu nome; as sugestões estatutárias ficam na dependência das condições da escola e mesmo na dependência do que a Diretoria e os professores resolvam de início, antes de auxiliar as crianças a organizar os estatutos.

plar dos estatutos e uma relação dos associados. Todos êsses documentos devem ter a assinatura de alunos-fundadores e devem ser autenticados pelo Diretor do Grupo Escolar;

— comunicar oficialmente a fundação e o funcionamento da Cooperativa à Campanha Nacional de Material de Ensino do Ministério de Educação e Cultura (*) e pôr-se em contato com o órgão especializado do estado;

— reunir-se freqüentemente para a direção executiva da Cooperativa;

— distribuir as sobras anuais, quando fôr o caso, segundo o balanço aprovado em assembléia geral;

— apresentar relatórios anuais;

— praticar todos os atos necessários ao estrito preenchimento dos fins sociais.

Além disso, a Diretoria indicará os alunos que, por grupos integrados por certo número de alunos, em turnos sucessivos, devem participar assiduamente da propaganda e divulgação do cooperativismo e das operações, vendas e contrôles sociais, semanal, quinzenal ou mensalmente, interessando-os, assim, pelos aspectos concretos da atividade da Cooperativa.

Deverão ficar bem delineadas as atribuições de cada membro da Diretoria, de acôrdo com o levantamento dos vários serviços que se farão necessários para o bom funcionamento da cooperativa.

Em relação ao Conselho Fiscal, os estatutos determinarão que será constituído por seis alunos, três efetivos e três suplentes de 5.º e 6.º anos, de comprovada honestidade e competência matemática. Os candidatos serão submetidos a testes, que serão julgados pelos professores-orientadores para isso designados pelo Diretor do Grupo Escolar.

Ao Conselho Fiscal compete fiscalizar e acompanhar a marcha econômica e financeira da Cooperativa, verificando semanalmente as contas, estoques e numerário e, mensalmente, o balancete do tesoureiro; dar parecer sôbre as contas e o relatório da Diretoria; reunir-se uma vez por mês com a Diretoria; convocar a Diretoria para reunião extraordinária ou a Assembléia Geral, quando fôr necessário ou urgente.

São disposições gerais que devem constar dos estatutos:

— cada professor é o delegado nato de sua classe;

— o Diretor do Grupo, ou o professor-orientador terá sob sua guarda os fundos sociais, os quais estarão à disposição

(*) O Ministério da Educação e Cultura está auxiliando, financeiramente, as Cooperativas Escolares que se fundem dentro de certas prescrições (Manual da Organização Cooperativista — pág. 10).

da Diretoria e será responsável pelas importâncias depositadas em estabelecimentos bancários e pelas operações que se realizarem, cabendo-lhe

— inventariar os bens da Cooperativa, com o auxílio da Diretoria da mesma;

— organizar os serviços da Cooperativa, de acôrdo com o que dispuser a Diretoria.

Paralelamente à redação dos estatutos, empreender-se-ão campanhas de esclarecimento e de divulgação relativas a essa instituição escolar, campanhas que prosseguirão durante cada exercício anual, dando-se-lhes, naturalmente, feição o mais possível clara e objetiva.

Será de interêsse que a Cooperativa seja iniciada em bases muito simples, de modo a garantir êxito, passando, com o tempo, a ampliar suas atividades.

Quanto às eleições para os cargos administrativos, o professor poderá consultar, por exemplo, o trabalho "Uma experiência de eleição democrática" (4.º ano, pág. 316).

Será igualmente de interêsse que os pais estejam, o mais possível, a par das iniciativas escolares, e que lhes seja solicitada colaboração.

Filmes sôbre as cooperativas nos Estados Unidos, de propriedade da Embaixada Americana, trazem, por vêzes, as soluções encontradas por pequenas comunidades para alguns de seus problemas, constituindo-se, assim, em notável auxiliar do professor.

Palestras de funcionário qualificado do Serviço de Economia Rural, de membros da administração de uma Cooperativa vitoriosa etc. serão igualmente de valor incalculável, assim como visitas a cooperativas.

O professor poderá informar-se a respeito das cooperativas existentes próximas à comunidade, escrevendo ao Serviço de Economia Rural ou então consultando, na Biblioteca do Ministério da Agricultura, a relação das Cooperativas de adultos. Desta, retiramos ao acaso:

— produção: Cooperativa Central dos Seringalistas do Guaporé Limitada (produção vegetal), Cooperativa Avícola do Município de Manaus, Cooperativa Agrícola Mista de Flôres Limitada, Cooperativa de Pescadores Almirante Barroso Limitada (Ceará), Cooperativa de Laticínios de Fortaleza, Cooperativa Agro-Pecuária de Sobral, Cooperativa de Plan-tadores de Algodão de Ribeirão Preto (têxtil), Cooperativa dos Pescadores de São João da Barra Limitada, Cooperativa dos Pescadores do Município de Angra dos Reis Limitada;

- crédito: Cooperativa de Crédito Caxiense (Ceará), Banco Popular e Agrícola de São Paulo etc.
- consumo: Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores do Livro e do Jornal do Pará Limitada, Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Companhia de Eletricidade Paraense Limitada etc.

SÍMBOLO DO COOPERATIVISMO

As crianças se interessam muito por emblemas, o que torna oportuna a divulgação de um lema de um símbolo para a cooperativa.

Podemos assim apresentar o símbolo do cooperativismo adotado nos Estados Unidos e em vários países da América Latina e que parece com tendência a se universalizar. São dois pinheiros verdes geminados, limitados por uma circunferência igualmente verde e sôbre fundo dourado. As crianças será ainda explicado que

- o círculo representa o mundo
- os pinheiros verdes e geminados simbolizam a peregrinação da vida e a conjugação de esforços no sentido de maior bem-estar para a humanidade
- o dourado — a luz solar, fonte de energia do mundo.

A Cooperativa é, assim, esforço conjugado em prol do bem comum que desejamos ver o mais possível difundido.

A COOPERATIVA E A APRENDIZAGEM — OS ESTUDOS SOCIAIS E AS DEMAIS DISCIPLINAS

A Cooperativa é atividade que conduz as crianças à ação, fazendo-as co-participar efetivamente, o que lhes proporciona experiências e responsabilidades democráticas, e contribui para o satisfatório desenvolvimento da personalidade.

Assim, a Cooperativa pode ser considerada, essencialmente, Estudos Sociais. No processamento das atividades de organização da Cooperativa tivemos o ensejo de observar o caráter realmente democrático de que o trabalho se revestiu.

Agora, focalizando o progresso como resultado do cooperativismo, poderão ser abordados com as crianças os assuntos seguintes:

Características essenciais do cooperativismo — Referências a tipos de cooperativas — seu alcance social. O Ministério de Agricultura e as cooperativas agrícolas. Referências a

cooperativas de consumo, produção ou de crédito que porventura existam nas proximidades da escola: estudo de suas realizações, progresso alcançado etc. O Ministério da Educação e as Cooperativas Escolares de material didático.

A Cooperativa oferece oportunidades de aprendizagem em tôdas as matérias do currículo:

Matemática:

Sistema legal de pesos e medidas. Lucro, abatimento, compra à vista e a prazo, percentagem, câmbio, balança, saldo, deficit, operações com inteiros e decimais, orçamento, tabelas de preços etc.

Português:

Redação — requerimentos, atas, cartas, telegramas, pequenos relatórios, "slogans", maior precisão de vocabulário etc.

Ciências Físicas e Naturais:

Conhecimentos agrícolas (notadamente nas escolas rurais), e progresso atingido pela ciência e a técnica etc.

A cooperativa, visando *progresso*, torna oportunos êsses estudos.

AVALIAÇÃO

A semelhança dos anos anteriores, encarecemos de preferência o caráter formativo dos Estudos Sociais.

O professor deseja e precisa avaliar, portanto, o desenvolvimento de suas crianças, não só na parte informativa, como na de formação (*)

Prosseguirá, assim, na observação de atitudes, como a cooperação, a responsabilidade etc. Será interessante ademais sugerir à criança redações ou simples respostas escritas que permitam ao professor um melhor conhecimento de seus alunos e da maneira como estão reagindo à ação educativa.

Assim, sugerir que se imaginem adultos (ou com 3 anos mais) e descrevam alguns dias de sua vida, em forma de diário, ou ainda:

Faça uma lista das qualidades positivas de seu maior amigo, dando ligeira explicação a respeito de cada uma dessas qualidades.

Descreva um companheiro querido

Faça uma lista das qualidades positivas que você acha que não tem e gostaria de ter.

Há alguma coisa que você gostaria de fazer e seus pais não permitem? O que? Por que você acha que isso seria interessante? Por que razão você imagina que eles não o aprovam?

(logo a seguir substituir "seus pais" por "eu", isto é, o professor.)

Diga o que você gostaria de ser quando crescer, se tivesse as qualificações necessárias.

Na sua opinião, quais as dez melhores coisas que existem e que não dão nenhuma despesa?

(*) Nêste aspecto o intuito do professor será apenas o de conhecer a criança para ajudá-la e não para julgá-la.

Autobiografias elucidam também o professor. Trabalhos dêsse tipo se deve combinar que serão "segrêdo entre professor e aluno" e não devem ser comentados em classe, a menos que a criança o peça. É preciso que o educador mantenha a confiança em sua pessoa, sem o que terá prejudicado, de maneira talvez irremediável, a formação sadia das crianças.

Esse trabalho avaliativo orienta a ação futura do professor, que deverá ajudar de preferência aquelas que, mercê de uma sensibilidade maior ou problemas graves, tenham seu desenvolvimento perturbado.

É também um auxiliar do professor no que se refere à orientação quanto aos estudos subseqüentes da criança.

Nesse sentido, assuntos como — O que quero ser e porque. Como me imagino aos 20 anos etc. dão margem a interessantes observações. Igualmente — Que profissões acho importantes. Profissões que me agradariam. Que farei quando adulto.

Será igualmente de grande importância para o professor procurar verificar se está ocorrendo progresso na capacidade de julgamento e crítica das crianças, isto é, se o aluno reconhece e define problemas que exigem solução diferencia fato e opinião distingue o importante do irrelevante na discussão de problemas

compreende o ponto-de-vista dos demais quando diferentes do seu julga objetivamente e seleciona de modo adequado os líderes

reporta-se aos conhecimentos geográficos e históricos que já possui para compreender fatos novos

atinge realmente o significado positivo de cada um dos fatos que comemora

avalia com maior precisão os benefícios trazidos pela ciência e pela técnica

aprecia os fatos e vultos do passado de acôrdo com a época em que se deram ou em que viveram, respectivamente

No sentido de avaliar a melhoria relativa às habilidades e técnicas no uso de instrumentos sociais, assim como aos conhecimentos adquiridos, o professor organizará ainda trabalhos de verificação, muitos dêles semelhantes aos indicados para o 3.º e 4.º anos.

Assim o aluno — à vista de um ou mais mapas, de uma ou mais gravuras etc., interpretará o que vê, calculará distâncias, loca-

lizará acidentes, barragens, produtos etc., estabelecerá confrontos ou relações, acrescentará novos dados completando quadros.

Exemplos:

1 — Estado do Piauí

Região — Países ou estados limítrofes

País — Clima (de acôrdo com a latitude)

Continente —

Oceano que banha —

Outras considerações —

2 — A vista de um mapa do Brasil

— Compare as distâncias entre o Rio e as capitais das regiões menos desenvolvidas, com as distâncias entre Brasília e essas mesmas capitais

Diga o que pensa a respeito

3 — A vista de vários mapas ferroviários, demográficos, de vegetação, solo etc.

— estabeleça confrontos entre as regiões e

— observe a localização dos núcleos populacionais de maior densidade e diga qual o fator que influi nessa densidade da população em cada caso

4 — À vista de dados estatísticos, organizará gráficos, e, inversamente, à vista de gráficos, interpretá-los-á

5 — À vista de trechos, organizará quadros sinóticos; linhas de tempo; destacará os acontecimentos essenciais; fará ressaltar o pensamento principal; responderá a perguntas que peçam respostas explícitas ou implícitas no texto; sugerirá novos dados para que o assunto se esclareça melhor etc. etc.

São também interessantes exercícios e trabalhos de verificação que envolvam pesquisas (*) e que revelam o desenvolvimento da criança nessa atividade. Assim:

1 — Dê exemplo de artigos de nossa Constituição atual que não poderiam fazer parte de uma Constituição anterior a 13 de Maio de 1888 (ou a 15 de novembro de 1889)

2 — Pesquise e depois responda:

Como se faz a escolha do presidente da República?

Como são escolhidos os congressistas?

Quantos senadores representam seu estado em Brasília?

Quantos senadores representam cada um dos demais estados em Brasília?

(*) Ou melhor, consulta a livros.

Quantos senadores representam cada um dos Territórios Federais em Brasília?

Quantos deputados federais representam o seu estado em Brasília?

O mesmo número de deputados representa os demais estados?

O mesmo número de deputados representa os Territórios Federais?

Como são escolhidos os membros do Poder Judiciário?

3 — Faça pesquisas na biblioteca sôbre (um país estrangeiro) e complete:

continente —

clima —

economia —

características do povo —

língua —

hábitos dos habitantes —

sistema de govêrno —

relações comerciais com o Brasil

Os trabalhos de verificação devem exigir raciocínio do aluno

1 — Marque as frases que completem adequadamente a sentença iniciada com um X no parêntese

Dizer que *há liberdade de palavra* significa

() pode-se dizer o que se entender sôbre qualquer assunto sem necessidade de maior estudo

() pode-se dizer palavras injuriosas ou pouco amáveis quando isso nos aprouver

() não se pode ser processado por calúnia

() não se pode impedir alguém de emitir opinião contrária à nossa

() temos de respeitar a opinião alheia

2 — Dadas as recomendações de Osvaldo Cruz a respeito dos trabalhos a empreender em Xérem, explique porque

— o distribuidor de remédios recebia gratificação quando ninguém do seu grupo adoecia

— cada funcionário recebia gratificação quando permanecia sadio.

3 — Escreva os nomes de doenças evitáveis graças a vacinas e responda ainda;

A que tipos de profissionais se devem as vacinas?

Que propósito têm os cientistas que se dedicam às pesquisas médicas?

Que relações existem entre o Instituto Oswaldo Cruz e o bem-estar maior de que desfrutamos atualmente?

4 — Um lenhador vai construir uma casa em plena floresta, numa região em que há malária. Faça uma lista de medidas higiênicas que ele deve tomar, explicando as razões em poucas palavras, ou

5 — Numa região onde grassava malária um homem resolveu tomar certas providências:

— cortou o mato à volta da casa porque

— limpou as águas rasas do açude que ficava próximo porque

— adquiriu cortinados para a cama e telas para as janelas porque

— comprou quinino porque

6 — Que relações existem entre a siderúrgica (ou a energia hidráulica) e a indústria de tecelagem?

7 — Que relações há entre estradas e abastecimento?

8 — Que relações há entre a siderúrgica e o abastecimento das cidades?

9 — Por que se diz que o exemplo de Israel é nova esperança para o NE brasileiro?

10 — Por que o planejamento deve sempre anteceder a ação

na organização de um órgão administrativo (cooperativa, por exemplo) ou

no traçado de estrada de ferro ou de rodagem etc.?

11 — Imagine-se vivendo na Amazônia e escreva a um amigo sobre as suas esperanças com a mudança da Capital Federal para o planalto central.

Aproveitando várias atividades em curso na Escola, podem-se utilizar outras formas de medida do rendimento escolar.

Por exemplo:

1 — Concurso para escolha de "slogans" para cartazes (desenhados ou apenas descritos) etc. (Assim: prepare um cartaz para recrutar candidatos à profissão que lhe pareça mais significativa).

2 — Escolha, entre vários "slogans", o mais significativo (explique porque acha assim, isto é, a razão de sua escolha).

3 — Escolha um dos candidatos a qualquer cargo da cooperativa (ou do jornal, do clube, do Centro de Civismo e Intercâmbio escolar etc.) e imagine um cartaz para sua campanha.

4 — Cite as iniciativas tomadas pela Cooperativa em prol da escola.

5 — Como sócio de cooperativa você deve estar a par dos estatutos. Responda:

Que atribuições ou obrigações tem você na cooperativa? Analise essas atribuições ou obrigações, explicando a razão de ser de cada uma.

Esclareça se as acha justas ou injustas. Diga outras atribuições ou deveres que você gostaria de incluir nos estatutos.

6 — Percorra a escola observando os cartazes de propaganda eleitoral e depois dê sua opinião, ressaltando, entre outros pontos, a autenticidade de propósitos, a objetividade nas promessas, a precisão e adequação dos dizeres, a elegância, a boa escolha dos motivos, a originalidade etc.

7 — Examine o planejamento relativo à festa em benefício de e comente-o. Apresente as sugestões que julgar necessárias.

8 — Faça uma lista das profissões que você observou na visita a e numere-as, valorizando as que ache mais interessantes. Explique, depois, as razões da preferência.

9 — Da palestra do Sr. X, quais os pontos que lhe pareceram mais significativos? Explique porque. Se fôsse possível fazer ainda outra pergunta a ele, que indagaria você? Por quê?

10 — A data se aproxima e será interessante, enquanto rememoramos o fato, preparar uma exposição de acôrdo com os conhecimentos que já temos. Faça a relação dos mapas que deveremos executar e do que nêles deveremos incluir.

11 — Após uma palestra, por exemplo, as crianças poderão

- proceder a um resumo
- fazer uma relação do que aprenderam com a mesma
- recordar as perguntas feitas
- escrever as perguntas que fariam agora, caso o orador ainda estivesse presente
- destacar os pontos de maior interêsse e explicar porque o são

os pontos em que necessitam de maiores esclarecimentos as pesquisas que pretendem fazer etc.

São também úteis tipos de questões como:

1 — Por que se diz que no fato há exemplo expressivo de

- arrôjo
- honradez
- solidariedade

justiça
altruismo

Dê exemplos das outras atitudes constantes desta lista.

2 — Diga o que pensaria, como brasileiro, se vivesse na época da Inconfidência Mineira,

3 — Imagine agora que você é um português vivendo naquela época e procure relatar o que provavelmente pensaria a respeito.

4 — Sugira perguntas para um questionário sobre

5 — Redija um problema matemático em que se estabeleça confronto entre a velocidade dos meios de transporte antigos e modernos, baseando-se para isso em viagens de nossa História.

6 — Escolha um vulto do passado, diga o que fez e porque foi escolhido entre tantos.

É importante verificar os conhecimentos relativos ao sistema de governo vigente e à sua organização:

1 — Cite 3 características do sistema republicano.

2 — Você deseja documentação do Departamento Nacional de Endemias Rurais (exemplo). Você procurará a esse departamento, na lista de telefones por ordem de nomes, sob o título geral

- () Secretaria de Educação
- () Secretaria de Agricultura
- () Ministério da Fazenda
- () Ministério da Saúde
- () Governo do Estado

3 — Dadas várias atribuições do Governo Estadual ou Federal, colocar ao lado as secretarias ou ministérios a que estas atribuições estão afetas.

Construção de novas escolas agrícolas federais —

Museu Histórico da Cidade —

Biblioteca Nacional —

Ginásio Estadual —

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem —

4 — Escreva o nome dos órgãos técnicos que atuam em certas áreas do Brasil com o fito de promover o desenvolvimento dessas áreas

na Amazônia —

no NE —

na Centro-Oeste —

na região do Vale do São Francisco —

5 — Que significam as sigles:

SUDENE; CHESF; CVSF; SPVEA; ONU?

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA AUXILIAR (1)

I — LIVROS PARA O ALUNO

LIVROS QUE ATENDEM AO PRIMEIRO ANO ESCOLAR

Importância do lar: (sentimentos)

DEIHL, Edna Groff — *Pintinho Cabeçudo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Série "Ouro", 12); (fuga e volta ao lar; hábito de deitar à hora certa).

DISNEY, Walt — *Bongo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Coleção "Horas Felizes", 23) — (o urso de circo volta à floresta).

DISNEY, Walt — *O Elefante Elmer* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Coleção "Horas Felizes") — (construção de uma casa).

DISNEY, Walt — *Pato Donald e o Elefante Elmer* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Coleção "Horas Felizes") (idem).

O PATINHO — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (fuga e volta ao lar).

RICE, Ethel M. — *O Melhor Lugar do Mundo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — ("História de Animais", Grupo A) — (lar).

WYATT, Jane — *O Poltrinho* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Coleção "Primavera", 11) — (fuga e volta ao lar).

Vida Infantil:

BECKER, Charlotte — *Jaci Passeia de Barco* — São Paulo Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera").

(1) Constam deste volume bibliografias para o professor e para uso do aluno, inclusive literatura infantil que favoreça a formação de hábitos e atitudes. Naturalmente a bibliografia disponível nos vários Estados poderá enriquecer de muito a que aqui apresentamos.

- BECKER, Charlotte — *Jaci Vai à Fazenda* — São Paulo Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 5).
- BECKER, Charlotte — *Como vai, Jaci?* — São Paulo Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 3).
- BECKER, Charlotte — *Os Irmãos Gêmeos* — São Paulo Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 1).
- BECKER, Charlotte — *Os Três Pimpolhos* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 15) (bons hábitos, inclusive de trabalho).
- BECKER, Charlotte — *Teo e Tico no Parque* — São Paulo Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 11) — (divertimentos).
- BECKER, Charlotte — *Teo, Tico e os Animais* — São Paulo Cia. Melhoramentos — (Col. "Primavera", 2) — (cuidados com os animais).
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de — *A Bonequinha Preta* — Rio — Liv. Francisco Alves.

Hábitos, atitudes, sentimentos

- BAILLEY, Carolyn Sherwin — *O Coelhozinho das Avas Vermelhas* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Horas Felizes", 5) — (No final o coelho se sente feliz por ser tal qual é).
- BRYANT, Sara Cone — *A Baleia e o Elefante* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Ouro", 1) — (Eram bons, porém, vaidosos e tiveram uma boa lição; também valoriza a cooperação).
- CAM — *Zuza, a Cordeirinha* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Ser. "História de Animais", grupo A) — (Zuza conformou-se por não poder cantar como gente).
- CARANAH, Frances — *A Girafa Feliz* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Ouro", 36). (Amor materno).
- DEIHL, Edna Groff — *O Cãozinho Cabeçudo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Ouro", 37) — (Era mal educado mas se corrigiu).
- DEIHL, Edna Groff — *O Coelhozinho Manhoso* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Ser. "Ouro") — (Hábitos relativos à alimentação).
- AS DESVENTURAS de Bichano — Rio de Janeiro, Ed. Vecchi — (Col. "Animais", 1) — (A menina cuida do gatinho dando-lhe também conselhos).

- DISNEY, Walt — *Mimoso, o Carneirinho Preto* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera", 21) — (Mimoso quer ser como outros animais; termina por ficar contente com ele mesmo).
- ERA uma vez um Avestruz — Trad. e orientação de Maria Clara Machado — Rio — Ed. Bruguera — 8 p. — ilustr. (Infantis Bruguera) (Alegria pelo nascimento de um irmãozinho).
- ERA uma vez um Canguru — Trad. e orientação de Maria Clara Machado — Rio de Janeiro — Ed. Bruguera — 8 p. — ilustr. (Infantis Bruguera) — (Cooperação).
- ERA uma vez um Pintinho — Trad. e orientação de Maria Clara Machado — Rio — Ed. Bruguera — 8 p. — ilustr. (Infantis Bruguera) — (A vida de um pintinho bom).
- O ESQUILO e a Toupeira — Trad. e orient. de Maria Clara Machado — Rio — Ed. Bruguera (Infantis Bruguera — Col. "Carochinha") 1961 12 p. — Ilustr. em cores (Aponta as conseqüências do egoísmo e o valor da cooperação).
- FLORY, Jane — *Tetéia, a Patinha Esquecida* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera", 13) — (Hábito de atenção).
- LEITE, Adelina de Cerqueira — *Porque o Jabuti anda devagar* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera", 10) — (Era desdenhoso e ninguém gostava d'ele; acaba por emendar-se).
- MONTI, Yolanda Colombini — *Cartinhas do Menino Jesus* — Ed. Paulinas — (Col. "Paraíso") — (É preciso conservar os brinquedos).
- PAYNE, Emmy — *A Bólsa de D. Catarina* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — (Cooperação).
- MARCELINO, Pão e Vinho — Adapt. de uma paulina — Ed. Paulinas (Col. "Marcelino, Pão e Vinho") — pequenos folhetos.
- OESTERHELD, Hector G. — *O Leãozinho Negociante* — São Paulo, Cia. Melhoramentos. (Termina por valorizar o que possuía antes).

LIVROS INFANTIS ESTRANGEIROS

Coleções "The Little Golden Book e "Un Petit Livre D'OR"

Circo

Le Petit Pioui ou The Little Peewee; Dumbo.

Vida diária — hábitos

Baby Listen — o bebê e os vários sons; *Good Morning and Good Night*; *Three Little Kittens* (cuidados com os objetos pessoais); *The Ugly Duckling* (família); *Bugs Bunny's Birthday* (importância do aniversário); *The Friendly Book*; *Ma Petite Soeur et Moi*; *Nous Aidons Maman*; *My Dolly and Me*.

ILUSTRAÇÕES PARA O 1º E 2º ANOS ESCOLARES

BEAUCHAMP, Wilbur L. and others — *All Around US* (*) — U.S.A. Scott, Foresman and Company.

1º e 2º anos: Animais — págs. 4 a 27; vegetais — págs. 64 a 77; observações da natureza — págs. 42 a 60.

2º ano: Máquinas e trabalho — págs. 30 a 37 (há, inclusive, cenas de circo).

BEAUCHAMP, Wilbur L. and others — *Guidebook for How Do We Know* * — Teachers Edition — U.S.A., Scott, Foresman and Company (Curriculum Foundation Series).

1º e 2º anos: Animais — págs. 4 a 27.

2º ano: Máquinas e trabalho — págs. 74 a 93; vegetais — págs. 54 a 72.

LOOK and Learn (*) — Teachers Edition — U.S.A. — Scott, Foresman and Company.

Animais — págs. 4 a 25; vegetais — págs. 54 a 69; observações da natureza — págs. 41 a 47; máquinas e trabalho — págs. 26 a 37.

MINISTERIO da Educação e Cultura — Campanha Nacional de Material de Ensino — Departamento Nacional de Educação — *Mamíferos* — 1ª ed. — Rio 1959 — 273 p.

O MUNDO da Criança — Rio — Ed. Delta — 15 v.

LIVROS QUE ATENDEM AO 2º ANO ESCOLAR

Comunidade, vida em família, atividades infantis

BECKER, Charlotte — *Uma Surpresa para os três Pimpolhos* — São Paulo, Cia. Melhoramentos, (Col. Primavera — 16) — (Bons hábitos, amizade aos animais, vida diária).

(*) Esses livros são encontrados na biblioteca do CBPE à Rua Voluntários da Pátria, 107, Rio, e são fontes inesgotáveis de sugestões para a professora.

BLUMENTHAL, Gertrude — *Carlito Cabeça de Vento* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Profissões).

BRANN, Esther — *O Livro de Antoninho* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (hábitos — vida de crianças pequenas).

BURTON, Virginia Lee — *A Casinha* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Série "Histórias Maravilhosas") — (O crescimento de um lugar; a mudança da paisagem com o correr do tempo).

O CIRCO do Ursinho — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Série "Historietas", 32).

CORREIA Junior — *A Cidade das Crianças* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Col. "Horas Felizes").

DOIS Irmãozinhos — Ilustração de Hilda Bennet — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Horas Felizes", 16).

EU Sou o Carrinho de Bombeiros — Buenos Aires, Edit. Abril.

FERRANDIR, Juan — *O Sinalheiro Romão* — Lisboa, Edit. Vilcar.

GAUDENZI, Josephina C. e Silva — *A Família de Lucinha* — São Paulo, São Paulo Editora (Preocupação com a parte moral e religiosa).

HOGAN, Ignez — *Janjão Escolhe sua Mascote* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Crianças numa fazenda).

LENSKI, Lois — *O Carrinho de Bombeiros* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Beija-flor").

LOURENÇO FILHO — *No Circo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Histórias do Tio Damião, 10).

MCCLOSKEY, Robert — *Deixa Passar os Marrequinhos* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Histórias de Animais, grupo A) (comunidade, guarda de trânsito etc.).

MOURA, Pedro de A. e Marianne Jolowics — *A Estrelinha Cadente* — São Paulo, Cia. Melhoramentos.

NEWBERRY, Clare Turlay — *Mimosa* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Col. Horas Felizes) — (Cuidados com os animais).

POLITI, Leo — *Pedrito, o Anjo da Rua Olvera* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Col. "Natal").

REY, H. A. — *Bingo Arranja Um Emprego* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Histórias de Animais — grupo B).

REY, H. A. — *Bingo, o Curioso* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Série "Ouro", 44).

Divertimentos da comunidade:

- O CIRCO ESTÁ NA CIDADE — Ilust. de Manoel Piló — São Paulo — Cia. Melhoramentos — (Col. "Horas Felizes", 18).
- NO CIRCO — Trad. e orientação de Maria Clara Machado — Rio de Janeiro — Ed. Bruguera 1961 — Ilust. 18 p. (Infantis Bruguera, Col. "Dois Amigos").
- A FOCA Acordeonista — São Paulo, Cia. Melhoramentos — ("Reino Encantado", 9) (circo).
- HAYES, Gilmore — *Violeta, A Foca Amestrada* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Era do circo e depois de velha foi para o Jardim Zoológico).
- A ORQUESTRA de Susi — Tradução e orientação de Maria Clara Machado — Rio de Janeiro, Ed. Bruguera — Ilust. 8 p. (Infantis Bruguera, Col. Dois Amigos).
- NA PRAIA — Tradução e orientação de Maria Clara Machado — Rio de Janeiro, Ed. Bruguera, 1961 — Ilust. 8 p. (Infantis Bruguera, Col. Dois Amigos).

Meios de transporte

- AVENTURAS de um Fonfom — São Paulo, Cia. Melhoramentos — (Col. "Horas Felizes", 29) — (História de um carro como se ele fôsse criança).
- LENSKI, Lois — *O Automôvelzinho* — São Paulo — Cia. Melhoramentos.
- PASSEIOS Alegres — São Paulo — Cia. Melhoramentos ("Horas Felizes", 28).
- O TRENZINHO — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Col. "Beija Flor").

Hábitos, atitudes, sentimentos

- ANDERSEN, Hans Christian — *O Patinho Feio* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera", 8).
- ARROYO, Leonardo — *História do Galo* — São Paulo, Cia. Melhoramentos, 47 p. — Ilust. (Atitudes desejáveis).
- GIACOMO, Maria Thereza Cunha — *O Burrinho Verde* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Col. "Primavera", 54) — (A cor verde torna-se importante para ele, pois se vale dela para ser útil aos outros).

LIVROS DE LEITURA GRADUADA

ALVES, Ciro — *Ler e Aprender* — 1º livro — Série "Cruzeiro do Sul" — Editôra do Brasil S/A., 1951.

Leituras, poesias e exercícios

- ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Sociais* — Rio de Janeiro, Ed. J. R. de Oliveira 1940 ("Saber é Poder", 2).
- Materiais de construção da casa — págs. 12 a 32; Tecidos págs. 38 a 51; Alimentos — págs. 52 a 64; Os Correios — págs. 68 a 70; O Corpo de Bombeiros — págs. 74 a 77; A Assistência Pública — págs. 78 e 79; Saúde Pública — págs. 82 e 83.
- ESPINHEIRA, Ariosto — *Infância Brasileira* — 1ª série primária — São Paulo — Ed. Nacional — 1958.
- Quadra sobre a Bandeira — pág. 38; quadra sobre os sinais de trânsito — pág. 46; quadra sobre os meses do ano — pág. 71.
- FONTES, Ofélia e Fontes Narbal — *Ilha do Sol* — livro de leitura para a 2ª série — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1947 (grafia antiga).
- Livro muito atraente. As leituras, que constituem uma história única, são altamente formativas e informativas, podendo algumas ser utilizadas no 1º ano. Após as lições há exercícios muito interessantes. Ainda há trechos apropriados ao 3º ano: História de uma pamonha, Alegria na Horta, João-Barro e os Índios (dramatização).
- LIMA, Hildebrando — *Nosso Brasil* para o 1º grau primário — 190ª ed. — S. Paulo — Ed. Nacional — 1952.
- Além das leituras sempre interessantes, apresenta pequenas dramatizações rimadas para côro falado, e exercícios para o 1º e 2º anos.
- LOURENÇO, Filho, M. B. — *Pedrinho* — 7ª edição — Ser. de Leitura Graduada — 1º livro — São Paulo — Cia. Melhoramentos.
- Leituras e poesias interessantes e de grande valor para os Estudos Sociais. É particularmente indicado para o 2º ano, contendo também várias poesias apropriadas para o 1º ano. Há leituras e poesias adequadas ao 3º ano.
- RABELO, Célia — *Os três amigos*; leitura intermediária, 7ª ed. — São Paulo, Edit. Nacional, 1949.
- RIALVA, Rita Amil de — *A Vida de Maria Lúcia* — Leitura intermediária — 17ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1954.

Vida diária de uma menina e sua família. Cada lição é acompanhada de pequenos exercícios (Restrição à lição "Menina Modelo" onde se lê que, por ser modelo, é estimada).

RIALVA, Rita Amil de — *Luisinha aos oito anos* — Leitura para o 2º ano — Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves — 1953.
O Amiguinho Feio (sapo) págs. 16 e 17; As Amiguinhas das Flores — págs. 23 a 25; O Futuro Fazendeiro (utilidade da vaca) págs. 53 a 55; O Arthur comerá uma Jaca inteira? — págs. 56 a 58; Poesia sobre profissões — págs. 114 e 115; As Adivinhações de Prudêncio (em quadras: água, nuvem, chuva, lua, sol) — págs. 66 e 67; A Oração de Luisinha (pede a saúde do irmãozinho) — págs. 82 e 83; Como se pode viajar — págs. 72 e 73.

LIVROS ESTRANGEIROS INFANTIS

Coleções "The Little Golden Book" ou "Le Petit Livre D'or" — Ilustrado a cores, 40 págs. em média.

NOTA: Cobrindo as legendas com cartolina e escrevendo novo texto em português esses livros poderão fazer parte da biblioteca infantil.

Comunidade:

Out of my window; *A ma fenêtre* (observações feitas por uma criança sobre os arredores e os fatos diários); *Huckleberry Houne Builds a House*; *The New House in the Forest* (escolha do local, construção etc.); *Nos Papas* (profissões); *Quand je suis Grand* (profissões); *The Bunny Book* (profissões); *Tommy's Wonderful Rides* (bairro, transportes, servidores da localidade); *Fire Engines*. Teothe (o trenzinho aprende o que deve fazer como se fosse uma criança); *50 francs à dépenser* (bondade, altruísmo); *Le Petit Livre du Chien* (amizade) *Danny Beaver's Secret* (cooperação e altruísmo); *Le Plus Grand Chien de la Ville* (amizade entre animais e pessoas); *My Puppy* (um menino e seu cachorro são amigos); *Notre Ami Chien* (vida do cão); *So Much Trouble for Corky* (cachorrinho que toma conta de todos os animais de uma granja); *Wiggles*; *Noises and Mr. Flibbert-Jib* (compara a calma da fazenda com a agitação da cidade); *Un Brave Chien* (vida diária); *Allo! le grand garçon* (utilidade do telefone na vida diária); *The New Puppy* (o menino cuida do cachorrinho e ensina-lhe a portar-se; são amigos); *Scuffy the Tugboat and his Adventures down the River* (paisagens variadas); *The Little Red Caboose* (o trem, paisagens variadas, a importância do transporte); *The Sailor Dog* (inclusive há um naufrágio e as necessidades

primárias são atendidas); *Le Petit Train du Temps Jadis*; *The Taxi that Hurried* (transporte); *All Abroad* (viagem de trem); *Howdy Doody in Funland* ou *Howdy Doody au Pays des Jeux*; *Jeanette au Zoo*; *A Day at a Zoo*; *Circus Time*; *It's Howdy Doody Time* (cinema); *The Lucky Puppy* (o cachorrinho acaba por se convencer de que deve aprender as maneiras dos cães comuns, ao invés das de astro da TV); *Albert's Zoo*; *Johnny's Machines* (interêsse por máquinas-visa muito às do campo); *Prières d'Enfants*; *Baby, Listens* (os sons e o bebê); *How to Tell Time* (a necessidade de ser pontual); *Naughty Bunny* (era um coelhinho travesso e irresponsável que não conseguia emendar-se; no final consegue-o).

Livros estrangeiros de outras coleções

Timothy Tiger — A Rand Mc Nally Elf Book (o tigrinho era órfão e sai em busca de uma mãe; uma tigresa adota-o por fim); *Le Soleil se Lève ou Sun-Up* (comunidade); *Clang! Clang! Here Comes the Fire Engine* — Samuel Lowe Company — Kenosha-Wisconsin; *Welcome to Lollypop Town* — *The Sweetest Town on Earth* — A Bonnie Book — Kenosha-Wisconsin (servidores da comunidade); *Johnny, the Fireman* — A Rand Mc Nally Elf Book; *The Little Red Fire Engine* — Graham Greene — Published by Lothrop, and Shepard Co. Inc. — New York; *Kerry, the Fire Engine Dog* — A Rand Mc Nally Elf Book; *Trucks* — A Rand Mc Nally Elf Book; *Old Mother Hubbard* — A Rand Mc Nally Elf Book; *So Long* — A Rand Mc Nally Elf Book (um cachorrinho vai aprendendo o que deve fazer); *Growing Up* — A Rand Mc Nally Elf Book (os seres vivos crescem); *A Farm for Andy*; *The Little Mailman of Bayberry Lane* (as cartas unem as pessoas e facilitam a compreensão entre elas); *A Day on the Farm*; *Number 9- The Little Fire Engine*; *Buddy the Little Taxi*; *Choo-Choo the Little Switch Engine* — A Rand Mc Nally Elf Book; *Here Comes the Police* — Police Cruiser nº 3 — Samuel Lowe Company — Kenosha-Wisconsin.

LIVROS QUE ATENDEM AO 2º E 3º ANOS

Leitura e poesias

ALVARENGA, Lúcia — *Terra Querida*; para o 2º ano primário — 4ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1951.
2º ano: A história do linho, da lã e da sêda — págs. 73, 76 a 78; De que é feito o pão? — págs. 106 e 107; A andorinha —

págs. 142 e 143; As profissões (poesia) — págs. 36 e 37; Bichano (poesia — asseio do gato) — págs. 80 e 81; Domingo (poesia) — pág. 86; Dai Graças ao Senhor (oração de graças pelos cinco sentidos) — pág. 89; Duas Quadras (a 1ª relativa ao amor de mãe e a 2ª à árvore) — pág. 123.

3º ano: A bandeira — págs. 41 e 42; Usos e costumes antigos: a água; o chafariz — págs. 96 e 97 e 103 e 104; História de uma terra desconhecida e de um homem audaz (descobrimento do Brasil) — págs. 146 e 147; Meios de transporte antigos — págs. 96 e 97; As plantas — págs. 44 e 45.

CARRETERO, Diva Villaça e Maria Helena A. Pereira — *Meu Grande Amigo*; 2º grau primário — 17ª ed. — São Paulo, Ed. Nacional, 1954, 156 p.

2º ano: Minha Mãe (poesia) pág. 15; Brasil (poesia) pág. 56; A História do Patinho Feio (dramatização) págs. 64-65; 67-68; A Plantinha (poesia) pág. 75, além de leituras variadas.

3º ano: O reconhecimento — págs. 88 e 89; Tonico e o sabiá — págs. 93 e 94; Ama as Aves (poesia) pág. 96; Boa Ação — págs. 100 e 101.

GAUDENZI, Josephina — *A Escola do Tio Carlos* — São Paulo, Ed. Nacional — (a sair).

LIMA, Hildebrando de — *Lições do Tio Emílio*; 2º grau primário — 13ª edição — São Paulo — Ed. Nacional — 1951.

2º ano: O Trenzinho da Serra (poesia) — pág. 20; Os Sinais (poesia) pág. 27; O Inspetor (poesia) — pág. 35; Os Pontos Cardiais (poesia) pág. 69; O Trabalho (poesia) — págs. 77 e 78; O trem de brinquedo — págs. 13 e 14; A boneca e o carrinho — págs. 15 a 17; A oficina do tio Emílio — págs. 28 a 30; Correios e Telégrafos págs. 102 e 103; Limpeza Pública — págs. 104 e 105; A Polícia Higiênica — págs. 106 e 107.

3º ano: A cidade de Paulinho — págs. 31 a 34; O incêndio — págs. 36 e 37; O trânsito — págs. 39 e 40; Rio Antigo — págs. 52 e 53; Lampiões de azeite — págs. 99 e 100.

LOURENÇO FILHO, M. B. — *Pedrinho e seus Amigos*; 2º livro — 6ª edição — São Paulo, Cia. Melhoramentos — 1958. (Série de leitura graduada).

2º ano: Até a página 95 versa sobre a comunidade e o trabalho.

3º ano: Interdependência campo-cidade — págs. 50 a 65; 96 e 97; 100 a 103; As cinco gotinhas d'água (poesia) — págs. 94 e 95; acidentes geográficos — págs. 76 a 79; trem de ferro (poesia) — págs. 68 e 69.

Contém ainda leituras e poesias apropriadas ao 4º ano, dentre estas a "Festa do Brasil" (poesias sobre cada estado brasileiro) págs. 89 a 92.

LIVROS QUE ATENDEM AO 3º ANO

Comunidade urbana:

ANDRADE, Tales — *Como Nasceu a Cidade Maravilhosa* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

(Livros referentes às demais cidades brasileiras se encontram na bibliografia recomendada para o 4º ano).

VAMOS Ver o Que Há por Debaixo da Cidade — S. Paulo — Cia. Melhoramentos (Col. "Instrutiva").

(ver ainda livros sob o título "Livros de leitura graduada" pág. 461).

Higiene:

EBOLI, Therezinha — *Julgamento na Horta* — Rio de Janeiro — SAPS — Col. SAPS de Literatura Infantil.

KEHL, Renato — *A Fada Hígia* — Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves (esgotado).

LANDAU, Alice — *O A.B.C. das Vitaminas* — Rio de Janeiro — SAPS (Biblioteca SAPS de Literatura Infantil).

PEDRA, Albertina Moreira — *Cirandinha de Legumes* — Rio de Janeiro, Jornal do Brasil — 28 p. (adaptar para dramatização).

Vida no campo

ANDRADE, Tales — *Arvores Milagrosas* — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

ARTIGAS, Maria de Souza Campos — *Manduca e o Tempo da Colheita* (Coleção "Instrutiva") — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

FLEURY, Renato Sêneca — *A Horta do Juquinha* — São Paulo — (Coleção "Primavera") Cia. Melhoramentos.

REIS, José — *As Galinhas do Juca* — São Paulo — (Coleção "Instrutiva") — Cia. Melhoramentos.

(ver ainda obras indicadas para o 4º e 5º anos pág. 473 e livros sob o título "Livros de leitura graduada — pág. 459").

Nota: Em Obry, Olga "O Teatro na Escola" encontramos uma peça relativa à interdependência campo-cidade, de autoria de Terezinha Eboli.

Indígenas

- DONATO, Hernâni — *Histórias dos Meninos Índios* — 2ª ed. — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Histórias do Folclore).
- ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Sociais* — 11ª ed. — Rio de Janeiro — Ed. J. R. de Oliveira — 1940 (Ser. Saber e Poder, 3) Indígenas do Brasil — págs. 7 a 31.
- FLEURY, Luiz Gonzaga — *Histórias dos Índios* — São Paulo — Editora Nacional.
- FLEURY, Renato Sêneca — *Índios do Brasil* — São Paulo — Cia. Melhoramentos.
- FONTES, Ofélia e Narbal — *O Espírito do Sol* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (o menino viaja pelo sertão e encontra o pai prisioneiro dos indígenas; tudo termina bem).
- LOURENÇO, Filho, M. B. — *O Índiozinho* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Série "Histórias do Tio Damião" — nº 6).
- LOURENÇO, Filho, M. B. — *A Irmã do Índiozinho* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Série "Histórias do Tio Damião" — nº 7).
- MOREIRA, Balthazar de Godoy — *O Curumim Sem Nome* — São Paulo — Ed. do Brasil S/A.
- SIMÕES, Olga Jaguaribe Ekman — *Kuxinin* — São Paulo — Ed. Anchieta Ltda. Um índiozinho Caxinauá vai morar com uma família portuguesa).
(ver ainda livros sob o título "Livros de leitura graduada", assim como dentre os livros que atendem ao 3º e 4º anos, pág. 469 em diante).

Hábitos, atitudes, sentimentos

- AVENTURAS de Pinóquio segundo Collodi — *Contos Divertidos* — Rio de Janeiro — Ed. Agir — 1954.
- COLLODI, C. — *As Aventuras de Pinóquio* — São Paulo — Ed. do Brasil — 188 p.
- COLLODI, C. — *As Aventuras de Pinóquio* — 3ª ed. — São Paulo — Cia. Melhoramentos — 156 p.
- GIACOMO, Maria Thereza Cunha — *O Pinheirinho da Floresta* — ilustração de Osvaldo Storni — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Coleção Alegria, 17).

- MACHADO, Maria Clara — *Teatro Infantil* — Rio de Janeiro — Ed. Agir — 1957.
A Bruxinha que era boa — págs. 5 a 46; Pluft, o Fantasminha — págs. 147 a 193; O Boi e o Burro no Caminho de Belém (Natal) — págs. 195 a 229.
- VIGIL, Constâncio C. — *Marta e Jorge* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — (poético).

LIVROS DE LEITURA GRADUADA

Cidade:

- SANTOS, Teobaldo Miranda — *Minha Cidade* — 3ª série primária 2ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. Agir — 1953 (Várias leituras contando a evolução histórica do Rio — págs. 9 a 132).
- SANTOS, Teobaldo Miranda — *Minha Cidade* — 4ª série primária — Rio de Janeiro — Liv. Agir — 155 p.
Contém: paisagens, lendas históricas, festas, tradições e vultos cariocas.

Campo:

- ANDRADE, Tales de — *Vida na Roça* — Primeiro livro de leitura para o 2º grau primário — 26ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1952.
Tôdas as leituras formam uma única história. Poesias, como Na roça — pág. 13; Enxadinha — pág. 39; Cantando — pág. 53; A lagarta — pág. 94; Hino da Colheita — pág. 114, são apropriadas também ao 2º ano.
- MORAIS, João Barbosa de — *Leitura Amena* — 2ª série — Rio de Janeiro — Ed. A Noite.
Vida diária no campo — págs. 5 a 51; O Carro de Bois — págs. 71 a 73; O candieiro — págs. 75 e 76; Cão amigo — págs. 78 e 79; Transportes Terrestres — págs. 91 a 94; Do Trem (acidentes geográficos) — págs. 88 e 89.
- RABELLO, Célia — *Em Casa da Vovó* — 2º ano — 32ª edição — São Paulo — Ed. Nacional — 1949.
Dramatização (menino da cidade e do campo; valorização dos produtos agrícolas) — págs. 54 a 66.

Lendas:

- ESPINHEIRA, Ariosto — *Infância Brasileira* — 3ª série — São Paulo — Ed. Nacional — 1958 (edição especial para os Estados da Região Leste).

Lendas (da vitória-régia, da borracha do mate, do algodão, da mandioca e do açúcar) págs. 28 a 77; 155 e 156; 108 e 109; O trabalho (poesia de Olavo Bilac) pág. 16; A união faz a força — págs. 80 e 81.

STARLING, Nair — *Nossas Lendas* — Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves.

Lendas: indígenas — págs. 51 a 97; portuguesas (geralmente piedosas) — págs. 15 a 48; africanos — págs. 101 a 124.

Vários assuntos:

GRISI, Rafael — *Uma História e Depois... Outras* — 2º grau — 37ª edição — São Paulo — Ed. do Brasil — 1954 (Coleção Didática Infantil — ser. A Criança e o Livro).

Leituras que narram a história de um cão perdido que acaba por encontrar abrigo num grupo escolar. Contém trechos de folclore (festa junina, desafio etc.).

QUEIROZ, Elza de Campos — *Maninhos*, 3º grau — São Paulo, Ed. do Brasil, 1954 (Col. Didática do Brasil, ser. primária).

Conheçamos Nossa Terra (Jardim Botânico do Rio) — págs. 77 e 78; O Passarinho Astuto (poesia) — págs. 105 e 106; Pátria antigamente — págs. 117 e 118; O Açúcar — págs. 16 e 17; O Sal — págs. 18 e 19; Nossa Amiga a Árvore — págs. 42 e 43; Cromo — pág. 15; História de uma folha — págs. 44 e 45; As duas festas de aniversário — págs. 81 a 85; A Chuva (Constância Vigil) — págs. 93 e 94; Os Dois Rivals (o vento e o sol) — págs. 11 e 12; A Andorinha e o Pardal — págs. 13 e 14; Uma História (sobre o valor do sal) — págs. 20 a 24; O açúcar e o sal (poesia) — págs. 24 e 25; O Pavão e a Cegonha (fábula de Esopo) — págs. 28 e 29; Uma Carta (apreço aos que trabalham) — págs. 30 e 31; A Chave do Paraíso (caridade) — págs. 34 e 35; O Rato, a Rã, o Gavião — págs. 47 e 48; Os dois Coelhos (fábula) — págs. 53 e 54; A Imprensa — págs. 87 e 88, etc.

LIVROS QUE ATENDEM AO 3º E 4º ANOS ESCOLARES

O desenrolar de nossa História:

CALMON, Pedro — *Pequena História da Civilização Brasileira, para a Escola Primária* — 4ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1939.

3º e 4º anos: Como foi descoberto o Brasil — págs. 17 a 21; A terra e os habitantes (vários capítulos) — págs. 21 a 32; A conquista pelo açúcar — págs. 33 a 35; A intervenção dos jesuítas

— págs. 35 a 37, A escravidão negra — pág. 38; A costa e o sertão — pág. 39; Os transportes — págs. 124 e 125.

4º ano: D' "O Tempo das Especiarias" até o 2º Império — págs. 15 a 135.

CORREA, Viriato — *História do Brasil para Crianças* — 25ª ed. — São Paulo, Ed. Nacional — 1961 — Ilust. (B.P.B.).

GILDA HELENA — *Pequena História de São Paulo* — São Paulo, Ed. Melhoramentos S.A.

RIALVA, Rita Amil — *História do Brasil* — Rio de Janeiro, F. Briguiet — 1941 — Ilust. — 160 p.

SETTE, Mário — *Brasil, minha Terra* — São Paulo, Cia. Melhoramentos.

1ª Missa — págs. 7 a 10; A carta de Pero Vaz de Caminha — págs. 11 e 12; Primeiro Brasileiro — págs. 13 e 14; Caramuru — págs. 15 e 16. Há ainda todos os fatos históricos que serão estudados no 4º ano e mais alguns para níveis mais adiantados.

Fatos esparsos de nossa história

CORREA, Viriato — *Curiosidades da História Brasileira* — São Paulo — Ed. Nacional — 1952.

MORAIS, João Barbosa — *Na Terra Carioca* — (Crônicas e Histórias do Brasil) — Rio de Janeiro — Ed. da Imprensa Moderna — 113 p. -- ilust.

3º e 4º anos: O combate das canoas (Lenda de S. Sebastião) — págs. 7 a 12; D. Inês de Souza (As mulheres defendem a cidade) — págs. 13 a 17; A Morte de Frei Fabiano — págs. 19 a 24; Água em Seis Dias — págs. 85 a 89; Um Benfeitor Apedrejado (Oswaldo Cruz) — págs. 103 a 107.

4º ano: O Suplício do Patriota (Tiradentes) — págs. 25 a 29; O Sacrifício do Príncipezinho (um dos filhos de D. Pedro I) — págs. 31 a 37; Um Dia Cheio (Juramento à Constituição de 1824) — págs. 45 a 48; O Incêndio do Teatro S. João — págs. 49 a 53; Para Salvar a República — págs. 97 a 101.

LIVROS DE LEITURA GRADUADA

CÂMARA, Ivanise Maria — *Minha Terra*, 2º livro — 3ª ed. — São Paulo, Ed. do Brasil (Col. Didática Infantil — ser. Ruy Barbosa).
3º ano: Produtos de São João (dramatização: milho, laranja, jenipapo etc.) — págs. 118 a 120; O Sapo — págs. 144 a 150; Oração de uma Menina (sentimentos) — pág. 96.

4º ano: Capítulos sobre a Bahia — págs. 16 a 70; sobre São Paulo — págs. 72 a 74 e 101 a 103; sobre Sergipe — págs. 128 a 130; sobre Pernambuco — págs. 151 a 153; Borracha — págs. 166 a 168.

FLEURY, Luís Gonzaga — *Meninice* — 2º grau — 122ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1952.

3º e 4º anos: Quem muito quer... (fábula) — págs. 43 e 44; Os Índios (I e II) — págs. 35 a 38; Caramuru — págs. 41 e 46; João Ramalho — págs. 51 e 52; As Bandeiras — págs. 68 e 69; Fernão Dias e Bartolomeu Bueno — págs. 73 e 74; Conversa de plantinhas — págs. 76 a 78; Tiradentes — págs. 79 a 81; A Independência do Brasil — págs. 87 e 88; Um Amigo da Escola — págs. 116 e 117.

NOTA: Há ainda uma poesia sobre "O Papai" — pág. 22 apropriada ao 1º ano e outra apropriada ao 2º ano "O Bonde" — pág. 24 (aconselhamos retirar a 4ª quadra).

FONTES, Ofélia e Narbal — *Brasileirinho* — para o 3º ano primário — Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 11ª ed., 1949 (grafia antiga).

3º e 4º anos: O Tesouro Escondido — pág. 10; O Primeiro Brasileirinho — págs. 23 e 24; As Três Mães — págs. 30 a 32; O Meu Povo Vermelho — pág. 123; O Corumin — págs. 118 e 119; Como Nasceu o Amazonas — págs. 112 e 113; O Primeiro Monjolo (poesia) — págs. 38 e 39; Casa Grande (poesia) — págs. 52 a 55.

4º ano: Poesias sobre cada estado do Brasil, separadamente. MORAIS, João Barbosa de — *Leitura Amena* — 2ª série — Rio de Janeiro, Ed. A Noite.

3º e 4º anos: A Cana — págs. 52 a 54; A Cana no Brasil — págs. 56 a 58; Nossos Vegetais (algodão etc.) — págs. 61 a 63; As plantas págs. 67 a 69; Nos Jardins (Praça Paris) — págs. 177 e 178; A Fundação da Cidade (Rio) — págs. 183 a 185; Reconhecimento — pág. 81; Minha Terra (poesia) — págs. 127 e 128; Os pescadores — págs. 156 a 159; A pesca — págs. 160 e 161.

MORAIS, João Barbosa de — *Leitura Amena*, 3ª série — Rio de Janeiro — Ed. A Noite.

3º e 4º anos: Descobrimento — págs. 5 a 22; O Largo do Paço (Rio antigo) — págs. 33 e 34; Primitivos habitantes do Brasil — págs. 36 a 38; Histórias dos Índigenas — págs. 41 a 45; O Negro — págs. 160 e 161; Velha Fazenda (descrição) — págs. 138 e 139.

4º ano: O Cantor dos Índios — págs. 46 a 49; A Canção do Exílio (Gonçalves Dias), págs. 23 e 24; Sete de Setembro — págs. 70

a 72; O Paraíba — págs. 115 a 117; O Café — págs. 142 e 143; O Café no Brasil — págs. 148 e 149; As Lendas do Café — págs. 151 e 152; Nossas Riquezas — págs. 115 a 117; Vegetais — págs. 154 a 157; Os Escravos — págs. 164 a 166; A Campanha Abolicionista — págs. 169 e 170; Três Defensores dos Escravos — págs. 173 a 175; A Canção do Africano — págs. 177 a 179; República — págs. 180 a 182; Um Republicano Sincero — págs. 185 a 187.

MORAIS, João Barbosa de — *As Lições dos Meus Garotos*, 4º livro, 6ª ed. — São Paulo, Ed. do Brasil — 1953 (Col. Didática do Brasil, série Primavera).

3º e 4º anos: No Vale do Paraíba (fazendas) — págs. 20 e 21; Ouro verde (café) — págs. 23 e 24; Antigas Fazendas — págs. 20 a 28; Progresso no Rio — págs. 30 e 31; Vida Social (no Rio) — págs. 34 e 35; A lenda do Guaraná (indígena) — págs. 56 e 57; Influência Indígena — págs. 59 a 61; A Iara (lenda) — págs. 64 a 66; Os Negros; Bá; Cantigas da Velha Bá; Influência Africana; Música e Dança — págs. 122 a 130; Os Brancos — págs. 141 a 143.

4º ano: Renascimento (vale do Paraíba) — págs. 48 a 50; Guaraná — págs. 52 a 54; Herói Indígena — págs. 68 a 72; A Amazônia — págs. 74 a 79; Celebrando os índios — págs. 89 a 91; Os Mestiços — págs. 145 e 146; O Vaqueiro — págs. 148 a 150; O Jangadeiro — págs. 152 a 154; Glória dos Jangadeiros — págs. 156 a 158; Brasileiros — págs. 160 a 162.

MORAIS, João Barbosa de — *Meus Garotos* — 2º ano — 6ª ed. — São Paulo, Ed. do Brasil — 1954.

3º e 4º anos: Lenda dos Miosótis (européia) — págs. 46 e 47; Lenda do Milho (indígena) — págs. 81 a 83; Pássaros do Brasil — págs. 49 a 63; A Rodovia e Velhos Meios de Transporte — págs. 65 a 72; O Milho, vegetal delicioso — págs. 77 a 79; O Sapo — págs. 81 a 83; A Queimada — págs. 106 a 110; Em Defesa das Matas — págs. 129 a 133; Avicultura — págs. 85 e 86; Folclore (festas juninas) — págs. 121 a 128 e 135 a 140.

4º ano: Refere-se à cidade de São Paulo: na zona rural; nos subúrbios; nos bairros afastados; a grande cidade — págs. 145 a 154.

MORAIS, João Barbosa de — *Meus Garotos* — 4º ano — 2ª ed. — São Paulo — Ed. do Brasil — 1954.

3º e 4º anos: Influência Indígena — págs. 91 a 93; Lenda do Guaraná — págs. 58 e 59; Lenda do Algodão — págs. 136 e 137; O Guaraná — págs. 56 e 57; O Café — págs. 113 e 114; Ouro Verde (café) — págs. 117 e 118; O Algodão — págs. 133 e 134; Ouro Branco — págs. 136 e 137; A Lenda da Cana — (lenda européia) — págs. 27 a 29.

4º ano: Amazônia — págs. 73 a 75; El Dorado — págs. 77 e 78; Na Guerra dos Emboabas — págs. 81 a 83; Uma Heroína (Maria Angélica) — págs. 86 a 89; Trabalho livre — págs. 141 a 143; Colonos — págs. 146 e 147; Progresso e Riqueza — págs. 150 a 152; Canto de Minha Terra — págs. 155 e 156.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de — *Meu Coração* — 3ª série primária — 5ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1957.

3º e 4º anos: A canôa virou (indígena) — págs. 117 e 118; A Escola de Piratininga (jesuítas) — págs. 115 e 116; O Campo... A Cidade — págs. 76 a 78; A Madrugada (poesia de O. Bilac) — págs. 96 e 97; Conto de Natal (poesia de Manuel Bandeira) — págs. 108 e 109.

4º ano: Na Minha Terra (poesia) — págs. 92 e 93; Ditosos Pátria — (poesia) — págs. 98 e 99; Cidade do Ouro (Manuel Bandeira) págs. 123 e 124; A Serra das Esmeraldas — págs. 131 e 133; O Aleijadinho — págs. 133 a 135.

Além de leituras apropriadas para níveis de 5º e 6º anos.

RIALVA, Rita Amil de — *De Março a Dezembro*, leitura para o 4º ano — 8ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1952.

3º ano: O Primeiro Enamorado do Brasil (Pero Vaz Caminha) — págs. 13 a 15; A Raça Brasileira — págs. 22 a 25; Uma Canção — págs. 62; O Jabuti e a Onça (história indígena) — págs. 67 e 68; Origem do Milho — págs. 70 a 72; Que Espertalhão! (Caramuru) — págs. 27 a 30; Missionários — págs. 38 a 41; O Quintal de Pedro — págs. 47 a 49; Rumo à Fazenda — págs. 54 a 56; Vários capítulos relativos à vida no campo — págs. 58 a 103. "Seo" Alfredo no Rio (o Ministério da Agricultura e os lavradores) págs. 179 a 181; O pai de Joãozinho (generosidade) págs. 18 e 18; Padre João — págs. 20 e 21; O Macaco e a Onça (não se deve delatar) págs. 50 a 52; Uma comédia (o Dr. Guloso) págs. 103 a 111; O Pato Orgulhoso (de Humberto de Campos — interessante para Natal) págs. 133 a 136; Heroísmo — págs. 176 a 178; A Volta ao Rio — págs. 115 a 118.

4º ano: Para ser bom cidadão — págs. 123 a 125; As formigas (trabalho) págs. 126 a 129; O Meu Brasil (Olegário Mariano) págs. 187 a 189; O Príncipe e o Pobre (bons sentimentos) págs. 31 a 34; Saudação à Bandeira — págs. 35 e 36; Primeira lição de agricultura (matemática adiantada) págs. 74 a 77; A cheia do Paraíba — págs. 90 e 91; Canção do Tamoio — (trechos) págs. 92; O Sertanejo é um forte (matemática adiantada) págs. 93 a 96; Os Bandeirantes págs. 137 a 140; A Independência págs. 142 a 145; A República — págs. 169 e 170.

RIALVA, Rita Amil de — *O Clube dos Sete Amigos* — Leitura para o 3º ano — 12ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1951.

3º ano: Nhô Chico I (Rio Antigo) págs. 59 a 61; Serei Agricultor; Primavera no Campo (poesia) págs. 68 a 74; Numa noite de luar (sapo) págs. 28 a 30; Índios — págs. 88 a 91; O Jabuti e a Onça (história dos índios: a inteligência pode vencer a força) págs. 84 a 86; O Apóstolo do Brasil (Anchieta) págs. 93 a 95; O Ratinho Inexperiente (não se deve julgar pela aparência) págs. 80 a 82; A Nobreza de Hugo — págs. 101 a 103.

4º ano: Do Acre ao Rio Grande do Sul — págs. 110 a 127.

RICCHETTI, Henrique — *Infância* — 2º grau — 193ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1950 (Ser. Olavo Bilac).

3º e 4º anos: O Correio — págs. 91 a 93; A Mandioca — págs. 57 a 59; Anchieta, Mestre Escola (poesia) págs. 86 e 87; O trabalho (de Olavo Bilac) — págs. 30 e 31; A União faz a força — págs. 74 e 75; A união — págs. 66 a 68; Uma Andorinha só não faz verão — págs. 119 e 120; São Francisco de Assis — págs. 116 e 117; Um menino copia preceitos num caderno — págs. 77 e 78.

4º ano: A Carnaúba — págs. 80 a 82; Curitiba — págs. 129 e 130; Guaira ou Sete Quedas — págs. 132 e 133; As bandeiras — págs. 143 a 145; Tiradentes — págs. 149 a 151.

LIVROS QUE ATENDEM AO 4º ANO

Fatos e Vultos da História do Brasil

(ver ainda livros às págs. 464, 465, 477, 478).

CORREIA, Viriato — *A Bandeira das Esmeraldas* — São Paulo — Ed. Nacional — 1957.

Nóbrega e Anchieta — págs. 107 a 155; "Bandeira das Esmeraldas" (Fernão Dias) págs. 11 a 52; História de Tiradentes — págs. 55 a 103.

CORREIA, Viriato — *História de Caramuru* — São Paulo — Ed. Nacional S.A.

CORREIA, Viriato — *Meu Torrão* — São Paulo — Ed. Nacional — 1957 — 117 p.

Anchieta (lenda) págs. 9 a 15; Por amor da terra (Henrique Dias) págs. 34 a 38; Os vinte heróis — págs. 98 a 104; O cacho de bananas de ouro — págs. 22 a 29; Borba Gato — págs. 39 a 52; O juramento dos paulistas (emboabas e mascates) — págs. 59 a

65; Tiradentes — págs. 66 a 70; Chico Rei — págs. 92 a 97; A música maravilhosa (Padre José Maurício) — págs. 28 a 33; Chico Dias — págs. 80 a 84; O último dia de governo (D. João VI) — págs. 71 a 78; O herói que se acovarda (bondade de Osório) — págs. 105 a 109.

GREGORY, Francisca Rodrigues — *Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes* — Rio, Ed. Minerva — 1959 — 112 p.

ISGOROGOTA, Judas — *O Bandeirante Fernão* — São Paulo, Ed. Infantil — Poema infantil — 1946 — 44 p.

MARINS, Francisco — *Bugre do Chapéu de Anta* — São Paulo, Ed. Melhoramentos. Expedição ao Tocantins.

MARINS, Francisco — *Volta à Serra Misteriosa* — São Paulo, Ed. Melhoramentos. Minas de Cuiabá e a epopéia de Anhangüera.

MORAIS, João Barbosa de — *Brava Gente Brasileira* — Rio — Imp. Moderna. Heróis indígenas (Guairacá, Ajuricaba etc.), heróis da Insurreição Pernambucana; da Independência (Joana Angélica); figuras militares da Guerra do Paraguai e o conquistador do Acre.

MOREIRA, Balthazar de Godoy — *Rio Turbulento* — São Paulo — Ed. do Brasil. O povoamento de Mato Grosso.

RIALVA, Rita Amil de — *Jaguaraçu* — Contos Inspirados na História — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1933 — 93 p.

SANTOS, Theobaldo de Miranda — *Contos Cívicos do Brasil* — São Paulo — Ed. Nacional. A terra, os primeiros visitantes, figuras indígenas (Tabira, Ajuricaba); Anchieta e, ainda — A resposta de Araribóia — págs. 21 a 23; Caminhos do Norte (fortificações) págs. 24 a 26; O Gigante Escurecido (estado do Amazonas) págs. 30 a 32; A Epopéia das Bandeiras (5 capítulos) págs. 36 a 50; A Jornada Milagrosa (franceses no Maranhão) págs. 58 a 60; Os Heróis do Rio Formoso (e mais seis capítulos sobre a guerra holandesa) págs. 27 a 29; 61 a 78; A Morte de Felipe dos Santos — págs. 128 a 130; O Mártir da Liberdade — págs. 131 a 133; A Obra do Aleijadinho — págs. 158 a 160; Vinda de D. João — págs. 161 a 163; Independência ou Morte — págs. 137 a 139; O Suplício da Freira (Sóror Angélica) — págs. 134 a 136; A Princesa Magnânima (Isabel) — págs. 146 a 148; Viva a República — págs. 149 a 151.

Leituras de nível mais elevado se encontram ainda nesse livro.

Lendas e mitos

LENDAS de Nossa Terra — (série) — São Paulo, Ed. Melhoramentos.

LOURENÇO FILHO, M.B. — *Maria do Céu* — São Paulo, Ed. Melhoramentos (Histórias do tio Damião, 11). A respeito do Ceará.

LOURENÇO FILHO, M. B. — *O Gauchito* — 4ª ed. — São Paulo — Ed. Melhoramentos (Histórias do tio Damião, 8).

O NEGRINHO do Pastoreio — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Historietas").

SANTOS, Theobaldo M. — *Lendas e Mitos do Brasil* — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1955 — (Brasiliiana Infantil). Lendas e Mitos: do Norte — págs. 1 a 37; do Nordeste — págs. 38 a 59; do Leste — págs. 60 a 94; do Sul — págs. 95 a 129; do Centro-Oeste — págs. 130 a 146.

Satisfação das Necessidades Primárias do Homem

(adequados igualmente ao 5º ano)

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusóe* — Trad. e adaptação de Monteiro Lobato — São Paulo, Ed. Brasiliense — 1960.

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusóe* segundo Daniel Defoe — Liv. Agir Editôra — 1954. (Contos Divertidos).

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusóe* — Rio Ed. Minerva — s/d — 96 p.

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusóe* — 4ª ed. — São Paulo, Ed. Melhoramentos — 143 p. ilust. (Obras Célebres, 18).

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusóe* — Ed. Paulinas — 150 p. (Col. "Alegria", 12).

DUPRÊ, Sra. Leandro — *Mina de Ouro* — São Paulo, Ed. Saraiva — 1959 (crianças se perdem numa mina).

AS EXTRAORDINÁRIAS Aventuras de Robinson Crusóe — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Biblioteca Infantil, 45).

FOUQUET, Carlos — *O Prisioneiro de Ubatuba* (Hans Staden) — São Paulo, Ed. Melhoramentos — Ilust.

MALBA TAHAN — *O Guia Carajá* — Rio de Janeiro, Ed. Aurora.

MONTEIRO LOBATO — *Hans Staden* — São Paulo, Ed. Brasiliense — 1960, — 131 p.

MOTT, Odette de Barros — *O Filho do Bandeirante* — 2ª ed. — São Paulo, Ed. do Brasil.

(Restrição: falas propositadamente erradas "cruiz", "mecê" etc).

RAMOS JUNIOR, Francisco de — *Três Garotos em Férias no Rio Tietê* — 3ª ed. — São Paulo, Cia. Melhoramentos.

RAMOS JUNIOR, Francisco de — *Três Escoteiros em Férias no Rio Paraná*, 2ª ed. — São Paulo, Cia. Melhoramentos.

STORNI, Oswaldo — *A Medalha* — São Paulo, Cia. Melhoramentos (Ser. "Pelo Brasil Afora") — 36 p.

Um menino viaja pelo sertão, chegando ao Rio de Janeiro.

WYS — *O Robinson Suiço* — Rio de Janeiro, Ed. do Brasil.

Estados e cidades do Brasil (*)

ARROYO, Leonardo — *Você já foi à Bahia?* — São Paulo — Ed. Melhoramentos.

DUPRÉ, Senhora Leandro — *O Cachorrinho Samba* — 2ª ed. — S. Paulo — Ed. Brasiliense — 1949.

DUPRÉ, Senhora Leandro — *O Cachorrinho Samba na Bahia* — S. Paulo — Ed. Saraiva — 1949.

FONTES, Ofélia e Narbal — *Aventuras de um Côco da Bahia* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Histórias do tipo lenda).

GOMES, Giselda Guimarães Lima — *Vamos Conhecer o Rio Grande?* — 93ª ed. — Pôrto Alegre, Ed. Globo — 1952.

— Leitura para o terceiro ano primário associada a Estudos Sociais e Naturais.

MONTANDON, Leonilda S. — *Vamos conhecer Minas Gerais?* — São Paulo — Ed. do Brasil — 1960.

Exercícios e leituras sobre Minas Gerais (serve para pesquisa da criança).

MORAIS, João Barlosa de — *Meus Garotos* — 7ª ed. — São Paulo — Ed. do Brasil — 1954.

A cidade de São Paulo e paulistas ilustres.

LIVROS DE LEITURA GRADUADA

ALVES, Ciro — *Ler e Aprender* — 7ª ed. — 3º ano — São Paulo, Editôra do Brasil — 1952. (Col. "Didática Nacional" — Ser. "Cruzeiro do Sul").

— *Liberdade... doce liberdade (Inconfidência)* — págs. 64 a 66; *Cinta ou açúcar* — págs. 111 a 114; *Judas (Euclides da Cunha)* págs. 118 a 120; *Bandeira do Brasil (poesia)* págs. 157 a 159; *Árvore (poesia)* pág. 185; *A Lenda de Kaldi (café)* págs. 187 e 188, e inúmeras leituras interessantes.

ALVES, Ciro — *Ler e Aprender* — 4º livro — São Paulo — Ed. do Brasil — 1951.

Invento do Diabo (a bússola) — págs. 37 a 39; *Caramuru* — págs. 103 a 106; *Um homem raptado (autor Botelho de Magalhães — sobre índios)* — págs. 138 a 140; — *Um chefe incomparável (Fernão Dias Paes)* — págs. 173 a 180; *Laços Verdes (de Viriato Corrêa)* — pág. 74; *Pátria (poesia)* — págs. 142 e 143; *Nossa Bandeira (poesia)* — págs. 189 e 190; *Não como sem cantar (cacau)* — págs. 134 a 137.

BILAC, Olavo e Coelho Neto — *A Pátria Brasileira* — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves.

O desenrolar de nossa História até a República. Ressaltam a progressiva consciência do sentimento nativista e a história da liberdade no Brasil.

BRAGA, Erasmo — *Leitura 2* — para o 2º ano escolar — 199ª ed. — S. Paulo — Ed. Melhoramentos — 1952 (Ser. Braga).
Trechos e poesias sobre a natureza e sobre civismo.

BRAGA, Erasmo — *Leitura 3* — 142ª ed. Rev. pelo prof. Lourenço Filho — S. Paulo, Ed. Melhoramentos, 1951 (Ser. Braga).
Livro de grande valor educativo, tanto na parte de formação quanto na informativa.

ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Sociais* — 9ª ed. — Rio, Ed. J. R. de Oliveira — 1940 — 158 p. (Ser. "Saber e Poder", 4).
Um resumo da Geografia e da História do Brasil. Trata, separadamente, dos produtos agrícolas de maior importância e mostra como se desenvolveu o comércio e a indústria no Brasil.

ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Sociais* — Rio — Ed. J. R. de Oliveira — 1940 — 179 p.. (Ser. "Saber e Poder", 5).
Agricultura, os principais produtos agrícolas do Brasil.

ESPINHEIRA, Ariosto — *Infância Brasileira* — 3ª série — São Paulo — Ed. Nacional — 1958. (Edição Especial para a Região Leste).

(*) A cidade do Rio está entre os livros indicados para o 3.º ano.

Heróinas — págs. 32 a 34; O Caboclo (poesia) — págs. 49 e 50; O Norte do Paraná — págs. 61 e 62; A Cidade do Salvador — págs. 65 a 67; Recife — págs. 112 e 114; O Jangadeiro (poesia) — págs. 128 e 129; A Casa do Caiçara — págs. 73 e 74; O Pinheiro — págs. 84 e 85; O Cacaueiro — págs. 89 e 90; O Ferro — págs. 100 e 101; O Milho — págs. 117 e 118; A Cana-de-açúcar — págs. 137 e 138; A matéria prima (para pesquisa) — pág. 161.

GRISI, Rafael — *Uma História e depois... outras...* — 4º grau — 9ª ed. — São Paulo, Ed. do Brasil — 1951 — (Col. Didática Infantil, ser. A criança e o livro).

Dentre as leituras destacamos como interessantes: A Escolha do Tuxáua — págs. 105 a 109 e Bandeirantes Meninos — págs. 118 a 119 (leituras parceladas). Algumas poesias: A Árvore (Olavo Bilac) — pág. 73; Exortação (aos imigrantes) — págs. 213 e 214; Meu Brasil (Olegário Mariano) — págs. 218 e 219.

LIMA, Hildebrando de — *Nosso Brasil*, — 2º grau primário — 21ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1953.

Crianças viajam de São Paulo para Minas.

LOURENÇO FILHO, M. B. — *Aventuras de Pedrinho* — 3º livro — São Paulo — Ed. Melhoramentos — 1955. (Ser. Leitura — Graduada).

A Aventura na Floresta Amazônica — págs. 9 a 50; O Tesouro escondido (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) — págs. 51 a 80; A Viagem Inesperada (O Rio e a região sul do país) — págs. 81 a 138; A Aventura nas Nuvens (regiões leste e nordeste) — págs. 139 a 175.

LUZ, José Batista da — *Seleção da Infância* — 4º grau — 17ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1952 — (Ser. "Céus e Terras do Brasil").

Trata-se de uma antologia. Dentre várias leituras cívicas encontra-se "A Partida da Monção", p. 141 e 142).

MARCONDES FILHO, Morel — *Contos Brasileiros*, — 3º livro — 2ª ed. — Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves — 1944.

O Cafezal — págs. 33 a 35; A Colheita do Café — págs. 36 a 38; O Verdadeiro Patriotismo — págs. 46 a 47; Filhos de Estrangeiros — págs. 52 e 53; Israelitas — págs. 64 a 66; Paraná — págs. 78 a 80; Minas Gerais — págs. 89 e 90; Um Homem de Valor (Luiz Gama) — págs. 148 e 150; Tiradentes (poesia) — págs. 178 e 179.

MARTINEZ, César — *A Linda História do meu País* — 5ª ed. — Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves — 1936. (Ser. "Vida Escolar").

Livro muito interessante e informativo.

MORAIS, João Barbosa de — *As Lições dos Meus Garotos*; 3º livro — São Paulo — Ed. do Brasil — 249 p. — ilust.

No Velho Parque (Quinta da Boa Vista — Rio) págs. 17 a 19; Rico Presente (D. João VI chegando ao Rio) — págs. 27 a 29; A Lenda da Vitória Régia (indígena) — págs. 23 e 24; A Casa dos Pássaros (Museu Nacional) — págs. 46 a 47; O Museu Nacional — págs. 51 a 53; Iluminação de Azeite — págs. 67 e 68; O Jardim Zoológico — págs. 77 a 79; Animais do Brasil — págs. 82 a 88; A Baleia — págs. 60 a 62; Pesca da Baleia — págs. 64 e 65; Audácia de Marinheiro (Tamandaré) — págs. 93 a 95; Trabalhar pela Pátria (Tamandaré) — págs. 97 a 99; Canção do Marinheiro — pág. 103; Histórias do Jabuti — págs. 105 a 107; O Gaúcho — págs. 126 a 128; Versos Gaúchos — págs. 131 e 132; O Negrinho do Pastoreio — págs. 135 a 141.

MORAIS, João Barbosa de — *Leitura Amena* — 4ª série — Rio Ed. A Noite — 262 p. ilust.

Depois da Missa — págs. 20 a 23; O Brasil (primeiros tempos) págs. 49 a 51; Terra dos Papagaios — págs. 58 a 60; Araras e Papagaios — págs. 63 e 64; Os primeiros mestres (jesuítas) págs. 74 a 77; As primeiras Escolas — págs. 79 a 82; A Caminho de Piratininga — págs. 84 a 86; O Colégio de São Paulo — págs. 87 e 88; São Paulo — págs. 91 e 92; Recordando (S. Paulo) págs. 94 e 95; A lenda do mate (lenda indígena) págs. 247 a 250; A doceira (trabalho) págs. 144 a 146; As grandes Produções do Brasil (dramatização, inclusive) págs. 138 a 142; O Pau-de-Tinta — págs. 53 a 55; Riqueza Açucareira — págs. 113 a 116; Cobiça Holandesa — págs. 119 e 120; A Insurreição Pernambucana — págs. 126 a 129. Há ainda leituras de nível mais elevado.

MORAIS, Orlando Mendes de, e outros — *Seleção Infantil* — Rio de Janeiro — Ed. Aurora — 1951 — p. ilust 153.

O Rio (Olavo Bilac) — págs. 44 e 45; Plantio do Milho — págs. 53 e 54; A Pororoca (Araripe Júnior) — págs. 70 e 71; Fazenda Velha (poesia) — págs. 73 e 74; O Cacaueiro — págs. 80 e 81; O Cacau — págs. 83 e 84; Brisa — págs. 92 e 93; Utilidade das Árvores (poesia) — págs. 126 e 127; Henrique Dias (biografia) — pág. 129; José do Patrocínio (biografia) — pág. 135; Joaquim Nabuco (biografia) — págs. 138 e 139; Benjamin Constant (biografia) — págs. 140 e 141; Adeus (Edmundo de Amicis) — págs. 150 a 153.

Contém ainda trechos poéticos de autores consagrados, para crianças de maior desenvolvimento intelectual.

MORAIS, Teodoro de — *Sei Ler* — 3º livro — 53ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional.

Pinheiro — págs. 50 e 51; O cafezal — págs. 118 e 119; O café (poesia) — págs. 120 e 121; Butantan — págs. 66 e 67; História de uma folha de papel — págs. 148 a 150; Escoteiros — págs. 136 e 137; Hino à Bandeira — págs. 133 a 135.

PROENÇA, Antônio Firmino de — *Segundo Livro de Leitura* — 32ª ed. rev. — 1946 — 176 p. — ilustr.

Os Primeiros Brasileiros — págs. 7 e 8; A Mangueira — págs. 33 e 34; A Bananeira — págs. 105 e 106; A Lã — págs. 45 a 47; Uma Lenda (igreja da Graça, Bahia) — págs. 58 a 60; Treze de Maio — págs. 80 a 82; O Monjolo (poesia) — págs. 125 e 126; Ouro Preto — págs. 127 e 128; A Borboleta Azul (crendice dos indígenas) — págs. 137 e 138.

Contém ainda leituras em nível mais elevado.

PROENÇA, Antônio Firmino de — *Terceiro Livro de Leitura* — 19ª ed. — São Paulo — Ed. Melhoramentos — 1945 — 229 p. — ilustr.

Anchieta — págs. 17 e 18; A Geada — págs. 22 e 23; As Orlarias — págs. 26 e 27; Como se fez o Brasil (bandeirantes) — págs. 52 a 54; Sete de Setembro — págs. 55 a 58; O Rio (poesia) — págs. 59 e 60; A Borracha — págs. 61 a 63; O Tropeiro (poesia) — págs. 75 e 76; — O Mate (lenda, Humberto de Campos) — págs. 79 e 80; A Cana-de-Açúcar — págs. 86 a 88; A Gruta do Maquiné — págs. 89 a 94; A Ilha da Trindade — págs. 111 a 114; O Café — págs. 117 a 119; O Algodão — págs. 133 a 135; A Carnaúba — págs. 144 a 148.

RABELO, Célia — *Nineta e suas Amiguinhas* — 3º ano — 8ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 178 p.

Todo o livro forma uma história muito atraente e educativa. As crianças fundam um Centro de Brasilidade, clube onde estudam o Brasil. Capítulos inteiros descrevem lugares e costumes brasileiros. A cooperação e outras atitudes são focalizadas. Alguns capítulos esparsos podem ser utilizados no 2º e 3º anos. — São

RICCHETTI, Henrique — *Infância*, 3ª série — 47ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1950.

A Igapeva (costa da Bahia ao Maranhão) — págs. 25 a 27; Os Jangadeiros — págs. 29 e 30; Abnegação (Companhia de Jesus — José de Anchieta) — págs. 37 a 39; Eterna Luta (a luta pela vida exemplificada na Amazônia) — págs. 62 a 64; Todos Cantam sua Terra (poesia sobre São Paulo) — págs. 105 e 106; Lá é Fácil — (refere-se ao rio Tietê) — págs. 118 a 120; O que é mais útil (baleia) — págs. 126 a 128; O Jeca (poesia) — págs. 129 e 130;

Os Maués (lenda do guaraná) — págs. 139 a 141; Terra Bendita (plantação da juta) — págs. 151 e 152, além de leituras de nível mais elevado.

RICCHETTI, Henrique — *Infância* — 4º grau — 22ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional.

O Negrinho do Pastoreio — págs. 18 e 19; O Dragão do Mar (pescador) — págs. 51 e 52; Os Colonos (poesia de Paulo Setúbal) — págs. 107 a 109; O Boi de Belém (tartaruga) — págs. 156 a 158; O Monumento da Natureza (árvore próxima ao museu do Ipiranga) — págs. 160 e 161; Boa Pontaria (avicultura) — págs. 166 a 168.

Nota: O Beribá (árvore inflamável dos indígenas) é assunto apropriado igualmente ao 3º ano.

LIVROS QUE ATENDEM AO 4º E 5º ANOS

O desenrolar de nossa História

(ver ainda livros às págs. 464 e 465).

BANDEIRA, Duarte — *Rondon — O Bandeirante do Século XX* — 4ª ed. — Rio de Janeiro, Ed. Zélio Valverde — 202 p. — ilustr.

CARNEIRO Leão, Antônio — *Meus Heróis* — Rio — Ed. A Noite Educadores, estadistas e benfeitores da humanidade; datas; fatos, tradições Populares etc.

CORREIA, Viriato — *História da Liberdade no Brasil* — 1ª ed. — Rio — Ed. Civ. Brasileira — 1962.
Do episódio de Amadeu Bueno à República.

FLEURY, Renato Sêneca — *Heroínas e Mártires Brasileiros* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

GÓIS, Carlos — *Histórias da Terra Mineira* — Rio — Ed. Gráfica Laemmert Ltda. — 182 p.

Os bandeirantes; figuras da Inconfidência Mineira; o Aleijadinho; Peter Lund; os quilombos.

GRANDES Brasileiros, Série — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

HADDOCK, Lobo — *Pequena História do Brasil* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — 115 p. — ilustr.

A história econômica e administrativa do Brasil e, ainda, trechos de bons autores para leitura.

HERMÓGENES, José — *Iniciação à Nossa História* — 5ª ed. — Rio — Liv. Freitas Bastos — 166 p.

MARINS, Alvaro — *Meu Brasil* — Rio de Janeiro, Ed. da Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico — ilust. (Coleção Seth).

Aspectos, homens e fatos da História, em mapas.

ROCHA Pombo — *Nossa Pátria* — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

Do descobrimento aos dias de hoje.

WESTPHALEN, Cecília Maria — *Pequena História do Paraná* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — 89 p. — ilust.

Nota: Contém bibliografia relativa ao Estado do Paraná.

Geografia

AZEVEDO, Aroldo de — *Geografia das Crianças* — São Paulo, Ed. Nacional — 147 p. ilust.

Parte referente ao Brasil até pág. 74.

HILLYER, V. W. — *Geografia Pitoresca para Crianças* — Trad. de Godofredo Rangel — São Paulo, Ed. Nacional — 1955 — pág. 302.

Referências ao Brasil — págs. 88 a 131.

JARDIM, Renato — *Geografia da Criança* — 8ª ed. — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

O Mundo Pitoresco — 5ª ed. — Rio — Ed. W. M. Jackson — 9 vol. — ilust.

POTSCH, Waldemiro — *O Brasil e suas Riquezas* — 30ª ed. — Rio de Janeiro — Fundação Alfredo Herculano Xavier Potsch — ilust.

Atlas

MINISTÉRIO da Educação e Cultura — Campanha Nacional de Material de Ensino — Departamento Nacional de Educação — *Atlas Geográfico Escolar*.

MINISTÉRIO da Educação e Cultura, Campanha Nacional de Material de Ensino, Departamento Nacional de Educação — *Atlas Histórico Escolar*; mapas, ilust. e textos, 1960.

Indígenas, colonização, bandeiras, invasões holandesas, movimentos nativistas, Império até pág. 29.

PAWELS, Padre J. — *Atlas Geográfico Melhoramentos* — S. Paulo — Ed. Melhoramentos.

PEQUENO Atlas Escolar — São Paulo — Ed. Melhoramentos.

PORTILHO, Maria Helena e Ivan Plínio de Carvalho — *Pequeno Atlas de Geografia do Brasil* — Rio — Ed. Conquista — 32 p. — ilust.

Cooperativismo

FONTES, Ophélia e Narbal — *Companheiros* — leitura para o 4º ano Primário — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — (Série Pindorama).

A importância do Cooperativismo: professores, crianças e pais de alunos reconstruem uma escola; livro de grande valor educativo (grafia antiga).

Há, no final do livro, poesias sobre cada estado do Brasil, apropriadas ao 4º ano.

Vida no campo

MARINS, Francisco — *Gafanhotos em Taquara* — Poca (Série "Taquara-Poca") — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

Vida de um pequeno clube agrícola — a horta, os animais, as pragas.

MARINS, Francisco — *O Coleira Preta* (Série "Taquara — Poca") — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

A fundação de um clube agrícola.

MARINS, Francisco — *O Segrêdo do Taquara* — Poca* (Série "Taquara-Poca") — São Paulo — Cia. Melhoramentos (Apresenta o problema da coivara).

(ver ainda publicações do Ministério da Agricultura indicadas às págs. 484 e 485).

Folclore

DONATO, Hernani — *A Maravilhosa História do Presépio de Natal* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

Além do Natal nas várias regiões do Brasil, apresenta ainda costumes natalinos de outros países.

Assuntos variados

ENCICLOPEDIA Trópico — São Paulo — Liv. Martins (pesquisa para crianças do 3º ano em diante).

O MUNDO da Criança — Rio de Janeiro, Ed. Delta — 14 v. Poesias; músicas — vol. I e II, XI; jogos, festas, teatro, construção de brinquedos, experiências na cozinha, trabalhos manuais etc. — vol. VIII; A arte e a música — vol. X e XI; ver ainda o índice alfabético.

TESOURO da Juventude — Rio de Janeiro, W. M. Jackson — 18 v. Procurar pelo assunto no índice geral, vol. XVIII ou em cada volume nos livros: A terra; A Nossa Vida; Animais e Plantas; O Novo Mundo; Poesias e Contos; As mais Belas Ações; Coisas que devemos Saber; Os Porquês; Coisas que podemos Fazer; Homens e Mulheres Célebres.

LIVROS QUE ATENDEM AO 5º ANO ESCOLAR

A economia brasileira

ACQUARONE — *O Gigante Brasil e os Seus Tesouros* — Rio de Janeiro — Ed. Minerva Ltda.

ARRUDA, Julieta M. S. — *Cristina* — Rio de Janeiro — Ed. A Noite — ilust.

Ciclo do café no vale do Paraíba.

CORDEIRO, Mário — *Um grão de café passeia pelo mundo* — Liv. Ed. Zélio Valverde.

Histórico do café brasileiro.

MARINS, Francisco — *Nas Terras do Rei Café* — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

Informações sobre a vida em um sítio e sobre a cultura do café.

PUBLICAÇÕES do Instituto Brasileiro do Café.

RIQUEZAS da Nossa Terra — Rio de Janeiro — Ed. especial do O Tico-Tico — 1959 — ilust.

Carnaúba, algodão, ferro, cacau, açúcar, sal, petróleo, castanha, milho, borracha, ouro etc.

(ver ainda "Publicações Diversas com Informações sobre o Brasil e o Mundo" — pág. 484).

Assuntos variados

ALMANAQUE Mundial (Enciclopédia Anual de Dados Úteis e Conhecimentos Práticos) — Organização e direção de Eduardo

Cárdenas — Publ. de Seleções do Readers' Digest — S. Paulo — Edit. Ipiranga — ilust.

Mapas, personalidades mundiais, dados históricos e geográficos, fatos importantes etc

Vida em outras terras

MALBA Tahan — *"Lendas do Céu e da Terra"* — Rio — Ed. Conquista.

O MUNDO Pitoresco — Coleção — Rio de Janeiro — W. M. Jackson — 15 vol.

PIPER, Watty — *Nossos Amiguinhos de Outras Terras* — 2ª ed. S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

Holanda, Canadá, países nórdicos, Arizona, Novo México, Ilhas dos Mares do Sul, México, Sião, Lapônia, China, Polo Norte.

SPYRI, Johanna — *Heidi* — P. Alegre — Liv. Globo.

SPYRI, Johanna — *Heidi nos Alpes* — P. Alegre — Liv. Globo.

SCHADEN, Egon e Mussolini, Gioconda — *Povos e Trajes da America Latina* — Ilust. Belmonte — S. Paulo — Ed. Melhoramentos, s. d. — 69 p.

Pequenos históricos:

HISTÓRIA e Origem das Coisas — Edições Especiais de "O Tico-Tico" — publi. de "O Malho" — Rio — 1959 — 26 pág. ilust.

NEURATH, Marie e Lauwery, J. A. — *Como Viveram os Primeiros Homens* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

PETERSHAM, Maud e Petersam, Miska — *A História da Alienação* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

PETERSHAM, Maud e Petersham, Miska — *História do Carvão* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos, 31 p.

PETERSHAM, Maud e Petersham, Miska — *A História do Ferro e do Aço* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos, 32 p.

PETERSHAM, Maud e Petersham, Miska — *A História do Ouro* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos, 31 p.

PETERSHAM, Maud e Peterham, Miska — *A História do Petróleo* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

Hábitos, atitudes, sentimentos

- BURNET, Frances H. — *O Pequeno Lord* — 2ª edição — S. Paulo — Cia. Melhoramentos — 170 p. (Bondade, justiça).
CORREIA, Viriato — *Cazuza* — 10ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1960 — 188 pág. — ilustrado.
STOWE, H. Beecher — *A Cabana do Pai Tomás* — 6ª edição — adapt. de Alfredo Gomes — São Paulo — Companhia Melhoramentos — 116 p. (O drama da escravidão).
WILDE, Oscar — *O Príncipe Feliz* — 2ª ed. — S. Paulo — Ed. do Brasil — 38 p. — ilust. (Bondade).

Conhecimentos de puericultura

- RINALDI, Guiomar da Rocha — *A Mamãezinha* (Pequenas Lições de Puericultura) — 3ª ed. — S. Paulo — Cia. Melhoramentos, 1945.

LIVROS DE LEITURA GRADUADA

- ALVARENGA, Lucia — *Seleção para o Curso de Admissão* — Cia. Trechos de Autores Brasileiros — 34ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 172 p.
Antologia: trechos de prosa e poesia de nossos maiores autores: civismo (O Meu País de Hermes Fontes, Ladainha, Caçador de Esmeraldas, Anchieta etc.), paisagens (Nordeste, O Amazonas, Paisagem de Minas etc.), altruísmo (Os Olhos da Serpente sobre os habitantes às margens do Amazonas) e inúmeras outras páginas de cunho formador.
ALVES, Ciro — *Ler e Aprender* — 3º ano — S. Paulo — Ed. do Brasil S.A. 1952 — (Col. Did. Nac.).
(ver esse mesmo livro pág. 473).
Exercício da Ciência (sobre Osvaldo Cruz) págs. 192 e 193; O Jornalismo (exemplo de Alcindo Guanabara) págs. 72 a 74; O Juazeiro (poesia de Gustavo Barroso) págs. 68 e 69; O Mapa do Brasil, I e II (trabalho dos engenheiros militares) págs. 75 a 82; O Testamento de Caxias — págs. 90 e 91; Como um nobre se vinga (perdoando) págs. 18 a 21; Duas Lições (persistência) págs. 42 e 43; A Pena de Ouro (as coisas valem pela utilidade) págs. 53 e 54; A boca (meios de se comunicar) págs. 106 a 109; História do Açúcar — págs. 84 a 86; História do Arroz — págs. 181 a 183.

- BILAC, Olavo e Bomfim, M. — *Através do Brasil* — 4ª ed. rev. — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves, 1958 — 314 p.
BRAGA, Erasmo — *Leitura IV*, para o 4º ano escolar — 97ª Ed. — São Paulo — Ed. Melhoramentos — 1951 — 173 pág.

Antologia de páginas nacionais: ressalta o amor à Terra, aos livros e à imprensa.

- FONTES, Ophelia e Narbal — *Pindorama* — Leitura para os alunos dos cursos primário e ginásial — 9ª ed. — Rio — Liv. Francisco Alves, 1942 — 251 p. (grafia antiga).

Cenas da vida em família, da vida na escola, impressões de viagem e da rua, lendas, costumes brasileiros, animais e plantas brasileiras, motivos históricos, geográficos etc. Livro muito interessante e educativo.

- LIMA, Hildebrando de — *Nosso Brasil* — para o 5º ano primário — 6ª ed. — S. Paulo — Ed. Nacional — 1944.

Antologia de autores nacionais referente a brasilidade e civismo. Apresenta obras de um poeta e de um prosador de cada estado brasileiro.

- MORAIS, João Barbosa de — *Para Você* — Rio — Ed. A Noite.

Livro rico em informações sobre a cidade do Rio de Janeiro. O Jornal — págs. 56 a 59, Grandes Jornalistas — págs. 61 a 63; Os Pequenos Jornaleiros — págs. 65 a 67; O Pingüim — págs. 69 a 71; Um Garoto Honrado (poesia) — págs. 77 a 81; A Visita do Médico (vacinação) — págs. 209 e 210; O Valor da Vacinação — págs. 211 a 213; A Vacinação — págs. 215 a 217; O Mata Mosquitos; O Flagelo da Febre Amarela, Osvaldo Cruz, A Transformação — págs. 236 a 249.

- RIALVA, Rita Amil — *Na Fazenda de Santa Margarida* — 5º ano — 6ª edição — Rio — Liv. Francisco Alves — 1954.
Adequado de modo especial à zona agrícola.

SANTOS, Theobaldo Miranda — *Contos Cívicos do Brasil* — São Paulo — Ed. Nacional.
(ver esse mesmo livro à pág. 470).

As realizações de Mauá — págs. 172 a 175; As Lutas de Osvaldo Cruz — págs. 176 a 178; A Promessa de Frontin — págs. 179 a 181; A voz de Rui Barbosa — págs. 182 a 184; As Vitórias de Rio Branco — págs. 185 a 187 etc.

II. LIVROS COM INFORMAÇÕES PARA O PROFESSOR (1)

LIVROS COM INFORMAÇÕES PARA O PROFESSOR (1)

Publicações diversas com informações sobre o Brasil e o Mundo

ANUARIO Estatístico do Brasil — 1960 (publicação do Conselho Nacional de Estatística, IBGE).

CONSTITUIÇÃO dos Estados Unidos do Brasil, 1946.

DESENVOLVIMENTO e Conjuntura — revista da Confederação Nacional da Indústria.

Publicação "Brasil Constrói" — Ministério da Viação.

Publicações da Comissão do Vale de S. Francisco.

Publicações da Companhia Hidrelétrica de São Francisco.

Publicações da Companhia Siderúrgica Nacional.

Publicações da Companhia do Vale do Rio Doce.

Publicações do Departamento Nacional do Café.

Publicações da Esso Brasileira de Petróleo.

Publicações da Organização das Nações Unidas.

Publicações da Petrobrás.

REVISTA Visão.

etc.

Agricultura e problemas relacionados

"A.B.C. do Lavrador Prático", Série; "Agricultura e Pecuária", Série; "Criação e Lavoura", — Série — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

CALDEIRA, Clóvis — "Mutirão" — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1956 (Coleção "Brasiliana").

(Sobre o mesmo assunto há ainda o livro de Galvão, Hélio — "O Mutirão no NE do Serviço de Informação Rural do Ministério da Agricultura).

(1) Consultar ainda a relação de livros consultados, ao final desse volume.

MINISTÉRIO da Agricultura — Rio — Clubes Agrícolas — Série — Didática — Coleção; Informação Agrícola — Série; produtos Rurais — Série.

(Consultar a lista de publicações pois, freqüentemente, são editados novos livros. Os livros esgotados são encontrados na biblioteca desse Ministério).

REVISTA Esso Agrícola — Rio — Esso Petróleo do Brasil S.A.

Higiene:

MINISTÉRIO de Educação e Cultura, Campanha Nacional de Adultos — Rio de Janeiro — "Educação Popular" — Série (folhetos distribuídos pelo Serviço de Informação Rural do Ministério da Agricultura).

MINISTÉRIO da Saúde — publicações do Serviço Nacional de Endemias Rurais (S.N.E.R.); do Departamento Nacional da Criança (D.N.C.); do Serviço Nacional de Educação Sanitária (S.N.S.); do Serviço Especial de Saúde Pública (S.E.S.P.); do Serviço Nacional de Saúde Pública (S.N.S.P.); do Serviço de Alimentação e Previdência Social (S.A.P.S.).

História do Brasil *

BRITTO, Lemos — *Pontos de Partida para a História Econômica do Brasil* — 2ª ed. — São Paulo, Ed. Nacional, 1939 (Col. Brasileira ser. 5 — v. 155).

A História do Brasil em sua evolução econômica. Livro altamente elucidativo e de leitura agradável.

CALMON, Pedro — *Espírito da Sociedade Colonial* (História Social do Brasil) São Paulo, Ed. Nacional (Col. Brasileira ser. 5 BPB V. 4).

CABRAL, Luiz Gonzaga Pe. — *Jesuítas do Brasil* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — 1925.

CORREIA, Viriato — *História da Liberdade no Brasil* — 1ª ed. — Rio — Ed. Civilização Brasileira — 1962.

DIEGUES Junior, M. — *Regiões Culturais do Brasil* — Rio — C.B.P.E. — M.E.C. — 1960 p. — ilustr. (Série 6ª: Soc. e Ed. v. 2).

(*) Foram incluídos nesta bibliografia livros das primeiras séries do Curso Médio tendo em vista a maior facilidade de sua obtenção.

GOULART, José Alípio — *Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil* — Rio de Janeiro — Ed. Conquista s/d — 267 p. (Col. Temas Brasileiros).

FRANCO, A. A. de Mello — *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil* — 1ª ed. — Rio — Serv. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — M.E.S. — 1944 — 133 p.

RIBEIRO, Darcy — *O Indigenista Rondon* — Rio de Janeiro — M.E.C. — Serviço de Documentação, 1959.

RIBEIRO, João — *História do Brasil* — curso superior, 16ª ed., rev. e compl. por Joaquim Ribeiro — Rio de Janeiro — Liv. São José — 1957 — 475 págs.

RIBEIRO, Joaquim — *Folklore dos Bandeirantes* — Rio — Liv. José Olympio — 1946 — 212 p. (Col. Doc. Bras., 53).

ROCHA, Pombo — *História do Brasil* — 8ª ed. rev. e aum. por Helio Vianna — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

SIMONSEN, Roberto — *História Econômica do Brasil* — 2ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1944. (Col. Brasileira — ser. 5 — v. 100 e 110A).

A História Econômica do Brasil no 1º século A evolução econômica.

TAVARES, L. H. Dias — *História da Bahia* — Rio de Janeiro — Liv. Civ. Brasileira — 1959 — 100 p.

VIANNA, Hélio — *História do Brasil Colonial*; para o 2º ano colegial — São Paulo — Ed. Nacional — 1952 — 161 págs.

Do descobrimento ao Brasil sede da monarquia portuguesa. Mapas interessantes relativos às primeiras cidades brasileiras.

VIANNA, Hélio — *História do Brasil Colonial*; para a 3ª série Ginásial — 2ª ed. — São Paulo, Ed. Nacional — 1950 — 200 p. (Ser. Ginásial e Colegial de Estudos Sociais).

VIANNA, Hélio — *História da República* — *História Diplomática do Brasil* — 2ª ed. — São Paulo — Ed. Melhoramentos 285 págs.

Geografia do Brasil *

ABREU, Sílvio Fróis de — *O Distrito Federal e suas Riquezas Naturais* — Rio de Janeiro — IBGE, Conselho Nacional de Geografia — 1957, — 301 pág.

(refere-se ao antigo D. Federal, hoje Estado da Guanabara)

(*) Foram incluídos nesta bibliografia livros das primeiras séries do Curso Médio tendo em vista a maior facilidade de sua obtenção.

ATLAS do Brasil — Rio — Conselho Nacional de Geografia — 1960 — 605 p.

Além dos mapas há textos explicativos.

AZEVEDO, Aroldo — *Geografia do Brasil*; terceira série ginásial — 41ª ed. rev. — São Paulo, Editora Nacional — 1953. (B.P.B., 2 ser. v. 139).

O espaço brasileiro — págs. 13 a 81; O homem — págs. 83 a 140; A Economia — págs. 141 a 233.

AZEVEDO, Aroldo — *Geografia Humana do Brasil* de acôrdo com o programa do Terceiro Ano do Curso Colegial — 5ª ed. São Paulo, Ed. Nacional — 1953.

A importância da Geografia e os métodos geográficos — págs. 25 a 34; As bases físicas — págs. 31 a 74; os fatores humanos — págs. 77 a 172; os fatores econômicos — págs. 175 a 227; a industrialização; os transportes.

AZEVEDO, Aroldo — *Regiões e Paisagens do Brasil* — São Paulo — Ed. Nacional — 1952. (Col. Brasileira, ser. 5 — BPB — v. 274).

Vale do Itaipuru e São Luiz do Maranhão — págs. 11 a 63; A região do Juazeiro e Petrolina — págs. 67 a 91; Contrastes da paisagem nordestina — págs. 92 a 102; No Recôncavo da Bahia — págs. 105 a 127; A cidade do Salvador — pág. 128 a 137; S. Paulo e seus subúrbios — págs. 138 a 224.

CRULS, Gastão — *A Amazônia que eu vi* — S. Paulo, Ed. Nacional. (Col. Brasileira, ser. 5 B.P.B. v. 113).

DELGADO de Carvalho, C.M — *Geografia Física e Humana do Brasil*; para a 3ª série ginásial — São Paulo — Ed. Nacional — 1949 — 256 p. (Ser. Ginásial e Colegial de Ciências Sociais).

O espaço brasileiro; A população brasileira; Organização Política e administrativa; O Sistema da Viação; a Produção Agrícola; A Indústria e o Comércio.

DELGADO de Carvalho, C. M. — *Geografia Regional do Brasil*; para a 4ª série ginásial — 7ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1948 — 249 págs. (Ser. Ginásial e Colegial de Ciências Sociais).

Conceito de região natural; as regiões naturais do Brasil.

DOCUMENTÁRIO da Vida Rural — (série) Rio de Janeiro — Ministério da Agricultura — Serviço de Informação Agrícola (livros numa média de 80 p. — muitos estão esgotados: O Engenho de Açúcar no Nordeste; Fazenda de Café em S. Paulo; Fazendas de Gado no Vale do S. Francisco; A estância gaúcha; o Seringal e o Seringueiro na Amazônia; O Vale do Itajaí; Fazenda de Cacau na Bahia etc.).

MIRANDA, A. A. — *O Rio São Francisco* — 2ª ed. — São Paulo, Ed. Nacional — 1949 — 149 p. ilustr. (Col. Brasileira, ser. 5, B.P.B. V. 62).

MUSSO, José de Matos — *Os Ciclos Econômicos no Brasil* — Rio de Janeiro — IBGE, Conselho Nacional de Geografia — 20. Ed.

SANTOS, Milton — *Zona do Cacau* — 2ª ed. — S. Paulo — Ed. Nacional — (Col. Brasileira — B.P.B. — ser. 5 — v. 296).

Cidades brasileiras

(ver ainda ilustrações à pág. 492).

GUIAS turísticos

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (I.B.G.E.), Rio de Janeiro — Coleção de monografias (todas as capitais e muitas outras cidades — folhetos grátis).

LISTAS telefônicas (informações turísticas).

PUBLICAÇÕES das várias prefeituras e de museus locais.

REVISTA "Brasil Constrói" — Ministério de Viação e Obras Públicas (anual).

REVISTA *Esso* — Cia. Esso Brasileira de Petróleo.

Revista *Shell* — Shell Brazil Limited.

REVISTA *Touring do Brasil*.

TERRAS Brasileiras — Série — Rio de Janeiro — Shell Brazil Limited (Salvador, Brasília, S. Paulo, Belo Horizonte e cidades coloniais de Minas).

VIAGENS Através do Brasil — série — São Paulo — Cia. Melhoramentos.

Cidades distribuídas pelos Estados Federais:

Bahia:

AB' SABER, Aziz Nacib e outros — *Cidade do Salvador; aspectos geográficos, históricos, sociais e antropológicos* — Salvador — Impr. Of. — 1960. (Col. Estudos Baianos, 1).

AMADO, Jorge — *Bahia de Todos os Santos; Guia das Ruas e dos Mistérios da Cidade de Salvador* — Ilust. de Manuel Martins — São Paulo, — Liv. Martins.

BAHIA, Prefeitura Municipal — *Roteiro Turístico da Cidade do Salvador* — Salvador — 1952.

QUIRINO, Manuel — *Bahia de Outrora* — Salvador — Ed. Progresso — 1955.

TAVARES, Odorico — *Bahia — Imagens da Terra e do Povo* — 3ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. Civilização Brasileira — 1961.

Ceará:

SOUZA, José Bonifácio — *Quixadá de Fazenda a Cidade* — Rio de Janeiro — IBGE, Conselho Nacional de Estatística — 1960.

D. Federal:

BRASÍLIA, — Revista — Rio — publ. da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (sede: Brasília; escritório no Rio: Av. Almirante Barroso, 54 — 18º andar).

BRASIL Constrói — Revista — Rio — Ministério de Viação e Obras Públicas (Serviço de Documentação — Nº de 1960).

MARTINS, J. B. e outros — *Brasília, a Nova Capital do Brasil* — S. Paulo — Ed. Cacique

Estado da Guanabara:

BRASIL, Gerson — *História das Ruas da Cidade do Rio de Janeiro* — Rio — Ed. Souza.

CIDADE do Rio de Janeiro — Coleção — Rio — Secretaria Geral de Educação e Cultura do Estado da Guanabara.

COARACY, Vivaldo — *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio (Col. Documentos Brasileiros).

COSTA, Nelson — *Rio de Ontem e de Hoje* — Rio de Janeiro — Prefeitura do Distrito Federal — (Coleção Estácio de Sá). 1959

CRULS, Gastão — *Aparências do Rio de Janeiro* — 2ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio Ed. — 2 v. (Coleção Documentos Brasileiros).

DELGADO de Carvalho. — C.M. — *História da Cidade do Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro — Liv. Francisco Alves — 1926.

DUNLOP, C. — *O Rio de Janeiro Antigo* — Rio — Liv. Laemmert — 3 v.

EDMUNDO, Luis — *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis* — Rio de Janeiro — Edições do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 1932.

MORAIS, João Barbosa de — *Para Vocês; leituras sobre a cidade do Rio em nível de admissão* — Rio de Janeiro — Ed. A Noite.

TAUNAY, Afonso de E. — *No Rio de Janeiro de D. Pedro II* — Rio de Janeiro — Liv. Agir Ed. — 1927.

Minas Gerais:

ALMEIDA, Lúcia Machado de — *Passeio a Sabará* — 2ª ed. — São Paulo — Liv. Martins Ed. — 1957.

BANDEIRA, Manuel — *Guia de Ouro Preto* — 3ª ed. rev. e atual. — São Paulo — Graf. Carioca S.A. — 1957.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira — *Nas Paragens do Aleijadinho* — guia das Minas Gerais — S. Paulo — Cia Melhoramentos — S. Paulo —

FRENDENFELD, R. A. — *Isto é Minas Colonial* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

FRENDENFELD, R. A. — *O Aleijadinho* — São Paulo — Cia. Melhoramentos (série "Conheça o Brasil").

GOIS, Carlos — *Histórias da Terra Mineira; fatos e homens da história mineira* — Rio — Liv. Laemmert

GUIA de Belo Horizonte e Cidades Históricas — Rio de Janeiro, editado pelo Touring Club do Brasil.

MACHADO FILHO, Aires da Mata — *Arraial do Tijuco; Cidade de Diamantina* — 2ª ed. melh. — S. Paulo — Livraria Martins Editora — 307 págs.

MALTIEIRA, Jorge — *Ouro Preto, Relicário do Brasil* — Rio — Graf. Olímpica Ed. — 1961 — 170 p.

PUBLICAÇÕES mimeografadas do PABAE (Sabará, Ouro Preto, Belo Horizonte etc.).

UNIVERSIDADE de Minas Gerais — *Primeiro Seminário de Estudos dos Mineiros* — Belo Horizonte — 1957.

VASCONCELOS, Sílvio — *Vila Rica* — Rio de Janeiro — Biblioteca de Divulgação Cultural — Instituto Nacional do Livro.

Pará:

OLIVEIRA, José Coutinho de — *Folclore Amazônico; Belém — Pará* — Rio de Janeiro — Ed. São José — 1951.

Paraná:

LINHARES, Temístocles — *Paraná Vivo* — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio Ed. — 1953. (Coleção Documentos Brasileiros, 78).

Pernambuco: *

CASTRO, Josué — *A cidade do Recife; ensaio de geografia urbana* — Rio de Janeiro — Edição da Casa do Estudante do Brasil.

FREYRE, Gilberto — *Olinda — Segundo Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio Ed. — 1960 (Col. Documentos Brasileiros).

FREYRE, Gilberto — *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* — 2ª ed. — Rio de Janeiro — José Olympio Ed. — 1960. (Col. Documentos Brasileiros).

Rio de Janeiro:

RAPOSO, Ignácio — *História de Vassouras* — Vassouras — Função 1º de maio — 1935.

Rio Grande do Sul **

CRISÓLIA, A. — *Resumo Histórico das Reduções Jesuíticas* — Porto Alegre — Ed. Globo.

DOCCA, E. R. de Souza — *História do Rio Grande do Sul* — Rio de Janeiro — Ed. da Organização Simões — 1954.

SPALDING, W. — *Porto Alegre* — S. Paulo — Habitat Ed. Ltda. (editado sob os auspícios da Pref. Municipal de Porto Alegre)

(*) Usos e costumes — Livros de Mário Sette, Gilberto Freyre, Câmara Cascudo etc.

(**) Sobre História, Folclore etc. — Livros da Província do Rio Grande do Sul.

VERÍSSIMO, Érico — *Lembrança da Leal e Valerosa Cidade de Pôrto Alegre* — 2ª ed. — Pôrto Alegre — Ed. Globo.

BARROS FERREIRA — *Meio Século de S. Paulo* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

BRUNO, Ernani da Silva — *Tradições da Cidade de S. Paulo* — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio Ed. — 3 v. (Col. Documentos Brasileiros).

MICHALANY, Douglas — *São Paulo no Limiar do Seu 5º Século* — Ed. Graf. Michalany, — 1955.

MOURA, Paulo Cursino de — *São Paulo de Outrora; Evocação da Metrópole* — 2ª ed. — S. Paulo — Liv. Martins Ed. — 1953 — 263 p. — ilust.

TAUNAY, Afonso de E. — *Velho São Paulo*; S. Paulo — Ed. Melhoramentos — 3 vol.

Ilustrações representando cidades brasileiras

BRASIL (fotografias) — Pref. de André Maurois — Rio de Janeiro — Liv. Agir Ed.

Vistas atuais de cidades brasileiras: Rio, cidades do Estado do Rio, Vitória, S. Paulo, Florianópolis, Pôrto Alegre, Itatiaia, cidades mineiras, Salvador etc. e, ainda, aspectos humanos, embarcações características, plantas nativas, riquezas agrícolas etc.

BRASIL Paisagens e Costumes — S. Paulo — Cia. Melhoramentos

BRASILIA — ver livros e revistas indicados à pág. 488.

CARO, Herbert — *Isto é o Rio Grande do Sul* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

DEBRET: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* — S. Paulo — Liv. Martins Editora (as célebres aquarelas de Debret).

Nota: A Livraria Kosmos publicou em 1960 e em 1961 cartões de Natal e calendários utilizando muitas dessas aquarelas.

FALCÃO, Edgard Cerqueira de — *Isto é Bahia* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

FRENDENFELD, R. A. — *O Aleijadinho* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos, 79 p. (Série Conheça o Brasil, 5).

Nota: As fotografias são antecedidas por ampla explicação.

FRENDENFELD, R. A. — *Isto é Minas Colonial* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

KARFELD, Kurt Peter — *Rio de Janeiro* — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

RIBEYROLLES, Charles — *Brasil Pitoresco* — S. Paulo — Liv. Martins — 2 v. (Biblioteca Histórica Brasileira).

O RIO de Janeiro — Rio de Janeiro — Liv. Agir Ed.

O VELHO Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender — S. Paulo — Cia. Melhoramentos.

RUGENDAS, João Maurício — *Viagem Pitoresca Através do Brasil* Brasil no início do sec. XIX — 5ª ed. — S. Paulo, Liv. Martins Ed., 1954 — 2 v. (Biblioteca Histórica Brasileira).

Paisagens: Rio, Barbacena, Vila Rica, S. João d'El Rei, Salvador, Olinda e Recife. Os elementos formadores de nossa nacionalidade. Usos e costumes antigos.

SÃO PAULO Antigo e São Paulo Moderno — Album comparativo — S. Paulo — Cia. Melhoramentos — 1953.

HISTÓRICOS SOBRE HABITAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, VESTUÁRIO E TRANSPORTES NO BRASIL. OS USOS E COSTUMES COLONIAIS. ELEMENTOS FORMADORES DO POVO BRASILEIRO.

CALMON, Pedro — *História Social do Brasil* — 1º tomo — 4ª edição São Paulo, Ed. Nacional — (Col. Brasileira, 40).

Habitação: A casa senhorial — pág. 21 e 22 — cap. II; O esplendor rural e a simplicidade da casa citadina — pág. 34; A torre e o sobrado — pág. 46 a 50; O interior das casas — pág. 59 e 60.

DEBRET, Jean Baptiste — *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* — 3ª ed. — São Paulo, Livraria Martins — 1954 — 2 v. (Biblioteca Histórica Brasileira).

Nota: Cada desenho de Debret vem acompanhado de texto explicativo. Livro rico em informações a respeito dos elementos formadores de nossa nacionalidade e ainda sobre habitação, alimentação, vestuário, transportes e usos e costumes no Brasil, na primeira metade do século XIX. Restrição: Contém interpretações errôneas do autor a respeito de fatos e vultos históricos.

FREYRE, Gilberto — *Sobrados e Mucambos* — 2ª ed. — Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio — 1951 — 3 v. (Col. Documentos Brasileiros).

Ver o índice remissivo no 3º volume.

MELLO, Morais Filho — *Festas e Tradições Populares do Brasil* — 3ª edição — Rio — Cia. Ed. Brigueit — 1946 — 551 págs.

RUGENDAS, João Mauricio — *Viagem Pitoresca Através do Brasil* — São Paulo — Liv. Martins Ed. (Biblioteca Histórica Brasileira).

Cada desenho de Rugendas vem acompanhado de trecho explicativo. Contém informações a respeito dos elementos formadores de nossa nacionalidade, da habitação, alimentação, vestuário, transportes e usos e costumes na primeira metade do século XIX. Há interpretações errôneas a respeito de fatos e vultos históricos.

Relativo apenas aos indígenas:

REVISTA do Ensino — Pôrto Alegre — Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Indígenas — nº 58).

LIMA Figueiredo — *Índios do Brasil* — São Paulo — Editora Nacional 1913.

Trata separadamente de diversas tribos de indígenas brasileiros. Há um resumo de história de Hans Staden — págs. 283 a 286.

Museus

HOLLANDA, Guy — *Recursos Didáticos dos Museus Brasileiros* — Rio — M.E.C. — Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — 1959.

Técnicas de trabalho

AUDIO-VISUAL em Revista — publicação bimestral do Serviço de Comunicação da Missão de Cooperação Técnica (Ponto IV).

PEIXOTO, Maria Onolita — *Habilidades de Estudos Sociais* — Belo Horizonte — Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar — (PABAEE) — 1959.

PEIXOTO, Maria Onolita — *Trabalho em Grupo* — Belo Horizonte — Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAEE), — 1959.

RIOS, Arthur — *A Educação dos Grupos* — Rio, Ed. do Serviço Nacional de Educação Sanitária — 1957 — 312 pág.

SECRETARIA Geral de Educação e Cultura do R. G. do Sul — *Revista do Ensino* — Pôrto Alegre — (assuntos relativos à Escola Primária).

Exercícios de fixação e avaliação:

BEFORE We Read — Chicago — The New Basic Readers — Curriculum Foundations Series — Scott, Foresman and Company 1º ano — 1960

CABRAL, Eddy Flores — *Nossos Exercícios — Estudos Sociais*; 1º ano — Pôrto Alegre — Livraria Tabajara — 1957.

GASTAL, Maria de Lourdes — *Estudos Sociais e Naturais*; 1º ano primário — Pôrto Alegre, Ed. Globo, 1953.

GASTAL, Maria de Lourdes — *Estudos Sociais e Naturais*; 2º ano primário — 5ª edição — Pôrto Alegre, Ed. Globo.

THE NEW Before We Read — Chicago — The New Basic Readers Curriculum Foundations Series — Scott, Foresman and Company — 1960 (1º ano).

VERSIANI, Maria Zenóbia Rabelo — *Meus trabalhos e Descobertas em Ciências Naturais*, 3ª série primária — Minas Gerais — 1961 (3º e 4º anos).

WE READ More Pictures — Chicago — The New Basic Readers — Curriculum Foundation Series — Scott, Foresman and Company — 1960 (1º ano).

Assuntos variados

ENCICLOPÉDIA, de *Conhecimentos Práticos* — Pôrto Alegre — Edit. Globo 1958 — 483 p. — ilustr. — 2 v.

(Adequado de um modo especial à zona rural. Contém informações sobre o valor dos alimentos, sobre agricultura, decoração, trabalhos manuais etc.).

Atividades Artísticas: Música e Dança

ALMEIDA, Renato — *Tablado Folclórico* — São Paulo — Ricordi Brasileira — 1961 — 176 p.

- ARRUDA, Yolanda de Quadros — Cantos Infantis — Irmãos Vitale Editôra — 139 p.
- CAIMI, Dorival — Cancioneiro da Bahia — 3ª ed. — São Paulo — Liv. Martins.
Canções do mar e do folclore.
- CASTRO, Zaide Maciel de — Jogos e Rondas Infantis — S.E.S.I. — Rio de Janeiro — Org. Tec. de Educação Física Ltda — 1960 — 55 p. — ilust.
Danças folclóricas do Rio Grande do Norte, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Pará.
- DANZEY, Sarah Margaret — Canta, Mamãe! — Irmãos Vitale Editôra — s/d — 64 p.
- GARDE, Mário — Natal — Antologia Natalina — São Paulo — Cia. Ed. Paulinas — 1959 — 320 p.
- LOZANO, Fabiano R. — Cantos e Recreações Infantis — Cia. Melhoramentos — São Paulo — 46 p.
Músicas infantis para as primeiras séries.
- MINISTÉRIO da Educação — Música para a Escola Elementar — 2ª ed. — Rio — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — 1955.
- MINISTÉRIO da Educação — Música para a Escola Elementar — 3ª ed. (ampliada) — Rio — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — 1962.
- NOVAIS, Iris Costa e outras — Vamos Brincar de Roda? — Imprensa Nacional — Rio — 1946 — 129 p.
Brinquedos cantados, músicas folclóricas e outras infantis.
- PAIXÃO, Cortes e Barbosa Lessa — Manual de Danças Gaúchas (com suplemento musical e ilustrativo) — 2ª ed. — Rio de Janeiro — Irmãos Vitale — 1961.
- REZENDE, Angélica — Coretos de Nossa Terra — Belo Horizonte — Carneiro e Cia. Ed. (Coleção "Nossas Avós Cantavam").
Músicas folclóricas mineiras.
- RIBEIRO, Dora Pinto da Costa — Brinquedos Cantados — Rio de Janeiro — 2 vol. — Escola Nacional de Educação Física e Desportos — Universidade do Brasil — 27 — 1º volume — 149 p.; 2º volume — 119 p.
- SECRETARIA Geral de Educação e Cultura — Setor de Biblioteca e Auditórios, do Serviço de Educação Física, Recreação e Jogos e do Serviço de Educação Musical e Artística — Estado da Guanabara .

VAZ, Yara — Danças Folclóricas (de todos para todos) — Rio — 1956 104 p.

Descrição de músicas e danças folclóricas de vários países.

Outros Recursos Auxiliares

No sentido de dar nossa colaboração ao professor, apontamos órgãos que dispõem de fotografias, diapositivos, diafilmes e filmes, assim como pequena relação de filmes adequados aos Estudos Sociais.

Essas indicações serão certamente enriquecidas pelo próprio professor.

— Aquisição de cartões-postais, fotografias, diapositivos I e diafilmes:

C.N.G. — Conselho Nacional de Geografia — (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) — Rio; Av. Beira-Mar, 436.

I.N.C.E. — Instituto Nacional de Cinema Educativo — Ministério de Educação e Cultura — Rio: Praça da República, 141A.

Nota: As escolas poderão requerer cópias dos diafilmes produzidos pelo I.N.C.E., mediante troca por filme-virgem, ou solitá-los por empréstimo.

Museu do Índio — Ministério da Agricultura — Rio: Av. Mata Machado s.n. — (fotografias principalmente).

Papelarias (*) e casas comerciais especializadas em artigos fotográficos.

Ravil, Comércio e Indústria de Material Escolar Ltda. — Rio: Rua Ibituruna, 11 B.

II — Filmotecas culturais e órgãos especializados em recursos audiovisuais de aprendizagem que atendem às escolas primárias.

a — Órgãos ligados ao Governo Federal:

Centros Audio-Visuais do Departamento Nacional de Educação — Ministério de Educação e Cultura — P. Alegre: Av. Independência, 899; Curitiba: Rua Treze de Maio, 1158, Vitória: Rua Presidente Avidos, 514 — 8º andar.

I.N.C.E. — Instituto Nacional de Cinema Educativo — Ministério de Educação e Cultura — Rio: Praça da República, 141A.

Nota: Essa instituição faz empréstimos a instituições escolares de todo o país, devendo a direção das escolas situadas fora do Estado da Guanabara designar uma pessoa que se responsabilizará pelo transporte.

(*) Há, por exemplo, diafilmes sobre alguns aspectos do Brasil na Livraria Evangélica — Rio: Rua da Constituição, 14; cidade de S. Paulo: Rua da Liberdade, 655, e na cidade de Campinas.

S.A.V. — Seção de Audio-Visuais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — Ministério de Educação e Cultura — Rio: Rua Voluntários da Pátria, 107.

Nota: Esse serviço tem filmes produzidos pela Enciclopédia Britânica adequados de modo especial ao 6º ano.
Serviço de Recursos Audio-Visuais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de S. Paulo — Ministério de Educação e Cultura — S. Paulo: Cidade Universitária.

S.E.S.P. — Serviço Especial de Saúde Pública — Ministério da Saúde — Rio: Rua Coelho e Castro, 81.

Nota: Alguns dos filmes produzidos pelo S.E.S.P. são encontrados em outras instituições como, por exemplo, no I.N.C.E.

b — Órgãos subordinados às diversas Secretarias de Educação Estaduais:
Várias das Secretarias de Educação têm órgãos especializados em cinema educativo e recursos audio-visuais em geral. Assim, por exemplo, no Estado da Guanabara,

S.C.E. — Setor de Cinema Escolar e o S.A.V.A. — Setor de Audio-Visuais na Aprendizagem — Secretaria de Educação do Estado da Guanabara — Rio: Rua Erasmo Braga, 118 — 10º andar, em São Paulo:

Filmoteca Educativa do Serviço de Expansão Cultural do Departamento de Educação de São Paulo — São Paulo: Praça da Sé, 108 — 3º andar.

c — Embaixadas e órgãos culturais de países estrangeiros:
Conselho Britânico — Rio: Av. Portugal, 360
Embaixada do Canadá — Rio: Av. Presidente Wilson, 165 — 7º andar.

Embaixada do Japão — Rio: Rua das Laranjeiras, 210
Legação da União Sul-Africana — Rio: Rua Barão do Flamengo, 22 — apto. 902.

Serviço Holandês de Informações — Rio: Av. Beira-Mar, 216.
Serviço Oficial de Turismo da França — Maison de France — Rio: Av. Antônio Carlos.

U. S. I. S. — United States Information Service — Embaixada dos Estados Unidos da América do Norte — Rio: Av. Presidente Wilson, 147. Em Brasília: Super Quadra 16 — lojas 10 e 11; nas demais capitais estaduais, procurar a Embaixada, o Consulado Americano, ou os agentes encarregados (Florianópolis: Eurico Hosterno — Rua Trajano, 12 — salas 10 e 11; Fortaleza: Mário F. Abreu — Rua Senador Pompeu, 1437 — sala 1; Goiânia — Praça da Bandeira, 55 — 2º andar — sala 19; Manaus: Edson

Rosas — Rua Joaquim Sarmiento, 22 — sala 22; Natal: Genival B. Lima — Edifício Leite — 1º andar — sala 5).

Nota: — Às quinta-feiras há, no auditório da Embaixada, no Rio de Janeiro, sessões gratuitas que poderão interessar ao professor.

d — Órgãos culturais de instituições privadas:

Filmoteca Cultural da Shell Brazil Limited — Rio: Av. Rio Branco, 109 — 13º andar; São Paulo: Rua Conselheiro Nébias 14 — 6º andar; Pôrto Alegre: Rua Uruguai, 155 — 7º andar; Recife: Rua Imperador D. Pedro II, 207 — 2º andar.

Filmoteca da Esso Brasileira de Petróleo S.A. — Rio: Av. Pres. Wilson, 118 — sala 401.

III — SUGESTÕES DE MATERIAL AUDIO-VISUAL

Diafilmes

2º ANO:

Água Amiga I e II — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) (*)
(El) Reloj — Prod. da UNESCO (*) (importância da pontualidade).

3º ANO:

(Los Animales Aquáticos — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) (*)
(O) Indígena — Série — "História do Brasil" — prod. pelo INCE (há cenas inadequadas ao nível de compreensão da criança de curso elementar) — INCE, SAV etc.

3º, 4º e 5º ANOS:

Agricultura — ver catálogo do I.N.C.E.
(La) Conservation del Suelo y del Agua — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) (*).

(*) Foi distribuído pela Seção de Audio-Visuais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, aos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais do I.N.E.P. (Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Pôrto Alegre), às Inspetorias Regionais da Diretoria do Ensino Secundário (MEC), às Secretarias de Educação dos Estados, e às escolas normais que dispõem de projetor fixo.

No I.N.C.E. há inúmeros diafilmes catalogados sob o título "Nações Unidas" e outros da série "Direitos do Homem" adequados ao 5.º e 6.º anos escolares.

Influencia del Agua em la Natureza — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) (*) colorido: paisagens diferentes de acôrdo com a existência ou carência de água, transportes marítimos etc.

(Los Vegetales y el Medio — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) — colorido: a importância da vegetação para a conservação da água, do solo e para a regularização dos ventos; os melhores terrenos para cultivo; a melhoria do solo pelo homem e outros afetos de modo particular às Ciências Naturais, como La Huerta, Mejora tu Alimentation, Combate de Plagas en las Hortalizas. (prod. do I.L.C.E.).

4º e 5º ANOS:

(O) Aleijadinho; Obras do Aleijadinho; Ouro Preto etc. — I.N.C.E.

Coffee — A Hulton Press Production — S.A.V. — Conselho Britânico.

História do Brasil — (Série) — Prod. I.N.C.E. — “O Descobrimento do Brasil”; “o Negro”; “a Catequese” etc. — I.N.C.E. — S.A.V.

Indústria — (Série) — (ver catálogo do I.N.C.E.) — I.N.C.E.

Nosso Brasil — prod. do I.N.C.E. — I.N.C.E., S.A.V.

Regiões do Brasil — (Série) — prod. do I.N.C.E. — I.N.C.E., S.A.V.

5º ANO:

Baluartes da Paz (a ONU) — prod. da O.N.U.

Brasil em Desenvolvimento (Série) — prod. I.N.C.E. — S.A.V., I.N.C.E.

(La) Casa de los Pueblos — Una Visita a la Sede de las Naciones Unidas — prod. da O.N.U.

Geografia Econômica — (Série) — prod. do I.N.C.E., S.A.V., etc.

North America — A Hulton Press Production (recursos naturais, economia) — SAV — Cons. Britânico.

(Los) Organismos y el Medio — I e II — prod. do I.L.C.E. (U.N.E.S.C.O.) (*) (I — destruição das reservas naturais; II — normas para proteção dessas reservas).

South America — A Hulton Press Production (recursos naturais, economia) — SAV — Conselho Britânico.

Transporte e Comunicações — ver catálogo do I.N.C.E.

2. Filmes

2º ANO:

(A) Equipe de Baseball das Focas (o valor da atenção), e filmes sobre animais, adequados igualmente às Ciências Naturais — S.C.E. — U.S.I.S.

3º ANO:

Cidade do Rio de Janeiro — I.N.C.E.
Parques da Cidade do Rio de Janeiro — S.C.E.

4º ANO:

Aspectos do Brasil — (colorido) — prod. Esso — Esso, S.A.V.
Assim Falam os Bronzes (História das estátuas do Rio de Janeiro) S.C.E.
Bahia Histórica — S.C.E.
(Os) Bandeirantes — I.N.C.E.
Cidades Brasileiras: Campos do Jordão, Salvador, Caeté, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, São João d'el Rei, Ouro Preto, Santo Amaro da Purificação (Ba) — I.N.C.E.
(O) Descobrimento do Brasil — I.N.C.E.
Desfile dos Quatro Séculos (em comemoração ao 4º Centenário de Salvador: trajés antigos) — I.N.C.E.
(O) Despertar da Redentora — I.N.C.E.
Goiás, Celeiro do Brasil — S.C.E.
(Uma) Igreja Bahiana — S.A.V.
Museu Imperial de Petrópolis — S.C.E.
Xaréu (A pesca) — INCE.

3º, 4º e 5º ANO:

Educação Rural — (Série) — I.N.C.E.
Educação Rural — prod. do S.E.S.P. (Serviço Especial de Saúde Pública) — alguns desses filmes são encontrados em outras instituições como, por exemplo, no I.N.C.E.
Japão — Embaixada do Japão: filmes em geral coloridos e em inglês, sobre bonecas, jardins, quimonos, indústria da seda etc.

4º e 5º ANO:

Brasileiras — I a VI — I.N.C.E.
Castro Alves — I.N.C.E. (a vida do poeta é narrada enquanto aparecem na tela as paisagens em que viveu: sertão da Bahia (Curralinho) Salvador, Recife e S. Paulo antigos.
Dois Garotos e um Avô — Emb. Canadá (colorido — o avô é artesão, trabalha em madeira).
Pedro e o Oleiro — Emb. Canadá (colorido — o espectador acompanha tôdas as fases da fabricação de um jarro).

5º ANO:

Nota: os filmes assinalados com asteriscos são adequados ao 5º ano, embora ainda o sejam mais ao 6º ano de Estudos Sociais.
(O) Abastecimento Municipal de Agua — S.C.E.
(O) Açúcar no Brasil — I.N.C.E.; S.C.E.
* Africa do Sul — filmes da Legação da União Sul Africana — Agricultura e Irrigação — (prod. Enciclopédia Britânica) — S.C.E.
Agua que Geram Progresso (Cachoeira de Paulo Afonso) — S.C.E.
* Alasca; Antilhas, Argentina; Colombia e Venezuela; Visita ao Canadá; Roma, Cidade Eterna etc. — S.C.E.
* Angoti — Emb. Canadá (colorido — história de um esquimó da infância à maturidade).
Arizona e seus recursos naturais — U.S.I.S.
Árvore — S.C.E., U.S.I.S. (conservação das matas; indústria madeireira).
* (Entre os) Bastidores de Um Jornal — Correio da Manhã — I.N.C.E.
Borracha, para a Vitória — I.N.C.E.
(O) Café — I.N.C.E. (histórico da penetração e expansão no Brasil, cultura; processos de beneficiamento; comércio internacional).
Conheça Melhor o Brasil — Série — prod. I. Rozemberg (Aspectos do Vale do S. Francisco: Arroz I e II, Petrolândia etc.).
* Cooperativas (1), Agricultura, conservação dos recursos naturais etc. — U.S.I.S.: "Cooperativas Rurais" (cooperativa de aves); "Como Cuidar da Terra" (colorido), "Lavouras Irrigadas", "Pastos que refrescam a Terra", "Conservação Caseira de Alimentos etc.
(A) Conservação dos Recursos Naturais — prod. Enciclopédia Britânica — U.S.I.S., S.C.E.
(1) Etá sendo terminado pelo Serviço de Recursos Audio-Visuais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de S. Paulo, Cidade Universitária, São Paulo, um filme sobre cooperativismo.

* (As) Crianças do México; As Crianças da China; As Crianças Esquimós; As Crianças da Holanda; As Crianças da Suíça etc. — prod. Enciclopédia Britânica — S.C.E. — S.A.V.
(O que) Deve Campinas à Sua Indústria — prod. J. Manzon — U.S.I.S.

Educação Rural — Série — I.N.C.E.: Captação D'Agua, Higiene Rural etc.
Energia de Paulo Afonso — prod. J. Manzon — C.N.G. (Conselho Nacional de Geografia)
* França: aspectos e costumes — filmes do Serviço Oficial de Turismo da França — Maison de France.

* Holanda — filmes do Serviço Holandês de Informação: A Dança dos Tamancos; A Holanda em Vinte Minutos; Crianças da Holanda; Terra Nova (drenagem do Zuiderzee); Ink (vida dos holandeses em seus barcos em rios e canais da Holanda) etc.
Nota: a Companhia Real Holandesa de Aviação tem filmes sôbre a Holanda, os países europeus em geral, Israel e Ilhas do Caribe.

(O) Homem na Cidade do Aço — prod. J. Manzon — S.C.E. (vida diária em Volta Redonda e aspectos da indústria siderúrgica).
Indústria — Série I.N.C.E.: Manganês — Fabricação de Rapadura etc. — I.N.C.E.

Nota: "Minério e Carvão", filme da Série "Indústria" relativo a Volta Redonda, é substituído com vantagem pela produção "O Homem na Cidade do Aço", mais adaptada ao nível de compreensão das crianças.
(O) Instituto Oswaldo Cruz — I.N.C.E.
(O) Manganês Desperta o Amazonas — S.C.E.
(Nas) Margens do S. Francisco — I.N.C.E.

* (Do) Papel ou Jornal — I.N.C.E.
Petroleo, meios de transporte etc. — Filmoteca Cultural da Shell Brazil Limited e filmoteca da Esso.
São Paulo, Transporte e Progresso (colorido: industria automobilística, estradas etc.) — U.S.I.S.

* Terra do Sol da Meia Noite — Emb. Canadá (esquimós da ilha Baffin).
* (Por) Terras da América — prod. Walt Disney (colorido: América do Sul e Central) S.C.E. U.S.I.S.
* Ti-Jean vai ao Campo — Emb. do Canadá (colorido: campos madeireiros do Canadá).
Trilhos para o Progresso — U.S.I.S. (colorido: reequipamento da rede paulista).

Nota: Há no U.S.I.S. um filme intitulado "Isto é a Rede Ferroviária Nacional" que será, talvez, de nível adequado ao 5º ano.

(O) Vale do Tennessee — U.S.I.S. (recuperação do vale pela construção de represas e outras providências)

(A) Vida em vários lugares do Mundo — filmes da Pan'American World Airway Inc.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

a) Nacional

- ABREU, J. Capistrano de — *Capítulos de História Colonial 1550-1800* — 4ª ed. — Rio de Janeiro, — Livr. Briguiet — 1954.
- ABREU, J. Capistrano de — *O Descobrimento do Brasil* — Ed. da Soc. Capistrano de Abreu — Anuário do Brasil — 1929.
- AMARAL, Luís — *História Geral de Agricultura Brasileira* — 1º vol. — São Paulo — Ed. Nacional, — 1939 (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B. 160).
- ARAGÃO, Henrique de Beurepaire — *Oswaldo Cruz e a Escola de Manguinhos (*)* — 2ª edição — Rio — Imprensa Nacional — 1955 — 36 págs.
- AS ATIVIDADES Agrárias no Brasil — 1º vol. — Rio, Ministério da Agricultura — Serviço de Informação Agrícola — 1939.
- AZEVEDO, Aroldo — *Geografia do Brasil* — 3ª ser. ginásial — S. Paulo — Ed. Nacional — (B.P.B. ser. 2. Livros didáticos).
- BAPTISTA, Pereira — *Vultos e Episódios do Brasil* — São Paulo, Ed. Nacional — (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B.).
- BASTIDE, Roger — *Brasil, Terra de Contrastes* — São Paulo, Difusão Européia do Livro — 1959 — 253 p.
- CABRAL, Padre Luiz Gonzaga — *Jesuitas no Brasil* — São Paulo, Cia. Melhoramentos — 1925 (Col. Inéditos e Dispersos, 3).
- CALMON, Pedro — *O Espírito da Sociedade Colonial — História do Brasil* — 1º tomo — São Paulo — Ed. Nacional — 1939 — (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B. 176).
- CARDIN, Fernão — *Tratado de Terra e Gente do Brasil* — 2ª edição — São Paulo — Ed. Nacional — 1939 — (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B. 168).

(*) Esse livro é distribuído pelo Instituto Oswaldo Cruz.

CALDEIRA, Clóvis — *Mutirão* (Formas de Ajuda Mútua no Meio Rural) — São Paulo — Ed. Nacional — 1956 — 222 p. — (Col. "Brasiliana", S. 5 B.P.B. 289).

CAMPANHA Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior — *Estudos de Desenvolvimento Regional* — Rio de Janeiro — CAPES — 1959 — (Série Levantamentos e Análises).

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — 1946

CORTESÃO, Jaime — *Cabral e Origens do Brasil* — Rio — Ministério de Relações Exteriores — 1944 — 173 p.

CORTESÃO, Jaime — *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil* — Rio de Janeiro — Ministério de Educação e Cultura — 1958 — 454 p. (Serviço de Documentação).

DEBRET, Jean Baptiste — *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* — São Paulo — Liv. Martins Ed. (Biblioteca Histórica Brasileira).

DEFFONTAINES, Pierre — *Geografia Humana do Brasil* — 2ª ed. — Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil — 1952 — 269 p. — ilust.

DELGADO de Carvalho — *Geografia Física e Humana do Brasil* — 8ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1949 — 256 p. — Ilust. (Ser. Ginásial e Colegial de Ciência Sociais).

DELGADO de Carvalho — *Elementos de Sociologia Educacional e Fundamentos Sociológicos de Educação* — 2ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nac. — 1956 — 283 p.

DIAS, Dr. Ezequiel Caetano — *Traços Biográficos de Oswaldo Cruz* — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional — Reimpresso das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz — Tomo XV — Fac. 1 1922 — 79 p. — Ilust.

DIEGUES JUNIOR, Manuel — *Regiões Culturais do Brasil* — Rio de Janeiro — MEC — INEP — 1960 — 535 p. — (Publ. CBPE, ser. 6 — Sociedade e Educação).

DESENVOLVIMENTO e Conjuntura (revista) — Rio de Janeiro — Confederação Nacional de Indústria — nº de fevereiro de 1962.

DUQUE, José Guimarães — *Solo e Água no Polígono das Secas* — Rio de Janeiro — Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Ser. I publ. 154).

EDMUNDO, Luiz — *O Rio de Janeiro do Meu Tempo* — Rio — Imprensa Nacional — 1938.

EDMUNDO, Luiz — *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis* (1763-1808) — Rio — Imprensa Nacional — 1932 — 549 p.

- ESBOÇO Gramatical — vocabulário, lendas e cânticos dos índios Ariti (Parici) — Rio de Janeiro — CNPI — Comissão Rondon — 1948. — 110 p. (Public. 78 CNPI).
- FERREIRA, Tito Livio — *Padre Manoel da Nóbrega Fundador de S. Paulo* — São Paulo — Ed. Saraiva, 1957, 261 p.
- FREYRE, Gilberto — *Casa Grande e Senzala* — 10ª ed. — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio, 1958 (Col. "Documentos Brasileiros").
- FREYRE, Gilberto — *Nordeste* — Rio de Janeiro, Liv. José Olympio — 1937 (Col. "Documentos Brasileiros").
- FREYRE, Gilberto — *Sobrados e Mucambos* — Rio de Janeiro — Liv. José Olympio (Col. "Documentos Brasileiros").
- FURTADO, Celso — *Formação Econômica do Brasil* — Rio — Ed. Fundo de Cultura — 1959 — 291 p. (Fundo Universal de Cultura, Estante de Economia).
- GUIMARAES, Inácia Ferreira, e outros — *Ciências Sociais na Escola Elementar* — 2ª ed. — M.E.C. — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — 1955 — 331 p.
- LAMBERT, Jacques — *Os dois Brasis* — Rio — MEC — INEP — Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1959 (Ser. Sociedade e Educação — Vol. nº 1).
- LEMOS, Britto — *Pontes de Partida para a História Econômica do Brasil* — 2ª ed. — São Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1939 — (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B. 155).
- LERY, Jean de — *Viagem à Terra do Brasil* (Tradução integral e notas de Sérgio Milliet) — São Paulo — Liv. Martins — 1941 (Biblioteca Histórica Brasileira — 7).
- LIMA, Figueiredo — *Índios do Brasil* — Prefácio do General Rondon — São Paulo — Ed. Nacional — 1939 — 348 p. (Col. "Brasiliana", ser. 5 B.P.B. 163).
- LIMA, Jorge de — *Anchieta* — 2ª ed. — Rio de Janeiro — Empresa Editôra ABC — 1937 — 210 p. — Ilust.
- LUZ FILHO, Fábio — *Cooperativas Escolares* — 4ª ed. refundida e atualizada — Rio — Serviço de Economia Rural — 1955 — 263 p.
- MAGALHÃES, Amilcar — *Impressões da Comissão Rondon* — 5ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1942 (Col. Brasiliana — Ser. 5 B.P.B. 211).
- MAGALHÃES, Couto de — *O Selvagem* — 3ª edição — São Paulo — Ed. Nacional — 1935 (Col. Brasiliana — Ser. 5 B.P.B. 52).

- MELLO, A. da Silva — *Nordeste Brasileiro* — Rio — Liv. José Olympio — 410 p. (Col. Doc. Brasileiros).
- MENEZES, Djacir — *O Brasil no Pensamento Brasileiro* — Rio de Janeiro — MEC — INEP — Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — 1957 — 567 p.
- METRAUX, A. — *A Religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos* — São Paulo — Ed. Nacional — 1950 — 405 p. — ilust. (Col. Brasiliana Ser. 5 B.P.B. 267).
- MINISTÉRIO, da Agricultura — S.P.I. — *Anuário das atividades do S.P.I.* — Rio 1954.
- MOOG, Vianna — *Bandeirantes e Pioneiros* — 3ª ed. — Pôrto Alegre — Ed. Globo — 1956.
- NASH, Roy — *A Conquista do Brasil* — Trad. de Moacyr Vasconcellos — São Paulo — Ed. Nacional — 1939 (Col. Brasiliana).
- NEIVA, Arthur — *Profilaxia da Malária e Trabalhos de Engenharia* — Instituto Oswaldo Cruz ("Separata" da Revista do Clube de Engenharia nº 70 — novembro e dezembro de 1940).
- NORMANO, J. P. — *Evolução Econômica do Brasil* — 2ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1945 — (Col. Brasiliana, Ser. 5 B.P.B. 152).
- NORONHA, Santos — *Meios de Transporte no Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro — Tip. Jornal do Comércio — 1934.
- OLIVEIRA, Candido de — *Índios e Sertanejos do Araguaia; Diário de Viagem* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — 1947.
- OLIVEIRA Octavio G. — *Oswaldo Cruz e as atividades na direção da Saúde Pública Brasileira* (*) — Serviços Graf. do. IBGE — 1955 — 35 p.
- OLIVEIRA Viana — *Evolução do Povo Brasileiro* — São Paulo — Ed. Nacional — 1938 — 349 p. — (Col. Brasiliana, Ser. 5 B.P.B. 10).
- OLIVEIRA Viana — *Populações Meridionais do Brasil* — vol. I — Ed. Nacional — 1938 (Col. Brasiliana, Ser. 5 B.P.B. 8).
- PEIXOTO, Afrânio — *Clima e saúde* — (introdução biográfica à Civilização Brasileira) — S. Paulo — Ed. Nacional — 1938 — 295 p.
- PEREIRA, Nunes — *Os índios Maués* — Rio de Janeiro — Organizações Simões — 1954 — 171 p. — ilust. (Col. Rex).
- (*) Esse livro é distribuído pelo Instituto Oswaldo Cruz.

- PESSOA, Laurita — *Epitácio Pessoa* — Liv. José Olympio Ed. — 1951 — 478 p. — (Col. Doc. Bras. vol. 47).
- PINTO, Estevão — *Etnologia Brasileira* — São Paulo — Ed. Nacional — 1956 — Col. Brasileira. Ser. 5 B.P.B. 285).
- PRADO Junior, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo* — Colônia — 5ª ed. — São Paulo — Ed. Brasiliense — 1960.
- PRADO Junior, Caio — *História Econômica do Brasil* — 3ª ed. — São Paulo — Ed. Brasiliense.
- PUBLICAÇÕES da Comissão do Vale do São Francisco.
- PUBLICAÇÕES da Companhia do Vale do Rio Doce.
- RAMOS, Arthur — *As Culturas Negras no Novo Mundo* — São Paulo — Ed. Nacional (Col. Brasileira Ser. 5 B.P.B. 249).
- REVASSEAU, Emile — *A vida dos índios Guaycurus* — 15 dias em suas aldeias (sul de Mato Grosso — 2ª ed. — São Paulo — 1941 — 324 p. — 2 mapas — (Col. Brasileira 60).
- RELATÓRIOS ANUAIS da CHESF — (1954, 1958 a 1961).
- RIBEIRO, Darcy — *Culturas e linguas indígenas do Brasil* — Sep. da Revista de Ciências Sociais nº 6. — Rio — C.B.P.E., — 1957 — 102 p.
- ROCHA Pombo — *História do Brasil* — 7ª ed. revista e atualizada por Hélio Vianna — São Paulo — Cia. Melhoramentos. — 1955
- ROIZ, Pe. Pedro — *Anchieta* — Salvador — Liv. Progresso — 1955 — 210 p.
- RONDON, Candido M. da Silva — *Índios do Brasil* (Cabeceiras do Xingu, Rio Araguaia e Oiapoque) — V. 2 — Rio de Janeiro — Ministério de Agricultura — Conselho Nacional de Proteção aos Índios — 1953 — (Publ. 98).
- RONDON, Frederico Augusto — *Na Rondônia Ocidental* — São Paulo — Ed. Nacional — 1938 — 280 p. — ilustr.
- ROOSEVELT, Teodoro — *Nas Selvas do Brasil* — 2ª ed. — Rio de Janeiro — Ministério da Agricultura — Serviço de Informação Agrícola — 1948 — 330 p. — ilustr.
- ROQUETE Pinto, Edgard — *Rondônia* — 5ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1950 — (Col. Brasileira Ser. 5 B.P.B. 39).
- RUGENDAS, João Maurício — *Viagem Pitoresca Através do Brasil* — São Paulo — Livr. Martins Ed. (Bibl. Histórica Brasileira).
- SALVADOR, Frei Vicente do — *História do Brasil* — (1500-1627) — 4ª ed. — São Paulo — Ed. Melhoramentos — 1954 — 476 p. — ilustr.

- SIMONSEN, Roberto C. — *História Econômica do Brasil* (1500-1820) — 3ª ed. — São Paulo — Ed. Nacional — 1957 — (Col. Brasileira — grande formato — ser. 5, B.P.B., 10).
- SOUTHEY, Robert — *História do Brasil* — Tomo I — 2ª ed. — tard. de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro — Salvador — Liv. Progresso — 1948 — 300 p.
- STADEN, Hans — *Viagem ao Brasil* — Salvador — Ed. Progresso — 1955 — (Col. Estudos Brasileiros — Ser. Cruzeiro, 10).
- TAUNAY, Afonso E. — *João Ramalho e Sto. André da Borda do Campo* — 1936 — 322 p.
- VARNHAGEN — *História Geral do Brasil* — tomo I — 6ª ed. — São Paulo — Cia. Melhoramentos (5ª integral).
- VASCONCELLOS, Simão de — *Vida do Venerável Padre José de Anchieta* — Rio de Janeiro — Ministério de Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — 1943 — 2 v.
- VIANNA, Hélio — *Estudos de História Colonial* — São Paulo — Ed. Nacional — 1948 — 318 p. (Col. Brasileira, ser. 5 B.P.B. 261).
- VIANNA, Hélio — *História da República* — *História Diplomática do Brasil* — São Paulo — Cia. Melhoramentos — 285 p.
- VIEIRA, Celso — *Anchieta* — S. Paulo — Cia. Ed. Nacional — 1949 — 437 p. (Col. Brasileira, Ser. 5 B.P.B. 262).

b) Estrangeira

- BELGIQUE, *L'Enseignement de l'Histoire* — Ministère de l'Instruction Publique-Direction Générale de l'Enseignement Primaire et Normal — 1952.
- BERTRAND, A. J. C. e outros — *La Géographie* — 2ª ed. — Bourrellet, 1957 — 125 p. — ilustr. (Cahiers de Pédagogie Moderne).
- CHASE, W. Linwood — *Wartime Studies in the Elementary School* — Washington — 1943 — 51 p. (Curriculum Series, 3) — The National Council for the Social Studies.
- CITIZENSHIP, Education Project — Teachers College — New York — Columbia University.
- DORRIS, Fern E. e Tapp, M. Virginie — *Learning to Look at Our World* — N. York — Silver Burnett Company.
- DUCHEMIN, Charles — *Iniciation a la Vie Civique* — 10ª ed. — Genève — Dep. de l'Instruction Publique — 1955.

- EVERYDAY Weather and How it Works — New York — Mc Graw-Hill Book Company.
- FRANQUET, Marcel — *Centres d'Intérêt et Etude du Milieu* — Travaux réalisés dans des écoles rurales — Liège, Desoer — 1947 — 182 p. — ilust. (Col. "Plan d'Études", 18).
- GREENE, Harry — *Measurement and Evaluation in the Elementary School* — New York — Longmans — 1958 — 617 p.
- HANDBOOK For Geography Teachers — London — University of London — Institute of Education—Standing Sub Committee in Geography — 1955.
- HILLIARD, Pauline — *Improving Social Learnings in the Elementary School* — Studies in Education — New York, Columbia University — 1954 — Teachers College Bureau of Publications.
- HILLIARD, Pauline — *Social Studies in Education* — New York — Columbia University — Teachers Colleg Bureau of Publications.
- JADOT, Emilio — *L'Ecole Ouverte sur la Vie* — Liège, Ed. Desoer — 1952 (Col. "Plan d'Études", 21).
- JAMES, Preston E. — Editor — *Twenty-ninth Yearbook of the New Viewpoints in Geography* — Washington — National Council for the Social Studies — 1959.
- JOLLY, B. — *Au Fil des Saisons* — 14è ed. — Paris — Librairie Fernand Nathan.
- JOSSERAND, L. — *L'Enseignement de l'Histoire* — Paris — Ed. Bourrellet — 1947 — (Cahiers de Pédagogie Moderne).
- LANGE, Edouard — *J'Étudie ma Région* — Liège — Ed. Desoer — 1958 — (Col. "Plan d'Études", 12).
- L'ESPANSIONE Scolastica — Roma — Quederni di "Scuola Europea" — Fratelli Palombi — 1960.
- MARÉCHAL, Paul et Eugène Decteil — *Comment Enseigner la Géographie Locale et Régionale* — Paris — Press Fernand Nathan Ed. — 1958 — 217 p.
- MARÉCHAL, Paul — *Comment Enseigner l'Histoire Locale et Régionale* — Paris — Fernand Nathan Ed. — 1947 — 189 p. (Bibliothèque Pédagogique, 3).
- MARRERO, Levi — *La Tierra y Sus Recursos* — Havana — Publicaciones Cultural S.A. — 387 p. — ilust.
- McCONNERY, W. R. — *Life in Others Lands* — Miami University — Department of Geography — Webster Publishing Co. —

- MICHAELIS, John — *Social Studies for Children in a Democracy* 2^a ed — New York — Englewood Cliffs — Prentice Hall, Inc. — 1956 — 523 p.
- MIDDLEBROOK, Pearl H — *My Book about the American Continents* — *Elementary Geography* — Silver Burnett Co. — 1951 — 158 p.
- NOLL, Victor H. — *Introduction to Educational Measurement* — Boston — Houghton Mifflin Company — The Riverside Press — 1957.
- PAQUOT, Madeleine Bartholomé — *J'Étudie ma Ville; étude d'un Milieu Urbain* (Leçons faite dans les écoles de Liège et de Hérsstal) — Liège — Ed. Desoer — 1938 (Col. "Plan d'étude, 8).
- POITIER, R. — *L'Étude du Milieu dans une Petite Ecole* — Liège — Ed. Desoer (Col. "Plan d'étude, 9).
- RAVERA, Alfredo — *Apreciación de los Resultados de la Accion Educativa* — Buenos Aires — Editorial Kapelusz — 1953 — 181 p.
- REINHARD, Marcel — *L'Enseignement de l'Histoire et ses Problèmes* — 1^{er} ed. — Paris — Press Universitaires de France — 1957 — 142 p. (Nouvelle Encyclopédie Pédagogique).
- ROBINS, W. Justman — *Evaluation in Modern Education* — New York American Book Company — 1956.
- SELECTED Programs of Social Studies Instruction — Detroit, Michigan — Social Studies Program for Grades 7-9.
- SOCIAL Education of Young Children — Kindergarten — Primary Grades — National Council for the Social Studies — Miami University — 1956 — (Curriculum Series n° 4).
- SOCIAL Studies (Grades 5-6) New York — Board of Education — 1951-1952 — (Curriculum Bulletin, 4).
- SOCIAL Studies (Grades 7, 8, 9) — A Guide for Teachers — New York, — Board of Education — 1952 — (Curriculum Bulletin, 5).
- SOCIAL Studies Curriculum Guide — Illinois — Committee of Faculty and Citizens of the Village — Winnetka Public Schols — 1957.
- SOCIAL Studies for Older Children; Washington, D. C. — National Council for the Social Studies — Programs for grades 4, 5, 6 (Curriculum Series, 5).
- SOCIAL Studies for Young Adolescents 9 — Washington D.C. — National Council for the Social Studies — Programs for Grades 7, 8, 9 — 1951 (Curriculum Series 6).

- SOCIAL Studies Years 1-12 — Public Schools North-Carolina, State Superintendent of Public Instruction — 1952.
- SOCIAL Studies — Planning for Effective Learning — Maryland — Issued by the Maryland State Department and Education for the Superintendents Committee on Curriculum and Supervision — 1956.
- STRATEMEYER, Florence B. and others — Guides to a Curriculum for Modern Living — New York — Columbia University-Teachers College— Bureau of Publications — 1952.
- THEMAN, Viola — *A Good School Day* — New York — Columbia University-Teachers College — 1950.
- TONET, Ernest — *Du Clocher Natal à l'Histoire de Mon Pays* — Liège — Ed. Desoer — 1952 — (Collection "Plan d'Etudes", 20, — 2ª ed. —
- TROW, William Clark — *Lookin Toward a Vocation* — 2ª ed. — New York — McGraw-Hill Book Company — 1954 — (The Junior Citizen Series) — 64 p. — ilust.
- TROW, William Clark — *You and Your Friends* — 2ª ed. — New York — McGraw-Hill Book Co. — The Junior Citizen Series — 1955 — 72 p. — ilust.
- WESLEY, Edgar Bruce and Mary A. Adams — *Teaching Social Studies in Elementary Schools* — Boston — D. C. Heath and Company — 1952 — 466 p.
- WILLIS, Benjamin C. — *Teaching Guide for the Social Studies* — Chicago Public Schools — 1955.

ÍNDICE GERAL

Biblioteca do Professor Brasileiro	11
Introdução	13
Prefácio	17

1.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS A CRIANÇA EM SEU NÓVO AMBIENTE

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 1º ANO

Objetivos: hábitos, atitudes, conhecimentos	27
---	----

Capítulo 2

A CRIANÇA EM SEU NÓVO AMBIENTE	29
Condições que favorecem a ambientação	29
Aquisição de hábitos e atitudes convenientes	30
Dificuldades de ambientação	31
Colaboração entre pais e professores	32

Capítulo 3

ACÇÃO DA ESCOLA	35
Atenção às necessidades da criança relativamente à vida em família	36
Formação e desenvolvimento de hábitos de bom convívio social e de trabalho	37
Hábitos de higiene; o aprêço à saúde física	37
Outros hábitos de bom convívio social; hábitos de trabalho	40

Exercícios de observação:

Na sala de aula e na escola, em geral	42
No caminho que leva à escola	43
Registro das observações de fenômenos atmosféricos	45
Aquisição de instrumentos de trabalho (maquetes, planificações)	48

Capítulo 4

VALORIZAÇÃO DE FATOS E HOMENS DE INTERESSE HISTÓRICO E AQUISIÇÃO DE NOÇÕES BÁSICAS PARA A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA	50
--	----

Capítulo 5

SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

Construção da casa da boneca	55
Confeção do mobiliário e arrumação da casa da boneca	57
Confeção dos bonecos que irão constituir a família, de seus respectivos vestuários e dos animais de estimação da casa	58
Brincar de família com os bonecos	60
Organizar uma feira de brinquedo e brincar de feira ..	62
Construção de circo de brinquedo e respectivo elenco ..	65
Brincar de circo	66
Comemoração do Dia da Árvore e da entrada da Primavera	69

Capítulo 6

AValiação DO RENDIMENTO ESCOLAR PARA ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE DA PROFESSORA	71
Avaliação pela professora	71
Apreciação professor-aluno	72
Auto-avaliação	73

2.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS A COMUNIDADE E O TRABALHO

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 2º ANO	77
Objetivos e programa	

Capítulo 2

A COMUNIDADE E O TRABALHO

O sentido da comunidade — A interdependência	80
A valorização do trabalho na comunidade — Ação da escola	81
A comunidade rural	82
A boa-vizinhança na comunidade	83
A boa-vizinhança na escola	84
As características da criança de oito anos e como aproveitá-las no interesse da aprendizagem	84

Capítulo 3

ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE

O comércio	86
A indústria	87
Aspectos sociais da comunidade vividos pelas crianças, na escola	88
Aspectos ligados à Higiene e Saúde — Estímulo à utilização dos serviços de saúde da comunidade	90

Capítulo 4

A LOCALIDADE

Observações dos aspectos geográficos em correlação com a vida econômica e social da comunidade	92
Registro de observação de fenômenos atmosféricos	95
Representação material da localidade	97

Capítulo 5

INTERESSE HISTÓRICO E COMPREENSÃO DE CONCEITOS HISTÓRICOS	99
Gráficos das gerações	101

Capítulo 6

ENTREVISTAS E EXCURSÕES

Entrevistas	103
Necessidade de planejamento	104
Registro das observações	105
Outras considerações	106

Excursões	106
Planejamento da excursão	107
A excursão	108
Atividades de linguagem e matemática decorrentes das entre- vistas e excursões	110

Capítulo 7

ATIVIDADES SUGERIDAS:

Correio Escolar	112
Organização de uma farmácia	115
Organização e funcionamento de uma loja de doces	118
Execução de um diorama ou maquete rudimentar	121
Outras atividades decorrentes dos trabalhos programados para o segundo ano	122

Capítulo 8

AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR	124
Sugestões para exercícios de fixação que servem também para avaliação das informações e dos conhecimentos adquiridos	127

3.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS NOVAS FORMAS DE VIDA E APROVEITA- MENTO DOS RECURSOS NATURAIS NO SEN- TIDO DA MELHORIA E PROGRESSO DAS CONDIÇÕES DE VIDA.

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 3º ANO	
Objetivos e programa	131

Capítulo 2

A BOA-VIZINHANÇA E A INTERDEPENDÊNCIA NAS RELAÇÕES ENTRE AS COMUNIDADES	135
Comunidade urbana	136
Conceitos político-administrativos	139
Conhecimentos a adquirir	141

Capítulo 3

O HOMEM E O APROVEITAMENTO DOS RECURSOS LOCAIS RELATIVAMENTE AS NECESSIDADES PRIMÁRIAS

Como conduzir a criança a experiências de aprendizagem ..	142
Aspectos de Higiene e Saúde ligados à vida local	143
Aproveitamento dos recursos naturais	145
Interdependência entre o ambiente físico e as atividades hu- manas	148
Os fenômenos da atmosfera	149
Os fenômenos naturais, o solo e os acidentes físicos	157
Aproveitamento e valorização de produtos da localidade	159
Conservação e recuperação dos produtos naturais	161
Atividades escolares no sentido da conservação e recuperação de recursos	161
Condições de trabalho no passado e no presente	163
Conhecimentos a adquirir	165

Capítulo 4

ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA NO SENTI- DO DE ADAPTAÇÃO E MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA

Os portugueses à época do Descobrimento	167
O indígena	168
O colonizador	169
O negro	170
Contribuição dos jesuítas	171
Os jesuítas, o silvícola, o negro e o colonizador — perso- nagens da História	172
Evolução de aspectos essenciais de vida — Contribuição para a formação do conceito de História	173
Como tem evoluído a habitação no Brasil	174
Como se formaram e evoluíram nossos hábitos alimentares ..	176
Os meios de locomoção e transporte, no Brasil	179
Conhecimentos a adquirir	183

Capítulo 5

INSTRUMENTOS DE ESTUDO A ADQUIRIR E UTILIZAR

Excursões no 3º ano	186
Preparando a criança para a leitura inteligente de mapas ...	190
O globo terrestre e o mapa	194

Capítulo 6

ATIVIDADES SUGERIDAS:	197
Uma exposição	202
Clubes e organizações, em geral	204
Organização interna de um clube — Atividades de um clube	204
Clube dos amigos da escola	206
Preparo de uma horta	209
Locação de terras	212
Organização de um «cinema»	

Capítulo 7

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS E FIXAÇÃO DE NOÇÕES NO 3º ANO	217
Avaliação pelos alunos	217
Hábitos e atitudes formativas	219
Habilidades no uso de técnicas e de fontes de estudo	220
Conhecimentos e informações	224
Avaliação pela professora	

4.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS A REALIDADE BRASILEIRA

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 4º ANO	229
Objetivos e programa	

Capítulo 2

A CRIANÇA E O CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA	232
Sentido da aprendizagem	
Aprendizagem facilitada pelas características da criança aos 10 anos	234
Compreensão de aspectos históricos	235

Capítulo 3

CLIMA E CONDIÇÕES DE VIDA	237
Introdução ao estudo do clima no 4º ano	238
Fatores de influência no clima	239
Conclusões a respeito do clima, no Brasil	240

Capítulo 4

PROCESSOS DE OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO	
Introdução ao estudo das regiões no Brasil	241
Sentido da aprendizagem	242
Panorama da ocupação	
ocupação litorânea	245
ocupação mediterrânea	247
A mineração intensificando o povoamento	248
Aspectos da ocupação nas diferentes regiões	
Região Nordeste	249
Região Leste	253
Região Meridional	254
A estância — motivo de pesquisa	256
Região Centro-Oeste	257
Região Norte	258
Alguns aspectos regionais que auxiliam a caracterizar a vida em cada uma dessas regiões:	
Na Região Norte	260
Na Região Meridional	261
Etnias emigradas — motivo de pesquisa	263
Na Região Nordeste	266
Na Região Leste	268
Na Região Centro-Oeste	269

Capítulo 5

Desenvolvimento da noção de tempo	271
Como se vão sucedendo os fatos históricos	273
A criança e o mercado do trabalho	279
Festas cívicas	280

Capítulo 6	
INSTRUMENTOS DE ESTUDO A UTILIZAR	
O globo-terrestre e o mapa no 4º ano de Estudos Sociais ...	283

Capítulo 7	
Trabalho de equipe	286
Atividades de Pesquisa	289
Outros recursos para a aprendizagem	290
Jogos didáticos	291
Teatro Escolar	292
O cartaz — O quadro mural	293
Flanelógrafo	294
Os livros, as gravuras, os diapositivos, diafilmes e filmes	294
Excursões no 4º ano (informações para o professor)	295

Capítulo 8	
ATIVIDADES SUGERIDAS	
Organização de um clube	302
Atendimento aos interesses da criança	302
A importância dos clubes na escola	304
O Clube dos Brasileirinhos (exemplificação)	305
Organização do clube	306
Organização geral	306
As reuniões de trabalho	306
As promoções do clube	307
Instituições anexas	307
Departamento recreativo	308
A biblioteca do clube	308
O museu — setor do clube	309
As representações gráficas e o clube	310
Programas inaugurais	314
Prática da Democracia	316
Uma experiência de eleição democrática	318
Oportunidades de aprendizagem	320
Brasília, Capital do Progresso	320

Capítulo 9	
AVALIAÇÃO	
Com respeito a hábitos e atitudes sociais	322
Com respeito a conhecimentos e habilidades	323
Com respeito a conhecimentos e habilidades	324

Capítulo 10	
PROGRAMA	
.....	330

5.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS CIDADANIA FUNDADA NO CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

Capítulo 1	
5.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS	
Objetivos e programa	335

Capítulo 2	
SENTIDO DA APRENDIZAGEM	
A cidadania efetiva e os interesses da Comunidade Nacional	340
Interesses da idade e seu aproveitamento no sentido dos objetivos visados	344
Experiência de organização de campanha de âmbito escolar — iniciando as crianças na compreensão do sistema federativo de governo	346
O sistema federativo de governo; a Constituição Federal e os Três Podêres da República	349

Capítulo 3	
HIGIENE E SANEAMENTO	
Importância da educação sanitária no Brasil	357
Saúde — «Conquista do esforço e do conhecimento humanos»	358
Saneamento da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal	360
Pesquisa e estudos — necessidade de equipes de trabalho	362
Medidas gerais de saneamento — combate aos males de mais grave incidência no Brasil	363

Capítulo 4	
PLANEJAMENTO E AÇÃO NO SENTIDO DA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA	367
Amazônia	372
Nordeste	375
Exemplo de trabalho de governos passados relativamente aos problemas do Nordeste	378
Interesse pelas condições de vida no Médio São Francisco	384
Regiões Centro-Oeste, Sul e Leste	384
Apreciação de problemas comuns	384

Capítulo 5	
INFORMAÇÕES DE INTERESSE SOBRE AS ATIVIDADES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, NO BRASIL	387
Necessidade de mais amplos conhecimentos em relação à troca de produtos	389

Capítulo 6	
INDÚSTRIA — ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL	392
Oportunidade para ressaltar importantes aspectos de Educação Cívica	396

Capítulo 7	
TRABALHO E EDUCAÇÃO	398
Valorização da agricultura cientificamente orientada ..	402
Concessões de bolsas de estudo para todos os cursos de nível médio	403

Capítulo 8	
Governos republicanos do Brasil	406
Relações diplomáticas do Brasil	409
Organização das Nações Unidas	410

Capítulo 9	
Aplicação de instrumentos de trabalho já adquiridos	412
Levantamento das condições locais	414
Excursões, visitas e entrevistas	415

Capítulo 10	
Alguns dados estatísticos — como auxílio ao professor	416

Capítulo 11	
ATIVIDADES SUGERIDAS	
O jornal escolar	420
Sugestões para a constituição de um corpo de servidores do jornal escolar	421
Sugestões sobre assuntos que podem interessar o público de um jornal infantil	422
Notícias a destacar periodicamente	424
Atividades que decorrem dos trabalhos relativos ao jornal	424
O jornal e o conteúdo das matérias do programa	425
Organização de uma cooperativa	
O cooperativismo — a importância das cooperativas	428
As cooperativas e a escola	429
Cooperativas de produção	429
Cooperativas de consumo	432
Os estatutos da cooperativa	433
Símbolo do cooperativismo	438
A cooperativa e a aprendizagem — Os estudos sociais e as demais disciplinas	438

Capítulo 12	
Avaliação	440

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA AUXILIAR	
I — LIVROS PARA O ALUNO	
Livros que atendem ao 1º ano escolar	447
Importância do lar	447

Vida Infantil	447
Hábitos, atitudes, sentimentos	448
Livros infantis estrangeiros	449
Ilustrações para o 1º e 2º anos escolares	450
Livros que atendem ao 2º ano escolar	450
Comunidade, vida em família, atividades infantis	452
Divertimentos da comunidade	452
Meios de transporte	452
Hábitos, atitudes, sentimentos	453
Livros de leitura graduada	454
Livros estrangeiros infantis	455
Livros que atendem ao 2º e 3º anos escolares	455
Leituras e poesias	457
Livros que atendem ao 3º ano	457
Comunidade urbana	457
Higiene	457
Vida no campo	458
Indígenas	458
Hábitos, atitudes, sentimentos	459
Livros de leitura graduada	460
Livros que atendem ao 3º e 4º anos escolares	460
O desenrolar de nossa História	461
Fatos esparsos de nossa História	461
Livros de leitura graduada	465
Livros que atendem ao 4º ano escolar	465
Fatos e vultos da História do Brasil	467
Lendas e mitos	467
Satisfação das necessidades primárias do homem	468
Estados e cidades do Brasil	469
Livros de leitura graduada	473
Livros que atendem ao 4º e 5º anos escolares	473
O desenrolar de nossa História	473
Geografia	474
Atlas	474
Cooperativismo	475
Vida no campo	475
Folclore	475
Assuntos variados	475
Livros que atendem ao 5º ano escolar	476
A Economia Brasileira	476
Assuntos variados	476
Vida em outras terras	477

Pequenos históricos	477
Hábitos, atitudes, sentimentos	478
Conhecimentos de puericultura	478
Livros de leitura graduada	478

II — LIVROS COM INFORMAÇÕES PARA O PROFESSOR

Publicações diversas sôbre o Brasil e o mundo	480
Agricultura e problemas relacionados	480
Higiene	481
História do Brasil	481
Geografia do Brasil	482
Cidades Brasileiras	484
Históricos sôbre habitação, alimentação, vestuário e transportes no Brasil — Os usos e costumes coloniais — elementos formadores do povo brasileiro	489
Museus	490
Técnicas de trabalho	490
Sugestões de exercícios de verificação	491
Assuntos variados	491
Atividades artísticas	491

III — OUTROS RECURSOS AUXILIARES

Filmes e diafilmes	495
--------------------------	-----

IV — BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Nacional	500
Estrangeira	505

☆
ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S.A., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
EM 1962.

☆



M. E. C.
PROGRAMA DE EMERGÊNCIA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA